

FABIO DE MORAES

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A CONTRIBUIÇÃO DA METODOLOGIA CALLEJERA NOS CONHECIMENTOS ATITUDINAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Yara Aparecida Couto

Coorientador: Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Junior

SÃO CARLOS – SP
2020

Moraes, Fabio de

Educação Física Escolar e a contribuição da Metodologia Callejera no Conhecimentos Atitudinais / Fabio de Moraes -- 2020.
193f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Yara Aparecida Couto, Coorientador (a): Osmar Moreira de Souza Junior
Banca Examinadora: Daniela Godoi Jacomassi, Maurício Mendes Belmonte
Bibliografia

1. Educação Física Escolar. 2. Metodologia Callejera. 3. Saberes Atitudinais. I. Moraes, Fabio de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Dedico esse trabalho a todos/as que um dia sonharam em fazer o ProEF, e levando o sonho a frente oportunizaram que pessoas pudessem realizar o Mestrado.



AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são muitos, pois sinto em mim o conceito africano de *Ubuntu*, nesse sentido, quem sou hoje é parte do reconhecimento que sinto da influência que outrem causaram em mim. Portanto minhas primeiras palavras vão no sentido de agradecimento ao meu pai e minha mãe que sempre me mostraram a importância do estudo e me incentivaram, se sacrificando para que eu pudesse seguir na formação acadêmica.

Minha esposa/companheira e filha que deram todo tipo de suporte nas nossas vidas. Meus sogro e sogra, exemplos a ser seguidos de respeito, educação e sabedoria. Irmãs e Irmãos, que estão longe geograficamente, porém perto em meus pensamentos. Sobrinhos e sobrinhas, os/as quais me puxam para um retorno a infância. Madrasta, cunhados e cunhada, tios/as e a extensão da família deles que de alguma maneira fez com que eu chegasse a reflexões importantes sobre a vida.

Ah, o que dizer de minha orientadora Profa. Yara Couto que sempre me motivou e conduziu com doçura pelos caminhos da construção desse trabalho. Aos/s professores/as de minha banca Daniela Jacomassi e Maurício Belmonte que fizeram apontamentos significantes para melhoria da Dissertação. Profs. Drs. Osmar e Glauco, que estiveram mais próximos durante as aulas.

Outros professores do Mestrado Profissional de Educação Física em Rede Nacional (ProEF), professores e alunos do Núcleo Unesp Rio Claro, e os amigos que estiveram mais perto. Além dos profs. Luiz, Edson, Nathan, Tiago, Júlio, Bruno, Flávio e tantos outros/as com quem aprendi e compartilhei minhas descobertas com a pesquisa.

O pessoal das escolas que passei e com quem trabalho, gestão, professores/as e alunos/as. Todos/as que encontrei no Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), grupo de estudo incrível que fez com que eu despertasse para as Epistemologias do Sul.

As professoras que sempre lutaram para a implantação e manutenção do programa Suraya, Denise e Maria Cândida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

À capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

A todos/as que trocaram saberes comigo. “Eu sou, porque nós somos”



MORAES, Fabio. **Educação Física Escolar e a Contribuição da Metodologia Callejera nos Conhecimentos Atitudinais**. 2020. 193f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

RESUMO

Esse trabalho é resultado da realização de uma pesquisa ação aplicada em uma escola pública na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo, com crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, nas aulas de Educação Física Escolar. As aulas foram planejadas para o desenvolvimento do conteúdo esportes de invasão e, para tanto, elaboramos uma Unidade Didática a respeito desse tema. Foram realizadas 19 intervenções que subsidiaram a construção de 16 diários de campo. O estudo verificou os processos educativos que ocorreram no campo atitudinal por meio da Metodologia *Callejera* no desenvolvimento de jogos na Educação Física Escolar. A Metodologia *Callejera* provém do *Fútbol Callejero* – uma prática de Educação Popular originada na Argentina. Essa metodologia preconiza um jogo desenvolvido em três tempos: no 1º Tempo são definidas as regras da partida, podendo incluir, alterar ou subtraí-las; no 2º Tempo, ocorre o jogo propriamente dito, e no 3º Tempo, também chamado de Mediação, é definido o time vencedor. O placar do jogo no 2º Tempo não é determinante na indicação do time vencedor, pois as equipes deverão demonstrar o cumprimento dos chamados Pilares, a saber: Respeito, Companheirismo e Solidariedade. A estes são atribuídos valores que serão computados na composição do placar final. Nesse jogo, as equipes são compostas obrigatoriamente, por meninos e meninas e não há a presença de um árbitro/a. Deste modo, a anotação das regras, o acompanhamento do jogo e a facilitação do diálogo final para validação dos pontos são realizados por um/a Mediador/a. Os dados da pesquisa foram coletados através da observação das aulas e transcritos em forma de diários, compondo as notas de campo. Para a elaboração das notas de campo, utilizamos áudios das intervenções, gravados através de um *smartphone*, os quais serviam para disparar memórias sobre os ocorridos. O retorno e análise das notas de campo desvelaram questões de competição e de gênero, que se repetiram em vários momentos. Os trechos foram reunidos compondo duas categorias, que foram nomeadas de acordo com falas de alunos. Sendo: “Mas ele ééé boooom!”, na qual apareceram questões relativas a competição e “As meninas ficam fazendo unha!”, com as questões relativas ao gênero. A partir da aplicação da Metodologia *Callejera*, portanto, foi possível notar que emergiram processos educativos e troca de saberes, dentre eles a solidariedade devido ao compartilhamento de jogadores para que os times ficassem equilibrados e o desvelamento de estereótipos femininos quanto à utilização de maquiagem e práticas esportivas. Assim foi desenvolvido o trabalho com as habilidades socioemocionais preconizadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Metodologia *Callejera*. Saberes Atitudinais.

MORAES, Fabio. **Educação Física Escolar e a Contribuição da Metodologia Callejera no Conhecimentos Atitudinais**. 2020. 193f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

ABSTRACT

This work is a result of a culmination of an Action Research applied on a Public School in the city of São Carlos, São Paulo, with fifth grade Elementary School children at the School of Physical Education. The classes were planned for the development of the Invasion Sports Content, Therefore, I have prepared a Didactic Unit about this theme. Nineteen interventions were completed which led to the construction of 16 camp diaries. The study acknowledges the contribution of *Callejera* Methodology at the educative process that can occur in the attitudinal camp. The *Callejera* Methodology comes from *Fútbol Callejero* – a popular Education practice originated in Argentina. This methodology is composed of a game developed in three Times. In the 1st time the rules of the game are defined and all the participants can include, change or abolish the rules. In the 2nd time, the actual game takes place. In the 3rd time also called Mediation the winning team is defined by the points count. The score of the game in the 2nd Time is not the final determining factor of the winning team because the teams need to demonstrate the accomplishment of the Pillars: Respect, Togetherness and Solidarity. These are attributed values that will be calculated to reveal the final score. In this game the teams are mixed, so, that each team is composed of boys and girls. This is compulsory and there is no arbitration by a judge. In this way the adherence to the rules, the follow up to the game and the facilitation of the final dialogue leading to the validation of the points is done by a Mediator. The data of the research were collected through class observation and were transcribed in diaries *composing* the camp note. To the elaboration of the camp notes, were used audios of the intervention recorded on a smartphone. This served to elicit memories about the sequence of events that occurred. The return and analysis of the camp diaries elicited questions about competition and gender that has been repeated in several instances. Those parts were collected composing two categories which were named according to the comments of the students. For example: “But he is great!” showing questions related to competition and “The girls keep doing their nails!” with questions related to gender. Therefore, throughout the application of *Callejera* Methodology, we witnessed that emerged educative process and were gain new knowledge, especially the Solidarity due to the sharing of the players to the balance of the teams and the break of the female stereotypies about using makeup and sport practices. Thus were developed the work with the social and emotional skills recommended by the Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Key-words: School Physical Education. *Callejera* Methodology. Atitudinals Knowledge.

SUMÁRIO

1	QUANDO RECEBI O PRIMEIRO PASSE DE BOLA - INTRODUÇÃO	11
1.1.	O QUE EU QUERO QUANDO ESTOU JOGANDO? - OBJETIVO	14
2	NA TRILHA - REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1.	PREPARANDO PARA JOGAR	15
2.1.1.	A rua fértil	19
2.1.2.	No caminho para a Escola	21
3	1º TEMPO - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	27
3.1.	O CAMPO DO JOGO - UNIVERSO DA PESQUISA	27
3.2.	OS JOGADORES - PARTICIPANTES	28
3.3.	O QUE USAMOS PARA JOGAR - INSTRUMENTO	29
3.4.	AS “FOTOS” QUE TIRAMOS - PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	30
3.5.	CONTANDO PARA OS OUTROS - PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS	30
3.6.	AS REGRAS INDISCUTÍVEIS - ASPECTOS ÉTICOS	32
4	2º TEMPO - O JOGO: DESENVOLVIMENTO	33
	Quadro 1 - Categorias e unidades de significado (continua).	36
5	3º TEMPO – MEDIAÇÃO	38
5.1.	MAS ELE ÉÉÉ BOOOOM! - CAPITALISMO	38
5.2.	AS MENINAS FICAM FAZENDO UNHA! - PATRIARCADO	46
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS - PRORROGAÇÃO DO JOGO	55
	REFERÊNCIAS	60
	APÊNDICES	64
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	64
	APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	66
	APÊNDICE C - PLANO DE TRABALHO DOCENTE	68
	APÊNDICE D - UNIDADE DIDÁTICA	75
	APÊNDICE E - DIÁRIOS DE CAMPO	88
	APÊNDICE F - PRODUTO EDUCACIONAL - UNIDADE DIDÁTICA EM JOGOS DE INVASÃO	190
	ANEXO	191
	ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO	191
	ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	192

1 QUANDO RECEBI O PRIMEIRO PASSE DE BOLA - INTRODUÇÃO

Há alguns anos, após ter entrado em contato com o *Fútbol Callejero* através de um estagiário de Educação Física que recebi na escola, senti-me atraído por essa metodologia e a maneira de se desencadear a atividade realizando um jogo organizado em três Tempos.

Essa atividade ocorre da seguinte maneira: em uma conversa inicial entre todos/as participantes (1º Tempo) ocorre o estabelecimento das regras do jogo que será realizado, daí, logo em sequência, temos o jogo propriamente dito (2º Tempo) que acontecerá após terem sido acordadas as regras e, finalmente, temos as discussões que acontecerão no 3º Tempo, também chamado de Mediação, no qual ocorre a contagem do placar para além do resultado do jogo. Nesse momento todos/as envolvidos se reúnem e verificam a pontuação final considerando também os quesitos Respeito, Cooperação/Companheirismo e Solidariedade. A verificação desses Pilares é auxiliada por um Mediador/Mediadora e são disparadas pelas ações que ocorreram no jogo.

A construção e processo histórico desse jogo tem sua origem em um bairro periférico da metrópole Buenos Aires, Argentina. Seu nome remete às ruas, tradução da expressão em espanhol “*calle*” (BELMONTE; SOUZA JUNIOR, 2017). Trarei maiores detalhes no Capítulo Na trilha – Revisão de literatura.

Em outros momentos da minha trajetória enquanto educador fui vivenciando tal prática, e assim aprendendo mais sobre o *Fútbol Callejero*, e o desenvolvimento de atividades nas aulas pautado nesses três Tempos com o objetivo de construir valores chamados de Pilares.

Ao mesmo tempo que fui aprendendo através de diálogos com outros/as estudantes e estagiários/as que recebia na escola, realizei pesquisas e conversas com professores/as que já haviam proposto atividades nesse sentido.

Logo que tive contato com esses saberes, me senti motivado a experimentar o jogo em três Tempos em classes que continham alunos/as que frequentavam um projeto social no bairro que escola está inserida, e conheciam o *Fútbol Callejero* e queriam apresentar a modalidade aos/as seus/suas colegas de sala.

No decorrer dos anos, fui fazendo algumas experiências em aulas quando desenvolvia o trabalho com esportes de invasão, conteúdo previsto no Currículo Paulista. No entanto, tive muita dificuldade em desenvolver o trabalho com

essa metodologia, visto que faltava uma vivência mais profunda de minha parte, ou seja, uma maior intimidade com o desenvolvimento da atividade. Por vezes a dinâmica metodológica era interrompida sem, no entanto, ocorrer uma finalização adequada do 3º Tempo, impedindo assim uma reflexão mais profunda sobre as situações conflituosas ocorridas no decorrer do jogo e toda discussão desenvolvida nesse momento de minha parte ou dos alunos.

Mais especificamente em 2017, tive a oportunidade de receber um aluno do último ano de graduação em Educação Física que estava escrevendo sobre a construção de valores através das intervenções do “*Fútbol Callejero*” na Educação Física Escolar, como trabalho de conclusão de curso. Essa pesquisa foi desenvolvida em aulas propostas em uma das classes atribuídas a mim.

Esse contato reforçou meu desejo anterior em aprofundar meus saberes e aplicar atividades nessa perspectiva de trabalho em três Tempos para a construção de valores como Cooperação/Companheirismo, Respeito e Solidariedade, visto que, com a criação conjunta das regras, a execução do jogo e a contagem do placar final realizada na Mediação contribuem na formação humana para além do domínio técnico-instrumental do/a cidadão/ã capacitado/a para uma ocupação no mercado de trabalho. Portanto, reconheço nessa atividade o seu potencial pedagógico quanto ao estímulo e reflexão de ações que remetem aos Pilares e a partir disso retomei as experimentações e o desenvolvimento dos jogos no âmbito da escola.

O número de alunos/as que pedem para jogar futebol nas aulas de Educação Física é grande, portanto, tive fácil e grande aceitação, quando propus as vivências com essa atividade. Ressalto também que, no primeiro momento, os/as alunos/as fazem uma ponte direta com a prática do futebol tradicional. Aproveitando a predisposição dos/as educandos/as em vivenciar essa prática e considerando que ela pode potencializar vivências educativas, descrevi as adaptações experimentadas por mim para utilizar a metodologia do *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física, tendo em vista que essa prática social é, primordialmente, realizada nas ruas e, portanto, não tem um tempo de duração definido tão rigidamente, como é o caso encontrado nas escolas por ocasião das aulas.

Após algumas experiências com o desenvolvimento do *Fútbol Callejero*, e os diversos conflitos que surgiram com sua prática, como a intolerância com os/as colegas de menor habilidade motriz, a competição, o individualismo e externalização de preconceito em relação as meninas, senti a necessidade de continuar a propor

atividades que levassem as crianças a perceberem suas atitudes diante dos acontecimentos ocorridos no jogo, bem como pensassem sobre si próprios para que mudassem de comportamento. A proposição de vivências nesses saberes vem ao encontro das competências socioemocionais contempladas na Base Nacional Comum Curricular.

Desse modo, seguindo a programação prevista para o período letivo, continuei propondo jogos na categoria esportes de invasão, ou seja, aqueles “que as equipes tentam ocupar o setor da quadra/campo (...) adversário” (GONZALEZ; BRACHT, 2012, p. 26) e atingir uma meta.

Compreendendo ser frutífero incorporar a dinâmica metodológica *Callejera* ao rúgbi, realizando o jogo em três Tempos, dei continuidade às aulas aliando as atividades de apresentação e iniciação que já havia proposto aos/as alunos/as com o rúgbi, alterando o seu esporte base – o futebol – e congregando os princípios que balizam a prática *Callejera* à nova modalidade, surgindo o Rúgbi *Callejero*.

Na escola jogamos o rúgbi *touch*¹ que é um esporte coletivo classificado como sendo de invasão, muito parecido com o futebol americano. Utilizando uma bola oval, o ponto é marcado quando um/a jogador/a consegue colocar a bola no chão após ultrapassar a linha demarcatória do fundo do campo adversário. Jogado por dois times, no rúgbi cada equipe deve proteger sua meta e invadir a meta no campo contrário quando estiver com a posse da bola. Para manterem a bola, os/as jogadores/as de um time devem evitar ser tocados, a bola não pode cair no chão, nem ser lançada para frente. Cada vez que o/a jogador/a que estiver com a bola for tocado, ele deverá parar e lançar a bola para outro/a jogador/a de seu time.

A partir dessas vivências, que superaram a mera reprodução da prática do *Fútbol Callejero*, estendi a realização da aplicação do jogo em três Tempos para outras atividades que propus nas aulas que ministrei, entendendo que a Metodologia *Callejera* contribui para o despertar do protagonismo, das ações inclusivas, da responsabilidade e da alteridade dos/as alunos/as.

Com efeito, no presente estudo busco apresentar as observações de minha prática no sentido de desenvolvimento dos Saberes Atitudinais através da aplicação da Metodologia *Callejera* através da aplicação de uma Unidade Didática de

¹ Touch: toque.

Esportes de Invasão com jogos em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental da rede estadual de educação pública do estado de São Paulo.

1.1. O QUE EU QUERO QUANDO ESTOU JOGANDO? - OBJETIVO

Verificar os processos educativos que ocorreram no campo atitudinal por meio da Metodologia *Callejera* no desenvolvimento de jogos na Educação Física Escolar.

2 NA TRILHA - REVISÃO DE LITERATURA

Apresentarei o caminho percorrido desde o início da criação e desenvolvimento da atividade *Fútbol Callejero* até chegarmos ao que foi denominado Metodologia *Callejera*.

2.1. PREPARANDO PARA JOGAR

Nesse capítulo busquei trazer as origens do *Fútbol Callejero* pois é dele que surge a aplicação e desenvolvimento da realização do jogo em três Tempos pautado pela construção de Valores como Cooperação/Companheirismo, Respeito e Solidariedade, como pode ser observado nos estudos de Castro (2018) e Belmonte (2019). Então seguirei dando o pontapé inicial:

O Fútbol Callejero é uma forma de conceitualizar e entender o futebol como uma estratégia para criar e acompanhar processos de aprendizagem e inclusão social, recuperar os valores humanos, impulsionar o desenvolvimento de lideranças e gerar processos comunitários solidários e de transformação (MOVIMIENTO DE FÚTBOL CALLEJERO, 2018, s/p.).

O *Fútbol Callejero* é uma prática de Educação Popular que surgiu na Argentina, em meados de 2001, em uma periferia empobrecida de Buenos Aires, sendo proposto pelo ex-jogador de futebol profissional Fábian Ferraro. Desde sua origem, apresenta como objetivo central a busca por proporcionar aos/as seus/suas praticantes a aquisição da cultura do diálogo para a resolução de conflitos e para que tenham protagonismo na luta por seus direitos e interesses (BELMONTE; SOUZA JUNIOR, 2017).

Esta prática tem este nome porque se trata de uma expressão em língua espanhola na qual, numa tradução literal teríamos “Futebol Rueiro”. “*Fútbol*” é traduzido para “futebol” e “*Callejero*” deriva da aglutinação de “*Calle*” (“rua”) acrescida do sufixo “*jero*” (“eiro” – sufixo nominal que expressa relação ou algo contentor). Contudo, embora a expressão “Futebol Rueiro” esteja adequada ela é pouco usual e causa alguma estranheza, desta forma, é mais comum escutarmos as pessoas se referindo a tal prática mantendo a expressão original, em língua espanhola, ou a partir de outra tradução possível: “Futebol de Rua” (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR; VAROTTO, [ca. 2019]).

Para tanto, muitas particularidades diferenciam o *Fútbol Callejero* de uma partida de futebol, como a realização dos três Tempos, não existir juiz/a, os times

compostos, obrigatoriamente, por meninos e meninas; o saldo de gols não ser o determinante da equipe vencedora, valores como: Respeito, Cooperação/Companheirismo e Solidariedade recebem pontos e são computados no placar.

Trago o Pilar Cooperação/Companheirismo dessa maneira junto devido a dificuldade em diferenciar os conceitos de cooperação e solidariedade. Assim como Belmonte (2019) explica utilizar companheirismo no lugar de cooperação.

Embora tenhamos sinalizado ao longo de nossa inserção em campo os parâmetros utilizados para avaliação do Pilar “Cooperação” do FC, e que este se distingue dos critérios para avaliar a “Solidariedade” (no contexto do FC), identificamos algumas dificuldades de nossa parte (educadores-investigadores) em encontrar formas de consolidar essas diferenças, uma vez que fora do contexto do FC, não nos é sensato fragmentar a cooperação da solidariedade. Em nossa revisão de literatura, encontramos publicações em língua nas quais seus autores utilizaram a expressão “*compañerismo*” que, em tradução para língua portuguesa é “companheirismo”. Acreditamos ser mais apropriada tal expressão para o contexto brasileiro, bem como para a intencionalidade do FC (BELMONTE, 2019, p. 163).

Em uma conversa final, que ocorre no chamado 3º Tempo, os jogadores(as) serão auxiliados/as por um/a Mediador/a, que toma nota das regras estabelecidas no 1º Tempo, além das situações ocorridas no decorrer do jogo e leva para a discussão pautada na observação dos valores Respeito, Cooperação e Solidariedade, como Pilares e atitudes a serem vivenciadas pelos(as) jogadores(as) no decorrer da atividade.

No 1º Tempo deve ser decidido o valor de ponto dos Pilares, os quais são verificados se foram cumpridos no momento da “bola rolando”, e deverá compor o resultado final da partida, assim, não necessariamente o time que venceu no saldo de gols será a equipe vencedora da partida.

O desenvolvimento de um jogo ocorre sem a participação de um árbitro/juiz, sendo este substituído por um Mediador. Todas as decisões são tomadas pelos jogadores e jogadoras que disputaram uma partida. O Mediador, conforme o nome sugere, tem a função de mediar os diálogos auxiliando os praticantes a chegarem, coletivamente, à acordos e consensos acerca do resultado final de uma partida (BELMONTE; SOUZA JUNIOR, 2017, s/p.).

A aposta na potencialidade educativa do *Fútbol Callejero* reside no processo de autogestão do jogo. Com efeito, o papel da figura do Mediador/a é fundamental para que os/as próprios/as participantes (e somente/exclusivamente esses) “construam” o jogo a partir de seus interesses, estimulando o diálogo nos três Tempos de uma partida, cuja dinâmica e intencionalidade apresentarei agora:

- **1º Tempo:** Com todos/as organizados/as em um círculo, são iniciados a realização dos acordos referentes às regras e tempo de duração da partida que será disputada. Somente os/as jogadores/as que disputarão o jogo é quem podem sugerir regras. Neste momento o Mediador/a (cuja função será apresentada mais adiante) auxilia a compreensão das regras e faz anotações para registrar os acordos. Esse é um momento onde é estimulado o protagonismo, a autonomia e a liberdade dos/as jogadores/as no processo de estabelecimento de regras (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR; VAROTTO, [ca. 2019]).
- **2º Tempo” (o jogo):** A hora que a bola está rolando, ou seja, o jogo de “futebol” balizado pelas regras e acordos estabelecidos anteriormente. Durante o 2º Tempo o/a Mediador/a observa atentamente o jogo e, sempre que necessário, faz anotações de acontecimentos que tenham relação direta com as regras que foram estabelecidas previamente, levando-as para discussão no “momento/tempo” seguinte, problematizando as atitudes que estão relacionadas (positivamente ou negativamente) com as regras que foram estabelecidas. As decisões acerca da identificação de situações faltosas, polêmicas, ou para inclusão de alguma regra que seja essencial para o bom desenvolvimento da partida, entre outras possibilidades de ocorrência, deverá ser encaminhada pelos próprios jogadores e jogadoras que disputam a partida, ajudado/a pelo/a Mediador/a (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR; VAROTTO, [ca. 2019]).
- **3º Tempo (ou Mediação):** Finalização da partida em que todos/as jogadores/as novamente formam um círculo e o/a Mediador/a auxilia a discussão de algumas situações colocadas referente ao jogo, consultando os/as jogadores/as sobre as atitudes tomadas pelos integrantes das equipe buscando (ou não) contemplar os quesitos dos Pilares do *Fútbol Callejero*. O resultado final é apresentado em comum acordo entre os integrantes dos times (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR; VAROTTO, [ca. 2019]).

Ressalto que é muito importante a observação de cada um dos “Pilares” que sustentam a prática do *Fútbol Callejero*, uma vez que os horizontes educativos se assentam na vivência de cada um deles. De modo a trazer maior compreensão, Belmonte e Souza Junior (2017) apontam alguns quesitos a serem avaliados em cada um dos Pilares. Ademais, também sugerem algumas problematizações a serem feitas pelo Mediador/a que auxiliaram na análise e atribuição dos pontos de cada equipe. A saber:

- Respeito: Durante o jogo os/as participantes estabeleçam uma relação respeitosa entre os/as membros de suas equipes, com os/as integrantes da equipe oposta. e com os acordos e regras estabelecidos para o desenvolvimento da partida. Alguns questionamentos podem auxiliar o mediador/a no momento da roda final, por exemplo: “Houve respeito entre os jogadores/as?”, “As regras do jogo foram respeitadas?”, “Alguém se sentiu desrespeitado/a?”; “As equipes merecem o ponto de respeito?”; (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR; VAROTTO, [ca. 2019]).
- Cooperação/Companheirismo: Pretende realizar a inclusão, participação de todos/as participantes no jogo. Assim, o/a Mediador/a colocará questões para que todos/as avaliem se os/as jogadores/as de uma determinada equipe tiveram oportunidades iguais de participar do jogo. Neste Pilar cada time é avaliado pelas ações que empreenderam procurando incluir (ou não) os/as companheiros/as de equipe. Questões que podem auxiliar o/a Mediador/a na discussão final podem ser: “Houve cooperação nas equipes?”; “Todos/as estão satisfeitos/as com sua participação no jogo?”; “As equipes merecem o ponto de cooperação?”; (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR; VAROTTO, [ca. 2019]).
- Solidariedade: É o Pilar que mais tenciona os elementos da competitividade, visto que uma equipe deve contribuir e ser solidária com a outra. Portanto, no momento final de contagem dos pontos o/a Mediador/a buscará colocar questões que levem a reflexão sobre o que uma equipe fez pela/para a outra. São questões que podem contribuir na problematização para verificar se as equipes foram solidárias: “Alguém consegue contar algum

gesto solidário que ocorreu no jogo?"; "Vocês acham que os times merecem o ponto de solidariedade?". (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR; VAROTTO, [ca. 2019]).

2.1.1. A rua fértil

Ao situar as origens do *fútbol callejero*, encontramos a história de sua criação no sul geográfico e epistemológico, a saber, por jovens latino-americanos com idade entre 14 e 15 anos, acompanhados pelo ex-jogador de futebol semiprofissional Fabián Ferraro, junto ao Club Atlético Defensores del Chaco, em Moreno, bairro periférico e empobrecido da área metropolitana de Buenos Aires, Argentina (BELMONTE, GONÇALVES JUNIOR, 2018, p. 159).

O *Fútbol Callejero* nasce no bairro de Chico Chaco, localizado no município de Moreno, menos de uma hora do centro de Buenos Aires (COON; DURBIN, 2013). Em 1994 é fundado o Clube Atlético Defensores del Chaco. Esse nome é atribuído tendo em vista os primeiros participantes que jogavam bola naquele local e se autodenominavam “assim em homenagem ao maior estádio de futebol do Paraguai e as origens étnicas” (COON; DURBIN, 2013, p. 12 - tradução nossa).

Seus fundadores são Fabián Ferraro e Julio Jiménez. Ferraro, um autêntico líder social, da educação e dos programas para a juventude, (ARTAVIA-LORÍA, 2008) que inicia seus trabalhos quando ainda nem existia o campo. Ele levou um time formado pelos meninos que ficavam à rua para disputar um campeonato distrital; venceram, ganharam visibilidade e continuaram a representar o bairro e a cidade em outros torneios (COON; DURBIN, 2013, p. 12).

Ainda segundo Artavia-Loría (2008), a região de Moreno e municípios do entorno compõem um local extremamente carente conhecido como Paso del Rey, também composto pelos municípios de Malvinas Argentinas, José R. Paz e São Miguel. Com mais de 250.000 habitantes, a região possuía poucas ruas pavimentadas, sem água corrente, nenhuma creche, pré-escola ou hospital, 45% da população vive abaixo da linha da pobreza, 17% vive na indigência e 30% sofre com desemprego e subemprego.

Em meio a esse cenário estava Maximiliano Pelayes, integrante do grupo de 12 meninos com média de 14 anos de idade e que eram considerados problemas pelos adultos, frequentador assíduo das ruas, interessado apenas em jogar futebol, se reunia com os demais adolescentes para jogar bola. À procura de um lugar melhor para a realização dos treinos, tais adolescentes começaram a usar um terreno baldio,

bastante parecido com um lição. Lugar esse que viraria a sede do clube, contendo uma infraestrutura inimaginável para aquele local.

Neste espaço de treinamento, em meados de 1999, foi edificada a Fundación Defensores del Chaco, contando com investimentos governamentais e privados que possibilitaram a constituição de dois campos de futebol, quadra poliesportiva, teatro comunitário, centro de computação e uma escola de educação infantil. Como se vê, ampliaram a atuação para além da prática do futebol (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018, p. 159).

O sonho e a luta para a construção do campo, e condições melhores de vida vai sendo articulado. Primeiramente as mães dos meninos e depois a comunidade se mobilizou para a realização do espaço, onde começaram a ser oportunizados jogos de futebol com o objetivo de diminuir a violência.

O futebol de rua começou em Moreno como uma forma de neutralizar a violência nos jogos amistosos de futebol que se realizavam nos bairros. O futebol deixou de ser um jogo caracterizado por muita rivalidade e por partidas que não terminavam ou terminavam em violência, para ser um jogo com alta participação de meninos de todas as idades e de um crescente número de mulheres; [...] (ARTAVIA-LORÍA, 2008, p. 25).

Os participantes desses encontros eram estimulados, nos tempos de permanência no espaço das atividades referentes ao jogo, o respeito mútuo, o respeito as regras, melhorar a capacidade de análise de vida quanto as condições econômicas e sociais, incorporar as mulheres e os mais jovens ao processo de participação nas ações para buscas das necessidades comunitárias e aprender a dialogar; esses pressupostos compunham uma importante ferramenta de promoção da coesão social (ARTAVIA-LORÍA, 2008).

Essa comunidade onde estava inserida os integrantes dos Defensores Del Chaco, sonhando, se organizando e trabalhando conjuntamente ganhou reconhecimento, mudou o espaço físico e social. E logo essas ações de desenvolvimento ultrapassaram os limites da região metropolitana de Buenos Aires.

Os feitos dos Defensores e com ele o *Fútbol Callejero* foi propagado para além do contexto argentino. Em Sánchez e Salermo (2012) encontramos que em 2005 ocorreu o primeiro encontro sul-americano de *Fútbol Callejero*, em Buenos Aires, e neste encontro a metodologia começou a extrapolar os limites geográficos da Argentina e da América do Sul, passando a ser desenvolvida em países dos continentes africano, europeu e americano.

Porém, foi só em 2012 que chega ao Brasil, por iniciativa da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS/RS), sendo utilizado no Programa de Esporte Integral (PEI) (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018).

Belmonte e Gonçalves Júnior (2018) conheceram o *Fútbol Callejero* na IV Conferência Latino-americana de Futebol e Desenvolvimento que ocorreu na cidade de São Paulo em dezembro de 2013, onde recebem o convite de Fabián Ferrero e Rodrigo Medeiros para desenvolverem a metodologia no projeto socioeducativo Vivências em Atividades Diversificadas em Lazer na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo.

Os pesquisadores citados no parágrafo anterior levaram esse conhecimento para seus/sua alunos/as dentro da Universidade, e alguns desses graduandos foram estagiar na escola que trabalho me apresentando o *Fútbol Callejero*, que aprenderam na faculdade, e posteriormente pude estabelecer um contato maior com os estudiosos dessa prática.

2.1.2. No caminho para a Escola

Algumas adaptações são necessárias para trabalhar o *Fútbol Callejero* no âmbito escolar tendo em vista que é uma prática desenvolvida em tempos e espaços diferentes dos impostos pela rotina escolar. Já, dentro da escola, temos a questão dos dias e horários de duração das aulas, que geralmente são de dois encontros de cinquenta minutos por semana.

Outro ponto a ser observado é a questão do planejamento, nessa unidade escolar que realizei a pesquisa, fazemos um Plano de Trabalho Docente Anual (observar “Apêndice C”), no qual devemos contemplar algumas expectativas de aprendizagens de acordo com o Ano e Nível de Ensino estabelecidos pelo Currículo Paulista. Assim temos um determinado tempo para desenvolver os trabalhos nessa perspectiva.

A proposição de vivências na perspectiva da metodologia *Callejera* e mesmo do *Fútbol Callejero* nas Escolas é recente e a produção científica, ainda é pouca. Através de minhas pesquisas encontrei uma Dissertação de Mestrado e três Artigos sobre intervenções em Escolas.

Castro (2018) defendeu a Dissertação de Mestrado na qual ela apresenta o trabalho de pesquisa que desenvolveu em uma escola pública em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Em seu trabalho ela nos traz o termo “Metodologia *Callejera*”, que entendo como sendo a realização de jogos em três Tempos com o objetivo de potencializar as vivências na dimensão atitudinal dos saberes, visto que os/as alunos/as são estimulados/as a pensar nas regras do jogo para que ele seja inclusivo, justificar o propósito dessas ideias sugeridas, defende-las e coloca-las em prática.

No desenvolvimento da metodologia é estimulado o protagonismo dos/as participantes na elaboração das regras, no jogo e no debate mediado para a averiguação do placar final da partida considerando os comportamentos dos/as participantes em relação ao Respeito, Cooperação/Companheirismo e Solidariedade.

Esse estudo foi aplicado em uma classe contendo 34 alunos/as do 9º Ano do Ensino Fundamental relacionado ao ensino do esporte, tendo como objetivo geral verificar a construção dos valores que são Pilares no *Fútbol Callejero*, o Respeito, a Cooperação e a Solidariedade (CASTRO, 2018).

Em 2009 Leonel Sánchez e Juan Salermo propuseram o *Fútbol Callejero* nos jogos Interescolares na cidade de Chos Malal, Argentina. Ainda relatam no artigo que “em algumas escolas começaram a jogar convencidos que através dele o diálogo, o companheirismo, o respeito de gênero e o bom jogo são reforçados” (SÁNCHEZ; SALERMO, 2012, p. 4, tradução nossa).

Eles também dão indícios de terem vivenciado algumas experiências escolares aplicando a Metodologia *Callejera* em jogos de rua argentinos como *caño*, *taco*, *chilena* entre outros (SÁNCHEZ; SALERMO, 2012, p. 1).

Gonçalves Junior e colaboradores (2018) investigaram os processos educativos que emergiram da prática social da mediação nas aulas de Educação Física Escolar, embasados na “dialogicidade freireana” os autores aproveitaram as falas trazidas pelas crianças após terem participado do tempo de bola rolando para realizar a troca de saberes.

Assim, proporcionando a prática da conversa estabelecida à partir das vivências na atividade anterior, pautada nas regras que foram acordadas inicialmente e do desenrolar dos movimentos de cada participante do jogo no ato mediado de discussão, os/as jogadores/as foram levados a retomar e analisar as ações que tiveram durante a atividade em processos que

[...] se relacionam com a pedagogia dialógica de Paulo Freire (2005), pois, a partir das particularidades desta prática, podemos utilizá-lo no processo de conscientização dos/as envolvidos/as de maneira dialógica, sem impor nada a ninguém e sim respeitando a cada um/a que se lança a esse processo dialógico (GONÇALVES JUNIOR et al., 2018, p. 107).

Nesse sentido, o Mediador procura colaborar com um momento de troca de aprendizagens, reflexão coletiva e resolução de conflitos por meio do diálogo envolvendo todos/as participantes visando o respeito, cooperação, solidariedade, segurança e confiança.

O artigo de Souza Junior, Martins e Belmonte (2015) sobre a possibilidade de utilização da metodologia do *Fútbol Callejero* na Educação Física Escolar, tem o objetivo de explicitar os processos educativos na dimensão atitudinal dos saberes. Segundo os autores, os estudiosos da área de Educação Física Escolar possuem um entendimento “adotado de forma relativamente consensual” sobre a amplitude de desenvolvimento dos saberes que devem ser planejados e executados nas aulas:

O reconhecimento de que as aulas de Educação Física escolar não devem ficar restritas aos saberes corporais (conhecimentos ligados ao saber fazer), ampliando-se para as esferas dos saberes conceituais (conhecimentos técnicos e críticos) e os saberes atitudinais (dimensão ética, moral e política dos conhecimentos) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, apud SOUZA JUNIOR; MARTINS; BELMONTE, 2015, s/p).

Enquanto os saberes conceituais estão ligados aos conhecimentos teóricos dos conteúdos, como as regras e o histórico das práticas corporais, os saberes procedimentais ou corporais são referentes a prática, ou seja, a execução dos movimentos e a atividade física em si.

Os saberes atitudinais são relacionados a maneira com que os/as alunos/as se comportam no momento de execução das atividades propostas, demonstrando ser responsáveis, evidenciando atitudes de respeito, se são empáticos/as, solidarizam perante outrem e como agem perante o ato de incluir (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

O citado anteriormente contribui para a reafirmação do entendimento de que as aulas de Educação Física não devem ser pura e simplesmente a realização de exercícios feitos de maneira alienada, mas sim compostas por conceitos, movimentos e atividades, a ser pensados, sentidos, de modo que fossem proporcionando reflexão sobre a ação nos corpos dos/as estudantes.

Nessa perspectiva o/a professor/a propõe vivências procurando despertar nos/as alunos/as perceber como efetuam essas atividades, perpassando as experiências nos saberes conceituais, procedimentais e atitudinais, para ir se conscientizando sobre quais são as intencionalidades docente quando escolhe as expectativas de ensino e quais foram os comportamentos apresentados pelos/as educandos/as no momento de realização da tarefa.

No caso específico dos saberes atitudinais, a referida limitação pode ser identificada ao nos depararmos com a recorrente expectativa de que as aprendizagens atitudinais se restrinjam ao currículo oculto (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2011, apud SOUZA JUNIOR; MARTINS; BELMONTE, 2015, s/p)

E os autores continuam desenvolvendo o pensamento sobre o trabalho com os saberes atitudinais nas aulas de Educação Física, a partir da leitura que fizeram do estudo realizado por Darido e Souza Junior (2011), concluindo que acaba sendo

[...]abordado nas aulas apenas a partir da emergência espontânea de conflitos ou episódios de condutas consideradas antiéticas, tais como injustiças, desrespeito ou falta de solidariedade, por exemplo (SOUZA JUNIOR; MARTINS; BELMONTE, 2015, s/p)

Conforme podemos notar na citação acima, tal pesquisa apresenta que os saberes atitudinais eram trabalhados pelos professores/as, porém sem que fosse realizado um planejamento prévio. Esses conteúdos ensinados sem que sejam planejados e trabalhados intencionalmente fazem parte do que é chamado de currículo oculto, visto que o currículo é o documento onde devem ser explicitadas as expectativas de ensino.

Portanto, ainda seguindo as informações do artigo, os professores aproveitavam algumas situações de conflito que ocorriam nas aulas para que algo fosse discutido a respeito, e essas intervenções educativas não eram previstas no Plano de Trabalho do docente enquanto uma expectativa de ensino e aprendizagem, mas acabava sendo abordado nas aulas.

Atualmente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), temos a formalização das habilidades socioemocionais “atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 8) como um processo que deve ser previamente planejado e trabalhado em todos os componentes curriculares, visto que “a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas

dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica” (BRASIL, 2018, p. 16).

A BNCC é um documento elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) que serve de referência para as escolas contendo um conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis que devem estar presentes nos currículos e propostas pedagógicas. “Essa referência é o ponto ao qual se quer chegar em cada etapa da Educação Básica, enquanto os currículos traçam o caminho até lá” (BRASIL, 2018, p. 5). Nesse sentido, o Currículo Paulista, alinhado a BNCC:

[...]afirma o compromisso com o desenvolvimento dos estudantes em suas dimensões **intelectual, física, socioemocional e cultural**, elencando as competências e as habilidades essenciais para sua atuação na sociedade contemporânea e seus cenários complexos, multifacetados e incertos. (SÃO PAULO, 2019, p. 28, grifo do autor).

Considerando a velocidade rápida com que as mudanças ocorrem no mundo do trabalho e na sociedade contemporânea, o Currículo Paulista enfatiza “a necessidade de desenvolvimento de competências socioemocionais” defendendo que a escola deve ser um espaço que contribua dando condições para o autoconhecimento, a construção identitária, as experiências em participação colaborativa, a crítica e para a produção de conhecimento (SÃO PAULO, 2019).

Para pensar e desenvolver meu Plano de Trabalho Anual (Apêndice C), utilizei a BNCC e o Currículo Paulista. Esses documentos evidenciam as Habilidades, Competências e Conteúdos que devem ser vivenciados em cada ano escolar frequentado pelos/as alunos/as.

Assim, selecionei o tema “Esportes de Invasão”, previsto para ser desenvolvido no 5º do Ensino Fundamental, conforme quadro na página 226 da BNCC. Começando o estudo com os/as alunos/as com a definição de Esportes de Invasão, onde temos:

Invasão ou territorial: conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe ao introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/campo defendida pelos adversários (gol, cesta, *touchdown*, etc), protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta ou setor do campo (basquetebol, *frisbee*, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, *rúgbi*, etc.) (SÃO PAULO, 2019, p. 260, grifo do autor).

Após a escolha do tema, selecionei as atividades de ensino/aprendizagem que compuseram as aulas, elaborando um documento chamado Unidade Didática, ou seja, uma série ordenada e articulada de atividades

Zabala (1998), que contém a apresentação do tema, a observação das aulas, os debates gerados pelas investigações e vivências, e os exercícios que auxiliam a sistematização do estudo.

A Unidade Didática serve para “sulear²” o trabalho do professor, assim as minhas atividades foram evidenciadas nos Planos de Aula que compõem esse documento e segue no Apêndice D.

² Utilizo a palavra “sulear” para indicar a direção, caminho a ser seguido. Freire (2006) explica que sulear é uma “alternativa ao termo “nortear” devido a conotação ideológica da palavra onde está implícito valores de superioridade indicativo de um local que devemos chegar ou ao menos almejar”

3 1º TEMPO - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Fundamentando a proposição do jogo em que as regras/acordos são base de todo o encaminhamento da atividade, ou seja, aqui se delinea a fundamentação metodológica da pesquisa que foi desenvolvida, como no 1º Tempo de atividade do *Fútbol Callejero* em que os participantes apresentam e debatem as possíveis regras para que possam entrar em acordos que balizarão o desenvolvimento do jogo.

Assim, esse capítulo é nomeado, inspirado, nos Tempos de realização da partida e sem o intuito de propor uma metodologia de pesquisa, para trazer as informações que são próprias da trajetória metodológica.

3.1. O CAMPO DO JOGO - UNIVERSO DA PESQUISA

As intervenções que serviram para o desenvolvimento da pesquisa apresentada foram realizadas em uma escola da rede pública Estadual de São Paulo, na cidade de São Carlos. Localizada em uma região periférica da cidade, as dependências prediais escolares ocupam pouco mais que um quarto (1/4) do terreno que compõe um quarteirão, a parte que corresponde a menos de um quarto do terreno é utilizada como estacionamento, e nos outros dois quartos restante ficam uma quadra poliesportiva, uma quadra de areia e um gramado com árvores, das quais algumas são frutíferas.

Durante o período matutino é ofertado o atendimento no Ensino Fundamental II, Ano Inicial e Final, além de duas turmas do Ensino Fundamental I do Ano Final. No período da tarde atende-se somente os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental I (ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR BENTO DA SILVA CESAR, 2011).

A escola está situada em um bairro residencial que foi habitado devido a um programa de casas populares, construído há cerca de 20 anos. Hoje, muitas casas foram reformadas, fazendo com que a vila perdesse as características iniciais das construções padronizadas de conjunto habitacional, como o mesmo tamanho da construção, mesmo número de cômodos, mesma cor da pintura, ausência de muros

ou portões entre os limites do terreno que era possível de ser verificada a tempos atrás.

Além da escola construída para o atendimento da população local, também foram instaladas no território duas creches de responsabilidade municipal e uma Unidade Básica de Saúde. Em 4 de novembro de 2005 foi iniciado o funcionamento de um dos *Campi* da Universidade de São Paulo (USP)³, com cursos na área de Engenharia, nessa comunidade.

Conforme é descrito na Proposta Político Pedagógica da Escola Estadual Professor Bento da Silva Cesar, no entorno das instalações prediais escolares estão instalados pequenos comércios familiares como açougues, sacolões, farmácias, restaurantes, bicicletarias, agropecuárias, mercados, mercearias, lanchonetes, sorveterias, pizzarias, barbearias, lojas de roupas, manicures, cabeleireiras, dentistas e bares.

3.2. OS JOGADORES - PARTICIPANTES

Os/as participantes da pesquisa são alunos/as do 5º ano do Ensino Fundamental. Essa classe foi escolhida devido aos dias e horários no quais eu ministrou as aulas de Educação Física para essa turma.

No momento da escolha da turma também foi levada em consideração a possibilidade para a aplicação das intervenções, bem como para os processos de construção e reflexão das Notas de campo.

As aulas foram desenvolvidas às terças e quintas-feiras pela manhã, no horário das 8h40 até 9h30, propus esse horário às gestoras da escola e gentilmente fui atendido; Pensei e constatei que foi importante para o desenvolvimento do trabalho, pois colaborou para a elaboração das produções sobre as intervenções, visto que nesses dias eu me dirigia à escola pela manhã para ministrar apenas essa aula e logo após começava a pensar e construir os diários de campo.

A quase totalidade dos/as estudantes, participantes desta investigação, foram meus/minhas alunos/as em anos anteriores, portanto, facilitando meu processo

³ <<http://www.saocarlos.usp.br/historia-e-numeros/>> Acesso em: 02 de novembro de 2019.

de inserção e aplicação da investigação, uma vez que já estavam acostumados/as comigo e com as aulas de Educação Física por mim ministradas.

Esses/as alunos/as, em sua grande maioria, eram moradores/as do bairro onde a escola está inserida. Possuíam a idade média de dez anos e eram pertencentes as classes socioeconômicas C e D. A turma era composta por 32 alunos/as, dos quais dezoito eram meninos e quatorze eram meninas. No entanto sempre eram registradas as faltas de três ou quatro alunos/as nos encontros, assim, frequentemente participavam da aula em torno de vinte e oito ou vinte e nove pessoas.

3.3. O QUE USAMOS PARA JOGAR - INSTRUMENTO

Para auxiliar nesta investigação sobre os processos educativos no campo atitudinal que podem surgir da aplicação da metodologia *Callejera* nas atividades de Educação Física Escolar, foi proposta a pesquisa ação de abordagem qualitativa com observação, confecção e análise de diário de campo, pois essa técnica, segundo Del-Masso, Cotta e Santos (2020), está mais próxima a minha atuação enquanto educador, visto que ministro as aulas, objeto de observação, realizando a investigação.

[...] a pesquisa-ação, argumenta Appolinário (2011, p.146) é uma modalidade de pesquisa cuja ênfase é “resolver, através da ação, algum problema coletivo no qual os pesquisadores e sujeitos da pesquisa estejam envolvidos de modo cooperativo e participativo”. Na pesquisa-ação, os pesquisadores desempenham papel ativo na resolução dos problemas (DEL-MASSO; COTTA; SANTOS, 2020, p. 9).

A abordagem aplicada deve ser de cunho qualitativo considerando que pretendo analisar “os dados (...) coletados nas interações sociais e analisados subjetivamente pelo pesquisador, pois nesta modalidade a preocupação é com o fenômeno” investigado (DEL-MASSO; COTTA; SANTOS, 2020, p. 14).

Tendo em vista que o trabalho de pesquisa é uma extensão da aula, ou seja, uma continuação do trabalho desenvolvido nos encontros, dentre os vários instrumentos possíveis de serem utilizados, o diário de campo foi o instrumento que proporcionou o retorno as observações sobre os eventos ocorridos durante as vivências da Metodologia *Callejera*, resgatando os momentos vividos, permitindo refletir sobre eles e, assim, melhor planejar as ações para as atividades e possibilitar uma autoavaliação da minha prática.

O diário de campo, segundo Bogdan e Biklen (1994, p.150), é “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” que no primeiro momento deve conter uma descrição do local, pessoas, acontecimentos, e em seguida as reflexões do pesquisador, ou seja, suas ideias.

3.4. AS “FOTOS” QUE TIRAMOS - PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Os dados para análise foram coletados após inserção para participação e observação nas/das aulas em que foram ministradas a partir da aplicação de uma Unidade Didática sobre Esportes de Invasão as quais auxiliaram a construção de 16 diários com as Notas de Campo.

Para auxiliar nas intervenções produzi e segui uma Unidade Didática, ou seja, uma série ordenada e articulada de atividades Zabala (1998) contendo a apresentação do tema, a observação, o debate e os exercícios evidenciados nos Planos de Aula (Apêndice D).

Os áudios das aulas foram capturados através de um aparelho celular *Smartphone Asus modelo Zenfone Go*. Após a realização de cada aula, escutando o áudio gravado durante as intervenções, relembrei os acontecimentos observados e construí dezesseis diários de campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), digitados no editor de texto *Word* do pacote *Office (Microsoft)*.

3.5. CONTANDO PARA OS OUTROS - PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados a partir dos diários de campo que foram produzidos após as intervenções.

Olhar, sentir, tocar, ouvir, fazer. Estranhar e amadurecer o estranhamento, perguntar-se, perguntar. Nesse olhar, permitir-se um espaço entre as cenas, espaço de reflexão, de suspensão, de pergunta que nos prepara para melhor compreender o que se dará a ver a seguir (OLIVEIRA et al., 2014, p. 42).

A elaboração e análise dos Diários de Campo contribuíram, conforme a citação anterior, em uma leitura mais profunda dos acontecimentos ocorridos nas aulas. Ao voltar a olhar as observações identifiquei situações, as quais deveria ter notado no momento da intervenção, mas passou despercebido. Como minha ânsia em dar rendimento a aprendizagem dos/as alunos/as em relação a fluência do jogo, ou o número inferior de meninas que integravam as equipes em relação ao número de meninos.

Estranhei o que parecia natural e procurei levar questões construtivas para o encontro seguinte. Aprofundei nas vivências o que me expos a tais conhecimentos.

(...) durante o pesquisar, em cada diário de campo, na análise dos dados, na elaboração dos resultados e das contribuições da pesquisa, essa visão é retomada para ampliá-la, questioná-la, resignificá-la (OLIVEIRA et al., 2014, p. 42).

Levando em consideração as etapas propostas por JARA-HOLLIDAY (2006), retomei o material escrito nas Notas de Campo e áudios das aulas, que compõe a fase “Recuperação do processo vivido”, para “o ordenamento e a classificação das informações, o que deve permitir reconstruir, de forma precisa, os diferentes aspectos da experiência” (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 87).

Através de leituras atentas das Notas de Campo identifiquei categorias de análise decorrentes das observações realizadas em aulas que convergiam para situações ou temas de momentos com troca de saberes e tomada de consciência por parte de todos(as) envolvidos(as). As denominações das categorias foram inspiradas em falas das crianças que me chamaram a atenção nos momentos que ocorreram gerando discussões que contribuíram para o trabalho com os saberes atitudinais.

Chegamos aqui ao “tempo” chave do processo de sistematização: a interpretação crítica do processo vivido. Todos os outros momentos estão em função deste (...). Trata-se, agora, de ir mais além que o descritivo, de realizar um processo ordenado de abstração, para encontrar a razão de ser do que aconteceu no processo da experiência. Por isso, a pergunta chave desse “tempo” é: Porque aconteceu o que aconteceu? (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 88).

Nesse momento chamado de “Reflexão de fundo: por quê aconteceu o que aconteceu” realizei reflexões sobre os acontecimentos que foram observados, pois, conforme citado anteriormente, é necessário transcender a mera descrição para desvelar os sentidos e os significados dos eventos registrados nos diários de campo.

3.6. AS REGRAS INDISCUTÍVEIS - ASPECTOS ÉTICOS

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP-UFSCar), cuja aprovação constante no parecer n. 3.245.111 (verificar Anexo B) foi conferida antes do início da inserção em campo voltada para investigação. Após aprovação no CEP-UFSCar os/as alunos/as receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e – apêndices A e B, respectivamente –, tendo em vista tratar de colaboradores/as menores de idade, necessitando da autorização de um/a responsável para a participação junto ao presente estudo.

Os termos foram lidos e explicados em sala de aula para os/as participantes do estudo. Quando da apresentação do TALE, solicitei para que as crianças escolhessem a maneira que gostariam de ser chamados seus nomes fictícios ou apelidos para serem usados na pesquisa, de modo que seus nomes reais fossem preservados, garantido o sigilo sobre a identidade dos/as participantes da pesquisa.

Dois alunos manifestaram a vontade de serem identificados como “Jack”. Mantive como “Jack” o nome do aluno que teve o TALE recolhido primeiro por mim e, portanto, admiti como tendo escolhido antes. Para identificar o segundo Jack, incluí o número (2) junto ao nome para que pudesse diferenciar, ficando Jack(2).

Julguei desnecessário alterar meu nome, visto que exponho que a pesquisa foi participativa, estive imerso na experiência, não fazendo sentido ocultar minha identidade do/a leitor/a.

4 2º TEMPO - O JOGO: DESENVOLVIMENTO

Nesse capítulo apresento como foi o processo de intervenções; análogo ao *Fútbol Callejero* e conseqüentemente a Metodologia *Callejera*, o 2º Tempo é o momento em que a bola é “rolada”, ou seja, quando ocorre o jogo. Ressalto que não pretendo propor um modelo metodológico de desenvolvimento de investigação.

É por meio das ações da vida cotidiana, coisas que fazemos no dia-a-dia, desenvolvidas junto a outrem ao qual se interage em espaços de convivência particular ou público – práticas sociais – que entramos em contato com experiências de aprendizagem, conforme comprovamos em trecho do estudo a seguir:

(...) processos educativos desencadeados por relações entre jovens e crianças, meninos e meninas. Processos que se manifestaram na atenção dos mais velhos para com os mais novos durante os jogos, as brincadeiras e o lanche, tensos diálogos, o que não significava desentendimento duradouro, ao contrário, possibilitavam negociação de soluções. Tanto os educadores/pesquisadores como as crianças e os jovens educaram-se, ensinando e aprendendo jogos e brincadeiras. (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS, 2006, p. 37).

A escola, enquanto um espaço de prática social, e não somente ela, proporciona interações visando à formação das crianças para atuarem em seu meio social e no “mundo”. Mundo este, que é aquele lugar onde o ser humano habita; aquela porção de espaço-território-tempo que ele tem recorrido, reconhecido e onde tem criado e estabelecido sua cultura (OLIVEIRA-ARAÚJO, 2014, p. 71).

Assim, “nas práticas sociais promove-se formação para a vida na sociedade por meio dos processos educativos que estas desencadeiam; assim tem sido em todas as sociedades ao longo da história humana” (OLIVEIRA et al., 2014, p. 35).

Esses processos de ensino e aprendizagem no ambiente escolar são sistematizados de forma a otimizarem os processos educativos.

No contexto escolar, o corpo docente e coordenadores/as se reúnem com o objetivo de elaborar estratégias, metodologias e sequências didáticas para facilitarem o acesso e a aquisição do conhecimento.

Os comportamentos apresentados pelos atores sociais, alunos/as, professores/as, gestores/as e funcionários/as no ato de educar, nem sempre são previstos e sistematizados nos currículos ou nos Projetos Políticos Pedagógicos das

instituições escolares e, portanto, não são legitimados. Mas isso não quer dizer que não ocorram. Aliás, muitas atitudes são esperadas por parte dos/as agentes.

(...) Tais experiências e contextos presentes nos escolares e nos universitários nem sempre são identificados pela instituição, e, no caso de sê-lo, não são reconhecidos como academicamente qualificados (OLIVEIRA et al., 2014, p. 38).

A inserção de estagiários/as, pesquisadores/as e professores/as dentro do espaço escolar nem sempre é planejado, no entanto, suas presenças refletem em momentos de aprendizagem, visto que são pessoas que nas dinâmicas de suas funções de estagiar, pesquisar e orientar aprendem, produzem e trazem conhecimentos, tanto acadêmicos quanto para a vida.

Propomos que se considerem as práticas sociais de pesquisar como espaços de sobrevivência, resistência e mesmo de recusa de certas hierarquias, espaços de educação, de construção coletiva de conhecimentos e de projetos de sociedade. Prática social que se construiu em espaço de humanização (OLIVEIRA et al., 2014, p. 121).

Os encontros estabelecidos nesses espaços, sendo institucionalizados ou não, ocorrem processos educativos de construção coletiva de saberes em que, não raro, vão aprender os que estão para ensinar em meio as interações de humanização.

Não se trata de dar consciência às oprimidas ou aos oprimidos, pelo contrário, elas e eles próprios a tomam ao examinar e criticar os atos diários, cotidianos que cumprem por rotina como atos inconscientes (OLIVEIRA-ARAÚJO, 2014, p. 84).

As crianças tomam a consciência por si próprio de seus papéis enquanto cidadão no desenrolar de sua existência no mundo, no entanto, planejamos aqui ações com o intuito de promover vivências nas habilidades socioemocionais previstas no Currículo Paulista e BNCC e a contribuição da Metodologia *Callejera*.

Nos acontecimentos decorrentes das atividades realizadas em aula temos a possibilidade de desenvolver uma reflexão que poderá contribuir para a emergência de uma consciência acerca de ações de Respeito, Cooperação/Companheirismo e Solidariedade.

Pensando em proporcionar espaços e vivências que contribuíssem para o desenvolvimento e vivência da aprendizagem referente aos saberes atitudinais, os quais também são compostos desses Pilares, sistematizei uma Unidade Didática que se apropriou da lógica dos Esportes de Invasão que foi combinada com a Metodologia *Callejera*, visando potencializar as reflexões nos momentos de rodas de conversa, ou seja, o 3º Tempo de jogo.

No processo de síntese das observações da experiência, enquanto ordenava e reclassificava as informações (JARA-HOLLIDAY, 2006), me chamou a atenção alguns conflitos os quais foram sendo recorrentes nos diários que compõe as Notas de Campo.

A partir daí, tendo como inspiração a Matriz Nomotética da Fenomenologia, ou seja, um agrupamento em forma de tabela das unidades de significado⁴ em categorias (LEMOS, 2013), elaborei um quadro demonstrativo para visualização das várias ocorrências de falas e ações nos respectivos diários. Essas unidades foram referentes a um mesmo tema, que foi identificado à posteriori (MARTINS; BICUDO, 1989; GONÇALVES JUNIOR, 2008; LEMOS, 2013).

As categorias vieram da leitura e releitura atenta dos momentos que foram registrados junto as notas dos Diários de Campo, quando identifiquei trechos de confluência ou divergência das falas genuínas e atitudes dos/as alunos/as que evidenciavam uma mesma unidade de significado: 1) Mas ele ééé boooom!; 2) As meninas ficam fazendo unha!

Em “Mas ele ééé boooom!” emergiram situações na qual a competição e o sucesso, valorizados em nossa sociedade e já incorporados/naturalizados pelas crianças, puderam ser evidenciados emergindo e criando diálogos elucidativos.

Em “As meninas ficam fazendo unha!” está relacionado aos momentos em que ocorram questões ligadas ao gênero, os meninos externalizaram suas maneiras de ver as meninas e as meninas demonstraram a resistência e o combate a essa visão apresentada pelos garotos.

No quadro a seguir temos na primeira linha (horizontal) os nomes das categorias, na primeira coluna (vertical) estão os Diários, na intersecção das colunas das Categorias com as linhas dos Diários podemos observar se houve a ocorrência da Categoria em determinado Diário. A notação na tabela “_____” no espaço referente aos indicadores de unidades de significados das categorias indica que o Diário não apresentou registros referentes a alguma das categorias identificadas, evidenciando que em nenhum momento da aula houve observação que compusesse o tema de uma das categorias.

4 As unidades de significado são as atribuições de significados dadas aos trechos das observações verificadas nas aulas que foram registradas nos diários (LEMOS, 2013).

Quando fizer referência aos Diários no decorrer das discussões dessa Dissertação, utilizarei os números romanos (I, II, III, ...), precedido da letra “D”, as Categorias estão separadas em A e B. As unidades de significado, por sua vez, são reconhecidas por números arábicos apenas, além da data que a aula foi ministrada. Se o trecho identificado tiver relação com a Categoria, porém apresentar uma ideia divergente, acrescentarei a “d” junto do número.

Nas citações as notações aparecerão como demonstrado a seguir: (DVI-B5d, 15/07/2019), indicando que o trecho apresentado pode ser encontrado nas notas observadas contidas no Diário VI, possui unidade de significado 5 e é divergente dos discursos e observações verificadas em relação a categoria B e ocorreu na intervenção do dia 15 de julho de 2019.

Quadro 1 - Categorias e unidades de significado (continua).

Diário \ Categoria	A Mas ele ééé booom!!	B As meninas ficam fazendo unha!
DI	A2	B1
DII	A1	B2, B3
DIII	_____	_____
DIV	A1, A2, A3, A4, A5, A6, 7A, A8, A9, A10	B11
DV	A1, A2, A3, A7, A8, A9, A11	B4, B5, B6, B10d, B12, B13, B14, B15, B16
DVI	A2	B1, B3, B4, B5d
DVII	A1	_____
DVIII	A1	B2
DIX	A1d, A2, A4	B3
DX	A1, A2, A3, A5	B4
DXI	_____	_____
DXII	A1	B2, B3, B4, B5, B6d, B7, B8, B9, B10

Quadro 1 - Categorias e unidades de significado (conclusão).

DXIII	A4	B1, B2, B3
DXIV	A2, A5	B1, B3, B4, B6
DXV	_____	B1, B2
DXVI	A1, A3, A4d	B2

Fonte: Elaboração própria.

Em alguns momentos evidenciados pelas Notas, identifiquei que os acontecimentos envolviam questões relacionadas às duas categorias, assim a Unidade de Significado foi alocada de acordo com os fatos, ou processos educativos que foram encaminhados a partir dos ocorridos.

5 3º TEMPO – Mediação

Passarei a apresentar o diálogo realizado entre a volta as Notas de campo e as descobertas que foram desveladas a mim.

5.1. MAS ELE ÉÉÉ BOOOOM! - CAPITALISMO

Essa categoria tem origem em um fato ocorrido em uma aula na qual eu usava uma camiseta de um time de basquete norte-americano chamado *Golden State Warriors*.

Após ver a camiseta, Munlock perguntou se eu gostava do Curry. Curry é o sobrenome de um jogador estrela do time. Demorei para responder, pois pensava em uma maneira de falar que não gostava do jogador por conta de achar que não possui um comportamento educado frente aos jogadores dos outros times.

Após responder que não gostava, ouvi de Munlock:

- Porquê professor?

Fabio: - Acho que ele é muito estrelinha, acho que isso não é legal.

Munlock: - Mas ele ééé boooooom!!!!

- Sim, mas eu não concordo com algumas atitudes dele enquanto pessoa, enquanto jogador. Respondi (DX – A1, 13/08/2019).

Como descrito no trecho acima, Curry não só é uma estrela do time, mas uma estrela do esporte reconhecido para além dos limites do território estadunidense, realmente é um jogador com muitas habilidades de valor incontestável, porém isso não o exime de ser respeitoso não só com os jogadores do seu time, da torcida como também dos integrantes dos times adversários. Ademais, enquanto pessoa pública seria prudente que tivesse um comportamento ímpar e que servisse de exemplo a ser seguido.

Entendo essa categoria como um reflexo das preocupações que possuímos com o rendimento, a *performance* e a competição que somos incentivados a ter e que é evidenciada em nossas falas e atitudes nas várias interações que temos no mundo, como na produção e execução do trabalho, visto que:

A todo o momento somos distribuídos, sem o direito pessoal a escolhas, dentro de sistemas de classificação de mulheres e de homens avaliados segundo critérios utilitários de competência/competitividade. Pessoas colocadas entre escalas numéricas de comparação apressada que nos dividem entre os poucos da “ponta” e os outros todos do “resto” (BRANDÃO, 2004, p. 3).

Na perspectiva do Capitalismo precisamos produzir, visto que “*time is money*”⁵, se trabalhamos no tempo que temos, então convertemos o tempo em dinheiro. Para otimizar os rendimentos planejamos o tempo de modo que consigamos produzir o máximo realizando o maior número de tarefas possível.

“Quando falamos de capitalismo, estamos nos referindo simultaneamente a um modo de produção e a uma formação social” (SINGER, 1998, p. 3). Tanto no modo de produção quanto na formação social, as ideias capitalistas pretendem manter, reparar e ampliar o desenvolvimento para que ocorra o acúmulo de capital (SINGER, 1998).

Os modos de produção são influenciados pela infraestrutura. “A infraestrutura capitalista se move pela incessante revolução das técnicas de produção e pela ininterrupta invenção de novos produtos”, enquanto a formação social é permeada pelas interações sociais e políticas (SINGER, 1998, p. 4).

Essa lógica de “manter, reparar e ampliar o desenvolvimento” nos é incorporado e assim atribuímos muitas tarefas diárias para contemplar. No caso dos docentes, isso acaba incidindo em planejamentos da aulas; se conseguimos dar conta de realizar o plano que foi estabelecido, então sentimos que somos produtivos. Somos impostos, no entanto, a uma demanda de trabalho tão alta que não damos conta das tarefas que são planejadas tendo em vista o tempo que temos, e por vezes nos sentimos incapazes pela falta de finalização do serviço, passando a causar reflexos no pensamento de que fracassamos por não ter cumprido a meta e não ter convertido em dinheiro o tempo que foi gasto.

“Nessa altura eu já estava achando que perdera tempo demais da aula, e que o tempo para realização da prática estaria prejudicado” (DIV - A1, 06/06/2019). Esse trecho retirado do diário vem ao encontro das ideias expostas no parágrafo anterior quando coloco sobre a questão de desejarmos ter rendimento nas nossas atividades, visto que eu havia feito um planejamento para o desenvolvimento da aula, mas não havia conseguido cumpri-lo de modo que achasse satisfatoriamente produtivo.

Conforme trago no trecho do Diário I a seguir, apesar de ter sentido que a aula teve um bom rendimento relativo ao assunto abordado com os/as alunos/as, não me contentei completamente por falta de não ter cumprido o plano estipulado

⁵ Tempo é dinheiro: tradução livre minha.

anteriormente: “Essa aula foi bem tranquila, porém o tempo foi curto para o programa que eu havia estipulado para cumprir, com certeza terei mais aulas do que eu havia previsto” (DI-A1, 28/05/2019).

Novamente vê-se a questão da realização de tarefas e tempo necessário gasto para realizá-las, como no ponto de vista Capitalista temos que adequar nossa velocidade aos tempos impostos pelo mercado, temos a preocupação de render, ser eficiente no momento do trabalho, tendo que cumprir as tarefas que foram encomendadas ou planejadas. O parágrafo a seguir traz informações que compõem a parte reflexiva das notas do diário.

Em seguida pode-se notar a preocupação em retomar o planejamento do trabalho docente com o objetivo de estar prontamente com as atividades a serem desenvolvidas na aula, seguir a sequência didática para otimizar o tempo e os processos educativos. “Hoje o clima estava agradável para quente, consegui novamente ir pedalando para a escola, no trajeto fui relembando as atividades que havia consultado na noite anterior para fazer nessa aula” (DII – A1, 30/05/2019).

A preocupação em realizar um bom trabalho é constante, como vemos acima ocupamos momentos diversos, como o deslocamento de casa para a escola, para retomar as questões relativas ao rendimento das aulas.

Reconheço a função e importância do Plano Docente, bem como do constante retorno a esse material para consulta e reelaboração de atividades como é evidente no excerto abaixo:

O plano de trabalho pode levar um tempo para fazer, demanda consulta, e criatividade, porém é muito importante para “sulear” as atividades da aula. A meu ver, a atividade mais importante de hoje seria a apresentação da Metodologia para que na aula seguinte partíssemos para as práticas. No entanto, isso não ocorreu como eu havia planejado, tendo em vista que eu utilizaria uma sala de vídeo para desenvolver essa atividade, porém eu não agendei com antecedência uma das salas (DII - A1, 30/05/2019).

Ao mesmo tempo em que fui arrumando o material para a realização das atividades planejadas, foram surgindo reflexões sobre o tempo que passa sem que o programado seja executado, refletindo na sensação de fracasso.

Preciso lidar com essa ansiedade minha, pois ainda estou imerso nessa lógica capitalista do rendimento e penso que perdemos muito tempo arrumando para fazer as atividades, o que nos deixa menos tempo para realização da vivência propriamente dita (DIV -A6, 06/06/2019).

A parte prática das aulas é a mais esperada pelos/as alunos/as e mais interessante para esse estudo, pois a partir das vivências que surgem as atitudes

geradoras de trocas de saberes, reflexões, conversas, despertares de consciência que levamos para a Mediação, aqui especificamente em relação às questões de rendimento, ou seja, vencer as disputas.

Depois de algum tempinho achei. Abri o arquivo e comecei a explicação, chamei a atenção dos alunos falando que faríamos o jogo Pique-bandeira, perguntei se todos conheciam o jogo, a grande maioria disse que sim. Para os que disseram que não, falei que na realização do 1º Tempo construiríamos as regras e eu explicaria como é que se joga. (DIV - A2, 06/06/2019).

Na sequência de fatos ocorridos que foram descritos na citação anterior fomos para a quadra realizar a vivência do jogo Pique-bandeira seguindo a Metodologia *Callejera* na execução da atividade. Realizando o 1º Tempo fui explicando o jogo e verificando se os/as alunos queriam fazer alguma modificação, inclusão ou supressão de regras.

Na sequência foi realizada a partida e por fim fiz a discussão final mediada no 3º tempo para proporcionar algumas reflexões sobre os lances dos/as jogadores/as ocorridos durante o jogo, fechando com o anúncio do placar final.

Em alguns momentos do jogo é necessário que ocorram paradas e alguns questionamentos são lançados junto às crianças no intuito que ocorra a tomada de consciência, ou seja, o reconhecimento da dinâmica do jogo.

Comecei minha fala questionando se Jack tinha conseguido passar para seu campo sem ser pego, houve consenso em dizer que sim, questionei sobre qual era o objetivo do jogo, ou seja, o que deveriam fazer para que o time pontuasse; emendei minha fala respondendo que era necessário trazer a bola do time contrário para seu campo (DIV - A4, 06/06/2019).

No entanto, enquanto construía a parte analítica do diário, pensava sobre ser necessário o posicionamento adotado por mim naquele momento, que era o de transmitir os ensinamentos sobre a lógica interna do esporte, visto que um jogo estava se desenrolando. Não aquele que eu imaginava que fosse, porém, ainda assim, um jogo. As crianças fazem as atividades e é possível levar vários ocorridos para discussão no 3º Tempo.

Em vários momentos do jogo temos situações que podem ser relacionadas à competição. Os processos educativos surgem no sentido de pensar sobre a importância dada a competição e sobre o entendimento da dinâmica da Metodologia *Callejera*, na qual o resultado do placar no 2º Tempo da atividade não é determinante para indicar o time vencedor, como podemos verificar a seguir:

Chocolate veio até mim para perguntar sobre o placar, para mim ele sabia que seu time vencia apertado, o placar mantinha-se em 4x3, eu perguntei

para ele se isso era importante, e quanto valeria esse resultado ao final do jogo, essa valorização a competição e a vitória me incomoda, porém vejo que com essas questões que lancei a ele não será possível desenvolver uma reflexão mais profunda sobre esse ponto. Ele voltou na brincadeira e logo veio Jack(2) falando, “Mais um professor”, me informando que havia pontuado, 5x3 (DV – A9, 11/06/2019).

A partir do trecho acima podemos identificar o desconforto causado em mim por conta de entender que, na fala do aluno, ocorria a valorização do resultado da partida em detrimento da realização da atividade, da diversão e do encontro ocorrido por conta do jogo. No instante do acontecimento tivemos uma rápida conversa na qual propus uma questão para que esse estudante refletisse sobre a importância em vencer, tendo em vista que a realização de um placar largo no jogo não levaria muito benefício para a contagem final. Brandão (2005) faz uma reflexão nesse sentido:

E é bem verdade que (...) é bem melhor um “três a um” do que um “dois a dois”. No jogo, a regra universal é que dois (duas pessoas, dois times, duas equipes) (...) entram nele em condições supostamente iguais, (...). Todos estão submetidos da mesma maneira às mesmas regras. E então um vence o outro porque foi: mais capaz, mais hábil, mais forte, mais inteligente, mais astuto, mais sagaz, mais bem treinado, “mais” (...). Essa é a “regra do jogo”. E por isso se joga (BRANDÃO, 2005, p. 1)

Só se joga para vencer, senão qual seria o objetivo de participar de uma partida? O aluno Chocolate pode ter sentido, em algum momento, que seu time corria algum risco de perder, visto que está incorporado que o importante, ou o jogo só é válido para quem vence, perder torna-se uma vergonha, portanto, válido é evidenciar as suas capacidades e habilidades superiores para todos/as aos/as outros/as com o objetivo de diminuir a sensação de derrota justificando não ser culpado por uma eventual perda do time.

A Unidade de Significado 1, do Diário VI, traz a preocupação, principalmente dos meninos, em formar uma equipe competitiva com possibilidades de vencer qualquer adversário, assim sendo alocada na Categoria A.

“Iniciei a chamada, porém os(as) alunos(as) conversavam falando da formação de um time hipotético, chamei-os para prestarem atenção, no entanto continuaram a conversando (DVI – A1).” Essa situação foi observada em um momento que eu verificava quais eram as pessoas ausentes, e as crianças ansiosas em confrontar-se pensavam em colegas que poderiam completar seus grupos, visto que poucos alunos estavam presentes naquele dia e os times estavam desfalcados.

Na citação a seguir ainda deparamos com o desejo da formação do “*Dream team*”⁶ por parte de alguns alunos:

Marcos e Munlock são amigos e ambos são habilidosos, como os times foram separados de maneira que não reunissem várias pessoas habilidosas na mesma equipe em vários momentos alunos e alunas pedem para mudar de time, pois temos incorporado que o importante é vencer. Como já relatei em outro diário, Munlock é bastante competitivo e se irrita em vários momentos do jogo quando alguém do seu time erra, ou quando sofrem ponto (DVIII – A1, 06/08/2019).

O caso anterior ocorreu em um dia que alguns alunos/as faltaram, desfalcando seus respectivos times, assim e os/as estudantes presentes discutiam sobre como fazer para que seus grupos continuassem com o mesmo número de integrantes que possuíam quando todos/as, ou pelo menos a grande maioria das crianças, estão presentes.

A emergência dos processos educativos foi ocorrendo durante as intervenções, como podemos notar nesse caso em que foi preciso equilibrar o número de jogadores/as das equipes:

- É só passar uma pessoa desse para esse, fica 6 contra 5 já dá para jogar. Falou Marcos apontando para o outro time que possuía mais pessoas e depois apontando para o seu.
- Então vamos escolher! Completou Goege.
- É eles que escolhe? Questionou E-Manoela.
- Esse time aqui pode deixar alguém passar pra lá? Perguntei apontando para o grupo que possuía mais alunos(as).

Ao mesmo tempo que os meninos disseram não, as meninas disseram sim.

- Pergunta para o Munlock se ele quer passar pra cá? Disse Marcos.

Esse ocorrido demonstra o sentido de competição que está incorporado em nós, e por outro lado demonstra um comportamento cooperativo e de justiça na atitude das meninas que estavam dispostas a deixar uma pessoa de seu grupo passar para o outro de modo que as equipes ficassem mais equilibradas em número de jogadores (DIX – A1d, 08/08/2019).

Novamente, em outra aula (DIX – A1d, 08/08/2019), surgiu a possibilidade de passar alguns integrantes de um time para outro de modo que ficassem com número equivalente de membros. Na primeira fala, Marcos expõe que seu time precisa apenas de um jogador para que seu time possa jogar de maneira supostamente equilibrada. Na sequência das falas, Goege externaliza seu desejo de formação de um time competitivo colocando que deveriam escolher alguém do outro time.

Ao que fui questionado por E-Manoela, nesse sentido, pensando na metodologia *Callejera*, principalmente em relação aos protagonismos dos/as

⁶ Time dos Sonhos: tradução livre minha.

integrantes, não resolvi o problema eu mesmo, dirigi a questão para toda gente de modo a verificar se alguém do time que possuía mais integrantes poderia passar para o outro. Enquanto os meninos disseram não, as meninas disseram sim. Identifiquei esses acontecimentos como sendo dissonantes, ou seja, divergentes em relação a essa categoria, pois as meninas não se importaram em compartilhar membros de seu grupo para que o jogo ocorresse, enquanto que os meninos queriam escolher quem deveria ir para o outro de modo que não se sentissem prejudicados.

Em outros momentos ocorreram situações que estão relacionadas com o desejo de vencer, ou fazer parte de um grupo vencedor, como podemos notar por meio das observações anotadas: “(...) Amanda pediu para mudar para o time de Munlock, naquele momento falei que veríamos mais tarde” (DIV – A3, 06/06/2019):

“Logo na primeira parada Amanda veio pedir para mudar para o time de Munlock novamente, eu disse para ela experimentar, jogar e se não desse certo nós pensaríamos em mudar, porém se ela mudasse outrem também poderia mudar e isso levaria um bom tempo da aula para resolver” (DIV – A4, 06/06/2019)

Pelo que imaginei, ela queria mudar de time, pois julgava que aquele ao qual estava não era competitivo suficientemente. No outro time haveria uma maior chance dela vencer, visto que Munlock é considerado um garoto com habilidades motoras elevadas acima da média dos outros/as jogadores/as, tendo condições de levar a equipe à vitória.

Na sequência dos encontros e após os momentos de jogo, os participantes conversavam sobre os lances, porém não em um ponto de vista de análise do que foi feito e o que deveria ser mudado para que fosse diferente, nem com o intuito de diminuir a tristeza dos que não venceram. Os/as alunos/as se defendiam e se acusavam para justificar o resultado que não queriam que tivesse ocorrido.

Como explicitado no trecho que segue: “Cheguei na roda onde as crianças já se posicionavam e comentavam uns com os outros sobre os acertos e erros do jogo, não consegui identificar sobre o que falavam mas notei Brena falando para Munlock que não tinha sido culpa dela, ...” (DV – A11, 11/06/2019). Nesse excerto é mostrada parte de uma conversa, na qual as crianças irritadas e chateadas por terem perdido a partida, culpabilizavam outros/as integrantes da equipe e se justificavam demonstrando que agiram comprometidos com seu time, mas não tiveram êxito.

Brandão (2004, p. 2) nos ajuda a pensar sobre a nossa repulsa em aceitar os momentos em que perdemos, seja a disputa que for, como vivemos imersos:

[...] na economia capitalista, em que se proclama – inclusive em alguns modelos de formação de crianças e de jovens através da educação – que todos podem ‘vencer na vida’ e que isto depende apenas da ‘vontade de cada um’, o que de verdade acontece é o exato oposto.

Em “diferentes setores da vida de todos”, nas interações que temos no trabalho, com a família ou em momentos de lazer; em toda e qualquer atividade diária, é urgente perceber “como cada vez mais a ilusória ‘vitória’ de alguns poucos custa o preço da derrota, da exclusão, da infelicidade de muitos” Brandão (2004, p. 2). Continua o autor explicando, que não só para um vencer outros precisam perder, mas que os estímulos dados as crianças nesse sentido acabam gerando a competição, o individualismo, a falta de empatia, a ansiedade e um desconforto emocional desde as vivências escolares.

Entretanto, tais situações que ocorreram nas vivências são formas geradoras de discussões que contribuíram com a troca de ideias para uma conscientização das ações que foram tomadas e as consequências por elas geradas.

Gabiela começou a falar que notou o movimento de Munlock no jogo que trocava seus passes com Brena, eu disse que havia notado esse movimento e que era uma estratégia de jogo adotada por ele visando satisfazer a regra de que meninos deveriam passar a bola para meninas e vice-versa, logo, inseri a questão do Companheirismo na discussão perguntando para Leo se ele tinha ficado satisfeito com o número de vezes que havia recebido a bola durante o jogo (DXVI – A4d, 12/09/2019).

No momento retomado acima, uma aluna observou a estratégia adotada por um jogador durante a partida visando à vitória e leva a observação para discussão no 3º Tempo. Nesse momento de mediação tentei despertar em todos/as o pensamento em relação a atitudes de Companheirismo e compartilhamento diante da competição, quando questiono Leo sobre o sentimento que ele teve por não receber a bola enquanto jogava, ou seja, ter sido excluído da partida.

O intuito daquele momento em ouvirmos a fala de Leo foi de que os/as alunos/as sentissem empatia pelo sujeito do ocorrido e quem sabe, percebessem em outros momentos pessoas à parte de outras atividades e assumissem uma postura de inclusão. As atividades realizadas nas intervenções potencializaram momentos de tomada de consciência nos levando a pensar e compartilhar nossos/as vivências e saberes incorporados através da exposição de ideias sobre competição.

O trecho da citação anterior, ao tempo que demonstra total relação com a categoria exposta, também nos introduz nas questões de gênero. A necessidade de inclusão da menina por parte do menino no jogo deu-se por conta do estabelecimento de regras que foram acordadas no 1º Tempo, com o objetivo de possibilitar maior participação feminina na partida. Se por um lado houve o Respeito à regra, por outro houve a questão da falta de Cooperação/Companheirismo no time.

Assim finalizo a discussão deste subcapítulo, com o agrupamento das unidades em que foram evidenciados momentos que convergiram para o surgimento dos processos educativos referente à tomada de consciência de atitudes que levassem ao rendimento, como também a troca de saberes sobre posicionamentos assumidos que demonstravam competição, e sigo para a apresentação do próximo subcapítulo.

5.2. AS MENINAS FICAM FAZENDO UNHA! - PATRIARCADO

Nessa categoria apareceram as questões relacionadas ao gênero, onde surgem vários estereótipos do comportamento masculino e feminino em que os homens são fortes, devem dominar, tomar as decisões enquanto que as mulheres são frágeis, atenciosas, simpáticas, submissas, cuidadoras, recatadas (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR; SOUZA JUNIOR, 2014). Esses comportamentos tendem a ser passados e reafirmados socialmente, além da emersão dos processos educativos no sentido de elucidar essas visões que interferem na ação docente. Assim, como afirma Goellner (2010) gênero é a construção social e cultural pela qual identificamos masculino e feminino, enquanto sexo está ligado as características do ponto de vista biológico na diferenciação de homens e mulheres.

O nome dessa categoria surge quando, realizando o 1º Tempo de uma aula, eu instigava os/as alunos/as a pensar meios de incluir as meninas a participarem ativamente em mais lances do jogo e uma das ideias sugeridas foi a de que os pontos das meninas foram estipulados como valendo três pontos. Um garoto justificou a validade dos pontos relacionando ao fato de algumas meninas utilizarem esmalte para pintar as unhas.

Perguntei para todos(as) por quê os pontos das meninas deveriam valer mais. Muitos(as) falavam ao mesmo tempo, e a fala de Goege me chamou a atenção:

- As meninas ficam fazendo unha.
- As meninas também jogam Vôlei, jogam Futebol. Retrucou Brena.
- Meninas também praticam esportes. Sabrina falou juntamente com Brena. (DXII – B2, 29/08/2019).

Não foi possível investigar qual era a lógica do pensamento de Goege mais profundamente por conta das várias falas que iam ocorrendo e se “atropelando” umas às outras nesse momento. As discussões eram em vários sentidos, crianças verbalizavam suas visões estereotipadas e outras rebatiam, fazendo a defesa das maneiras de vida das meninas no sentido de esclarecimento das ideias sobre esse tipo de entendimento machista sobre as mulheres que podem ser verificadas em outras situações de aula.

“O machismo é o preconceito que exerce uma função social de dominação dos homens sobre as mulheres, inferiorizando-as com a finalidade de controlar comportamentos e subjugar sua existência [...]”. (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2019, p. 7).

Preconceitos das mais variadas ordens (morais, biológica, religiosa, política, dentre outras) restringiram a participação das mulheres nos espaços de atuação do futebol e reiteraram por décadas a naturalização de que o ‘futebol não era coisa para elas’. O Decreto-Lei promulgado por Getúlio Vargas em 1941, oficializou a interdição da prática ao justificar tal medida na preservação do corpo feminino, portador de uma “natureza frágil” (BONFIM; MORAES, 2016, p. 180).

Vem de muito tempo, possuindo diversas origens sociais, os preconceitos e a incorporação pelas pessoas de que as mulheres não devem praticar atividades físicas. Não só o futebol, como descrito acima, mas que os exercícios físicos em geral devem ser direcionados diferentemente para homens e mulheres, não de acordo com os desejos e especificidades de cada um/a, mas para acentuar um “modelo” de corpo idealizado por uma sociedade patriarcal.

Nesse ponto de vista as atividades físicas que podem modificar os corpos femininos contribuindo para formação de linhas arredondadas são desejadas, enquanto os exercícios que promovem o aumento aparente da musculatura, deixando o corpo com linhas mais retas, tirando o aspecto frágil, são mal vistos e devem ser evitados (BONFIM; MORAES, 2016).

Mesmo após os depoimentos evidenciando sobre a atuação das garotas em diferentes atividades esportivas de acordo com suas vontades, como o de Brena:

“As meninas também jogam Vôlei, jogam Futebol” e Sabrina: “Meninas também praticam esportes”(DXII – B2, 29/08/2019), um menino respondeu: “que elas não gostavam”(DXII – B3, 29/08/2019) e Jack(2) coloca prontamente a seguinte frase: “As meninas são delicadas, os homens são cabra-macho”, após meu questionamento sobre o motivo de meninas terem menos experiências em atividades físicas.

É curioso pensar nas respostas dos meninos, talvez eles quisessem fugir dessas discussões, enquanto um diz que elas não faziam porque elas não gostavam (Allan), outro (Jack(2)) coloca um pensamento que não têm relação nenhuma com a questão do fato das meninas não terem tão desenvolvidas as habilidades motoras quanto os meninos.

As meninas, atentas, rebatiam os discursos um-a-um na medida que ocorriam: “Tem menina que gosta, tem menina que não gosta” (DXII – B4, 29/08/2019) E-Manoela expos sobre o fato de algumas garotas não praticarem atividades físicas.

Esforços a nível governamental são elaborados pensando em meios para promover a diminuição da repressão e estimular o reconhecimento da capacidade feminina como é o caso da Secretaria de Políticas para as Mulheres.

As mulheres avançam! No mundo e também em nosso país! Ocupam mais e mais espaços e são reconhecidas por sua capacidade não apenas de lidar com as questões sociais, mas de serem excelentes, seja qual for a área escolhida! Há mulheres que se destacam na Engenharia, mulheres que fazem sucesso na Matemática, na Física, na Química. Da mesma maneira que há mulheres ótimas nas Licenciaturas, na Enfermagem, na Psicologia e tantas outras ocupações. Assumem postos importantes e se notabilizam na gestão de grandes empresas públicas e privadas, assim como assumem com competência cargos legislativos e executivos na esfera municipal, estadual e federal. No esporte, igualmente, as mulheres se distinguem por seu talento (GREGORY, 2014, p. 11).

Como podemos notar, na citação anterior, alguns avanços foram conquistados sem que se possa deixar de serem travadas lutas no sentido de equalizar a vida social, política e econômica das mulheres junto aos homens.

Parece que as medidas para demonstrar que as mulheres são tão capazes quanto os homens na criação, execução e administração de variadas tarefas surtiram algum efeito, no entanto a caminhada a seguir ainda é de muito esclarecimento tendo que ir de encontro para desmistificar as visões estereotipadas que estão incorporadas não só por garotos, mas também outras meninas.

Entretanto, isso não significa que o caminho tenha sido fácil e nem que tudo esteja bem. Assim como nas outras áreas, foram vencidos inúmeros obstáculos e ainda persistem muitas barreiras e dificuldades para que

meninas e mulheres de todas as idades possam vivenciar integralmente seu direito ao esporte e lazer (GREGORY, 2014, p. 11).

Esses posicionamentos de resistência precisam ser amparados por meios legais para que sigam aumentando, ganhando terreno e procurando legitimação. Na maioria das vezes, ou em todos os momentos, é necessária a criação de brechas por parte do corpo feminino, visto que:

As consequências das concepções machistas e sexistas são sentidas pelas mulheres em seu dia a dia, desde crianças, quando, a princípio, seu mundo ainda estaria livre de convenções. Considera-se natural que meninos brinquem com bola e meninas com bonecas, que enquanto os meninos saem para as atividades esportivas no contra turno escolar, como o Programa 2º Tempo, do Ministério do Esporte, as meninas tenham que ficar em casa, cuidando dos irmãos menores (GREGORY, 2014, p. 11).

Na externalização das falas e visões estereotipadas femininas demonstradas por alguns meninos, busquei despertar pensamentos sobre o fato das meninas terem menos possibilidades de vivências em atividades físicas, apresento um desses momentos no trecho a seguir: “Coloquei a questão sobre o número de meninas que praticam, por que o número de meninas praticantes de esporte é menor que o de meninos?” (DXII – B2, 29/08/2019).

Do mesmo modo, é bastante frequente que as mulheres jovens e adultas tenham dificuldade para participar do esporte recreativo, pois são vistas como as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidados. Por essas mesmas razões, é considerado natural que o lazer para as mulheres frequentemente se limite aos espaços privados, em casa, ao lado das filhas e filhos, enquanto os homens vão para os clubes, para o bar, aproveitando suas atividades de lazer no espaço público, inclusive com pretensa prioridade no uso de equipamentos esportivos (GREGORY, 2014, p.12).

O esforço do professor nas discussões “vai na esteira”, visando dar rendimento as atitudes de discriminação, exclusão e repressão para despertar a consciência das situações que foram vivenciadas.

E quando a educadora ou educador percebe a contradição e coloca meninas e meninos na mesma atividade, jogando futebol, por exemplo, é muito fácil as meninas não receberem passes de bola e não serem envolvidas nas jogadas, com o argumento de que são frágeis, não têm agilidade, ou não são boas na modalidade. E é preciso comprar briga para que sejam tratadas com igualdade, tenham os mesmos espaços e mesmas chances de exploração das possibilidades (GREGORY, 2014, p.12).

Os diálogos foram ocorrendo, meninos continuavam demonstrando a percepção que tinham das garotas como sendo o “sexo frágil” como podemos notar no caso das falas de outros alunos: “Goege disse que as meninas gostavam de passar batom, passar maquiagem” (DXII – B5, 29/08/2019). “Eu não gosto!!! (Ágata) coloca-

se sobre a utilização de maquiagem, Bruce: “Na minha opinião as meninas são mais delicadas, porque os meninos têm mais resistência para jogar esses jogos brutos, elas já são mais delicadas (DXII – B8, 29/08/2019), demonstrando não ter internalizado os discursos proferidos pelas meninas momentos antes nessa conversa.

Ressalto que as mulheres e meninas precisam se sentir seguras nos vários espaços sociais que frequentam para poderem posicionar-se sem medo e defenderem seus pontos de vista, e nesse sentido as aulas puderam proporcionar esse espaço, como podemos ver no excerto do diário que segue:

Na sequência partimos para formação dos grupos que deveriam compor um time para os momentos de realização das vivências corporais, formei uma tabela com quatro colunas na lousa colocando alguns nomes de meninos que sei que possuem boas habilidades motoras, quando estava no terceiro nome Gabriele disse:

- Não têm menina?! (DI - B1, 28/05/2019).

No trecho acima podemos observar que a formação das equipes estava sendo iniciada apenas por meninos, comecei pelos garotos considerados mais habilidosos no intuito de formar equipes equilibradas, quando Gabriele notou e contestou. Realmente ela tinha razão, essa escolha não poderia ser executada de outra maneira?

Enquanto educador, eu observava os movimentos dos meninos e meninas durante o jogo e procurava incentivar o diálogo tanto no 3º Tempo quanto no 1º. Baseado nos ocorridos da aula anterior, procurava estimular a proposição de regras no 1º Tempo de jogo. Esse posicionamento tinha a intenção de criar brechas que promovessem a inclusão de regras para aumentar a participação feminina no jogo.

Algumas regras criadas foram: a atribuição maior no valor dos pontos realizados pelas jogadoras; a bola deveria passar por mais de três pessoas no time antes que finalizassem a jogada; meninos deveriam passar a bola para as meninas. Julgo que essas medidas, além de causar motivação nos/as participantes foram no sentido de incentivar atitudes que incluíssem as pessoas que ficavam à margem da atividade.

A ocorrência em várias intervenções, de regras para a inclusão de mais jogadores/as foram surtindo efeito, houve um aumento do número das meninas na participação da atividade.

Noto que algumas meninas começam a tentar atacar, fato que não havia ocorrido na brincadeira do dia anterior. Após ter saído da aula anterior, já

incomodado com a pouca participação das meninas em relação as ações de ataque, fiquei pensando se deveria fazer alguma regra que motivasse uma maior participação das meninas em outras partes do jogo, não somente colaborando com a defesa de seus times (DV – B5, 11/06/2019).

Sem que pudesse deixar de reforçar as reflexões no decorrer das aulas, no sentido de ir instigando a classe a pensar sobre a participação das meninas no jogo.

Coloquei questões mais diretas sobre a participação delas no jogo e percebi através da fala das garotas que havia medo de ser repreendidas por errarem, porque não imaginavam que pudessem atacar também, porque os meninos haviam dito que elas deveriam ficar ali, e porque não haviam visto nenhuma menina indo atacar (DV – B6, 11/06/2019).

Acima temos um trecho do Diário V que traz minha observação de um momento da aula que havia conversado com as meninas procurando entender e ao mesmo tempo despertar à consciência dos/das estudantes acerca das explicações das garotas sobre a baixa participação no jogo.

Com os diálogos estabelecidos naquele momento notei que os motivos são vários, como: as meninas se anulam preferindo não participar do jogo por receio em errar e assim serem repreendidas pelos meninos; porque alguns meninos haviam sugerido que assumissem determinado posicionamento em quadra, posicionamentos esses que não oportunizavam interações com a atividade no sentido de ações ofensivas.

Em outra ocasião, algumas meninas se arriscaram mais e na conversa ao final da aula pude notar mais alegria e contentamento na realização dos feitos. Discutir questões sobre gênero foi colocado como um dos objetivos da aula 3, porém preciso retomar essa discussão no sentido de contribuir para que meninos e meninas despertem para as questões de igualdade (DV – B6, 11/06/2019).

Como na intervenção anterior, demonstrado em um excerto de análise que elaborei no momento de reflexão de fundo (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 88), no Diário V (DV – B6, 11/06/2019), foi possível identificar o aumento da participação feminina no jogo, sem que elas necessariamente notassem. A conversa final, ou mediação, foi proposta no sentido de desvelar o movimento das meninas reforçando a participação. No diálogo verificamos as justificativas dadas pelos garotos quando são questionados sobre o fato de não vivenciarem e não perceberem que faltou Cooperação/Companheirismo em relação ao outro sexo.

Marcos, que era de outro time disse que quando eles estavam jogando algumas pessoas discutiam sobre quem deveria atacar, e que eram só os meninos que queriam passar para o campo de ataque. Então voltei a

perguntar se alguma menina queria passar para atacar, mas os meninos falaram para não passar. Priscila disse que queria passar mas não deixaram, mas que Emanuela tinha atacado, os meninos se defendiam dizendo que não tinham falado nada (DV – B15, 11/06/2019).

Nesse trecho percebe-se o embate entre os sexos. O time é dividido em duas partes, uma que vai ao ataque e outra que fica na defesa. Os meninos ficam com a parte mais interessante, vivenciando mais emoção enquanto passam a linha demarcatória do meio da quadra em uma atitude ofensiva para invadir o lado defendido pelo outro time, fogem dos/as pegadores/as adversários na tentativa de pegar a bandeira e trazê-la para seu lado, enquanto as meninas ficam com a responsabilidade de proteger o território evitando a invasão do time adversário.

Passadas mais algumas discussões, ainda tivemos que continuar propondo interrogações que suscitassem as crianças a perceberem suas atitudes de exclusão e caminharem rumo ao Companheirismo.

Allan disse que as meninas não corriam o mesmo que os meninos. Várias meninas reclamaram fortemente e Allan logo reelaborou sua fala dizendo que as meninas corriam mais ou menos (DXII – B3, 29/08/2019).

Não só a participação nas discussões do 3º Tempo como também em momentos que os grupos estabeleceram estratégias de ataque e defesa, os meninos possuíam maior participação e exerciam maior influência.

Percebo que a participação dos meninos no jogo é bem maior do que a das meninas, eles recebem mais, chamam mais e colocam mais suas ideias em relação as meninas. Apesar de ter notado uma participação maior e mais efetiva das meninas ao longo das aulas, acho que ainda temos que percorrer um caminho bem longo até que as condições de igualdade transcendam o discurso e sejam verificadas nas relações interpessoais (DX – B4, 13/08/2019).

Outros momentos que contribuíram para a manutenção do posicionamento machista puderam ser verificados, tivemos um evento ocorrido onde um menino está na fila composta por meninas e por isso sofreu uma punição em forma “piadas” por parte de outros meninos que estão na fila ao lado (DII – B2, 03/06/2019).

Entendo esse ocorrido como sendo análogo a um exemplo de quando uma criança toma alguma atitude que é considerada socialmente do sexo oposto ao dela, imediatamente ocorrem as repreensões dos/as que estão a sua volta para que a criança retome a postura adequada ao seu sexo que lhe foi atribuído socialmente.

Eles sempre formam uma fila de meninos e outra de meninas, isso está incorporado neles, pois desde sempre as professoras separam assim quando formam as filas, eu sempre peço para formarem as filas dizendo que são filas mistas, cada um pode entrar na fila que quiser. Agora as crianças estão

acostumadas com isso, mas no início, quando alguém mudava de fila outros ficavam com “piadinhas”, eu já aproveitava esse momento para colocar algumas questões sobre o por quê das piadas, teria algum problema se alguém entrasse em outra fila, aconteceria alguma coisa, a pessoa mudaria de sexo? (DII - B2, 03/06/2019)

Ou seja, os comportamentos das crianças são estimulados e aprendidos em diversos ambientes frequentados por todos/as, fazendo que sejam estabelecidos padrões machistas e a desigualdade de gênero.

De acordo com Belmonte, Gonçalves Junior e Souza Junior (2014) “enquanto o sexo nos fornece um parâmetro biológico de análise, o gênero manifesta o seu revestimento político/social/cultural/histórico”. Como o conceito de gênero é formado “através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes características das concepções de cada sociedade”, é por meio das vivências nos espaços que as crianças vão percebendo como é a postura de cada gênero esperada pela sociedade na qual se vive.

Em outra ocasião, em um encontro futuro ao acontecimento da formação de filas mistas, ainda presenciei atitudes preconceituosas provenientes de ideias patriarcais.

As filas foram separadas automaticamente entre meninos e meninas, Jack(2) estava dando risada de Rafa que havia entrado na fila das meninas, quando eu percebi o que ocorria perguntei para Jack(2) por quê ele estava dando risada, e falei alto para que toda gente ouvisse, que como todos(as) já sabiam, as filas eram mistas (DVIII – B2, 06/08/2019).

O patriarcado é um sistema histórico, político, social e econômico onde o homem tem o poder e dominação sobre as mulheres desde o plano familiar, estendendo-se para os outros espaços sociais (CASTRO; LAVINAS, 1992, p. 237), de acordo com o exposto por Santos nos permite reconhecer que:

As relações sociais familiares estão dominadas por uma forma de poder, o patriarcado, que está na origem da discriminação sexual de que são vítimas as mulheres. Obviamente, tal discriminação não existe apenas no espaço-tempo doméstico e é aliás visível no espaço-tempo da produção ou no espaço-tempo da cidadania (...) (SANTOS, 2018, p. 168).

Na sequência do excerto, o sociólogo lusitano continua explicando que a origem da discriminação tem seu início nas casas, visivelmente notado na divisão do trabalho doméstico, lugar em que “a mulher tem a seu cargo, para além da reprodução biológica, a preparação dos alimentos, as compras para consumo doméstico e o trabalho de organização e de execução que permite a reprodução

funcional da unidade familiar”, estendendo-se para outros espaços da vida em sociedade e essa ideologia

[...] patriarcal do espaço-tempo doméstico tende, de fato, a influenciar a subordinação da mulher no mercado de trabalho, sendo apropriada tanto pelo capital no espaço-tempo da produção, como pelo Estado no espaço-tempo da cidadania que a institucionaliza, nomeadamente no domínio do direito penal, direito de família e da segurança social. Como de resto noutros domínios, a distinção entre o espaço-tempo doméstico e o espaço-tempo da produção, por exemplo, é tão importante quanto as profundas articulações entre eles (SANTOS, 2018, p. 169).

Apesar da conversa e troca de saberes, a necessidade do despertar para as atitudes de respeito e mudança do paradoxo patriarcal persistia:

Pedi para formarem as filas mistas para que pudéssemos seguir até a quadra, quando cheguei do lado de fora da classe, notei que Jack(2), Nick e Goege tiravam sarro de El gato e Leo pois estavam no lado da fila considera de meninas. Allan e Jack(2) seguravam cada um uma bola, coloquei cada um na frente de uma fila; Goege deu risada de Jack(2), também pedi para que ele trocasse de fila (DXII – B1, 22/08/2019).

E ainda em outros encontros as pessoas ainda não se sentiam confortáveis em entrar na fila que desejassem: “Me perguntaram se a fila era mista e respondi que era e que poderiam entrar na fila que quisessem” (DXIV – B1, 05/09/2019).

Observei que a fila das meninas estava menor que a dos meninos, E-Manoela sinalizava que as filas eram mistas, mas os meninos resistiam em entrar na fila da esquerda, Brena, também falou que as filas eram mistas. Eu fui andando e as crianças foram se ajustando nas filas (DXV – B1, 10/09/2019).

Vemos que, na prática, à vida familiar da mulher são atribuídas uma série de obrigações e, quando extrapola esse espaço doméstico, acaba sendo reproduzido em outros espaços sociais, continuando a discriminação e repressão feminina.

O subcapítulo apresentado, “As meninas ficam fazendo unha” trouxe os momentos vivenciados de trocas de saberes sobre as questões de discriminação de gênero, em que as meninas se posicionaram na defesa delas colaborando para o entendimento dos meninos quanto à capacidade que as mulheres têm em executar tarefas tão bem quanto os homens. Elas também colocaram suas falas no sentido de elucidar alguns mitos sobre o gosto ou comportamento feminino a respeito da prática de atividades físicas e utilização de cosméticos. Pode-se notar um crescimento no posicionamento das meninas e esforço em defender condições igualitárias de oportunidades, a partir daqui apresentarei os pontos de chegada (JARA-HOLLIDAY, 2006) que alcancei na trajetória de participação dessa pesquisa.

6 Considerações Finais - Prorrogação do jogo

Cheguei a alguns lugares, sabendo que não é o fim da caminhada, muito menos o fim da viagem. Nesse capítulo vou expor algumas “mediações” que fiz na construção dessa Dissertação tendo em vista os encontros que tive com pessoas, estudos, vivências, interpretação e análise da experiência, ou seja, o que Jara-Holliday, (2006), denomina de “Reflexão de Fundo” e nos leva aos “Pontos de Chegada”.

Em nosso entendimento as pessoas estão permanentemente vivenciando processos educativos, educando-se na interação com outras pessoas, não devendo haver verticalidade entre estas, quer seja entre professores e alunos, pesquisadores e sujeitos da pesquisa, mais velhos e mais novos, e quaisquer outras. Tais processos se dão no seio das práticas sociais, como na vivência do lazer (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS, 2006, p. 10).

Enquanto professor, procuro lembrar-me e assumir uma postura em facilitar o compartilhamento dos saberes entre as pessoas que vivenciam as atividades na aula. As crianças, enquanto seres-no-mundo, transitam em locais variados para além de suas casas, estabelecendo interações relevantes com os que encontram nesses outros espaços.

Espaços tais como a rua, igrejas, projetos educativos e a comunidade, para citar alguns, são frequentados por pessoas de diferentes idades, raças, gêneros, profissões e culturas e proporcionam os encontros que contribuem em processos educativos com o compartilhamento de saberes. Com efeito, destaco que:

(...) além *do que* aprendemos (jogos; brincadeiras; respeito para com o outro, independentemente do gênero, da idade, da etnia, da condição social, da situação profissional, da cultura...) igualmente importante foi o *como* aprendemos (nos humanizamos): em experiências concretas, em vivências significativas, em reciprocidade. (GONÇALVES JUNIOR, SANTOS, 2006, p. 13 – itálico dos autores).

A escola também é um espaço social, conforme apresentei na introdução da Dissertação, foi lá o meu primeiro contato com o *Fútbol Callejero*, através de estagiários, professores e estudantes que frequentavam a escola e um projeto social em que tiveram contato com essa atividade.

Em seguida trouxe a origem histórica do *Fútbol Callejero* na Argentina, em Chico Chaco, um bairro periférico de Moreno, cerca de 45 quilômetros da capital Buenos Aires. Além de intervenções que geram a produção de estudos com a aplicação da atividade.

Com o desenvolvimento da pesquisa e dos estudos passei a entender como prática *callejera* as atividades desenvolvidas em três Tempos que tem em vista a valorização e protagonismo dos/as participantes, o incentivo da aquisição de comportamentos que contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade melhor, valorizando atitudes de Cooperação/Companheirismo, Respeito e Solidariedade, com o intuito de promover a troca de saberes, colaborando com a humanização de toda a gente envolvida na experiência.

A aplicação da Metodologia *Callejera* nas aulas foi a da promoção de vivências em aprendizagens socioemocionais, como previsto na BNCC. Assim, esse estudo verificou as aprendizagens que emergiram da aplicação de uma Unidade Didática de Esportes de Invasão com a utilização de jogos para contemplar os saberes atitudinais. O trabalho de elaboração do plano de aulas para realização das intervenções originou o Produto Educacional - Unidade Didática em jogos Pré-desportivos de Invasão, encontrada no Apêndice F.

Foi possível perceber que os processos educativos e, conseqüentemente, a troca de saberes, ocorreram em vários momentos das intervenções, contribuindo em diálogos que levassem para atitudes de compartilhar em detrimento de competir, no reconhecimento de situações de gênero em que as meninas sofriam diversos preconceitos e exclusões. Também foram proporcionadas, entretanto, brechas, ou seja, tempos e espaços, os quais as garotas foram incentivadas a ocupar.

A emersão das categorias aparece desde as primeiras anotações, logo seria possível realizar as discussões a partir de poucas intervenções, visto que nos seis primeiros diários pode-se identificar o surgimento de falas que corroboram com a incorporação das categorias no espaço escolar e em nossas vidas.

No momento de “Recuperação do processo vivido” (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 84) e “Reflexão de fundo” (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 88), desvelou duas categorias de análise: 1) “Mas ele ééé booom!” e 2) “As meninas ficam fazendo unha!”

O entendimento que tive dos acontecimentos que foram observados nas aulas sobre a primeira categoria, “Mas ele ééé booom!”, foi sobre nossas atitudes incorporadas em relação ao Capitalismo, como a promoção do rendimento, a competição e a valorização da vitória. As trocas de saberes foram em sentido de

percebemos sobre a ânsia em performar alto, promoção da cooperação e que o sentido do jogo não é a busca pela vitória.

Na categoria “As meninas ficam fazendo unha!”, surgiram questões referentes ao patriarcado, onde o poder é do homem. Os diálogos e trocas de saberes foram potencializados nos 1ºs e 3ºs Tempos de jogo, através da fala das meninas. Foi possível notar um posicionamento maior e de mais garotas, tanto em relação a exposição de ideias quanto a participação das atividades. Também houve contribuição em relação a ampliação da visão de todos/as sobre a preferência na realização de práticas corporais e utilização de produtos de beleza.

Percebi, portanto, que o encontro do *Fútbol Callejero* e a Metodologia *Callejera* com essa escola que leciono pareceu ser muito cabível, apesar da distância geográfica, cultural e de idioma do local originário da metodologia, em Moreno. Nossa realidade, não obstante, também é de periferia, na qual os moradores ficam à margem da sociedade, são invisibilizados, vivem em contextos violentos e de vulnerabilidades diversas.

Nesse sentido as aulas ministradas puderam proporcionar momentos de despertar em algumas crianças a solidariedade e a cooperação, motivando-os a pensar coletivamente, vislumbrando caminhos ou sonhos de luta em prol da comunidade local.

O processo de estudo, investigação e construção da fundamentação para melhor entender, ver e descrever quais foram os processos educativos que surgiram da aplicação prática da Metodologia *Callejera*, me proporcionaram um exercício de aprendizagem e assim, espero ter conseguido ir além da superficialidade que é vista de imediato, no intuito de estranhar o que vivi diariamente, e por isso já não me salta aos olhos. Consegui descrever, ou pelo menos apontar algumas “categorias” do que os/as estudantes aprenderam, assim, horizontes foram abertos, nós avançamos.

“Abrir a cancha” é a frase que se utiliza em Defensores para expressar a possibilidade de avançar em uma direção nova, para expressar que é preciso dar espaço a outros para que incorpore e se somem ao progresso da organização (ARTAVIA-LORÍA, 2008, p. 13).

Foi como “abrir a cancha” para mim. Poder estar aberto ao conhecimento gerado nas intervenções e conseguir desvelar a aprendizagem decorrente dessa atividade, a aplicação da Metodologia *Callejera* nos jogos pré-desportivos de Esportes

de Invasão contribuíram para o desenvolvimento do trabalho com os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

As habilidades e competências previstas na BNCC foram contempladas tendo em vista um planejamento, principalmente no tocante as competências socioemocionais, que até então eram contempladas no currículo oculto, como nos foi alertado por Souza Junior, Martins e Belmonte, (2015), e agora puderam ser pensadas para que os/as alunos/as às vivenciassem.

Nessa investigação, como já trouxe no início desse capítulo, fiz alguns encontros e trocas de saberes com outrem, conversei mais profundamente com a professora da classe que quis saber os resultados da pesquisa, o que eu estava observando, se havia a mudança no comportamento das crianças referentes ao respeito, cooperação, preconceito e machismo entre outras.

Outras pessoas com quem conversei foram uma professora substituta que conhecia anteriormente, a qual me perguntou sobre o trabalho, e o professor que trabalha comigo na escola compartilhando espaços, materiais e, principalmente, saberes sobre a prática docente.

Retomando os diálogos que pratiquei com os/as companheiros/as de trabalho, chegamos às mesmas reflexões: as atitudes competitivas estão instaladas em uns/umas mais, em outros/as menos; o preconceito, as exclusões ocorrem e quando são identificadas geram desconforto e por vezes, conflitos entre as crianças; as intervenções colaboraram para a emergência dos processos educativos no sentido de contribuírem para o trabalho com as habilidades socioemocionais, porém os/as alunos/as precisavam ser lembrados em várias aulas sobre as atitudes que tiveram.

Segundo relato da professora de sala da turma, os/as alunos/as não levaram os conhecimentos relativos às atitudes geradas nas vivências para os tempos e espaços fora das aulas de Educação Física.

No entanto, mesmo algumas vezes não demonstrando terem vivenciadas as intervenções parece que o trabalho executado nas aulas marcou os corpos dos/as estudantes, pois em momentos que os encontrei em espaços e tempos fora das intervenções, eles/as externalizaram o contentamento de terem participado dos encontros.

Assim como somos conscientes de que mudanças levam tempo para serem incorporadas, o trabalho na educação não é verificado tão logo se faça, e não é por isso que devemos deixar de fazer.

Pode até ser que seja uma visão romântica ou utópica, mas devemos seguir sonhando e colocando em prática os projetos que foram pensados. Isso me faz lembrar do livro “Ideias para adiar o fim do Mundo” de Ailton Krenak (2019), na parte escrita que devemos sonhar, pois é através desse ato que podemos vislumbrar outras possibilidades para nossa vida e para o mundo. Nesse sentido penso e concordo com o autor, quando expõe que é o sonho que precede a ação. Que tenhamos condições de manter pensamentos utópicos e colocar em prática nossas ideias mais apaixonadas.

REFERÊNCIAS

- ARTAVIA-LORÍA, R. **Defensores del Chaco**: o futuro construído por todos. Santiago: Viva Trust, 2008.
- BARROSO, A.L.R; DARIDO, S.C. A Pedagogia do Esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **R. da Educação Física/UEM** Maringá, v20, n. 2, p. 281-289, 2. Trim, 2009.
- BELMONTE, M. M. *Fútbol callejero*: outro futebol é possível. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: ETNOMOTRICIDADES DO SUL / Colloquium Of Qualitative Research In Human Motricity: Etnomotricity Of South / Coloquio De Investigación Cualitativa En Motricidad Humana: Etnomotricidad Del Sur, 6., 2015, Valdivia, Chile. **Anais... / Annals... / Anales...** São Carlos: SPQMH, 2015. p. 461-469.
- BELMONTE, M. M; GONÇALVES JUNIOR, L. *Fútbol callejero*: nascido e criado no sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 116, p. 155-178. 2018.
- BELMONTE, M. M; SOUZA JUNIOR, O. M. *Fútbol Callejero*: da sua historicidade à potencialidade para o ser mais. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: ECOMOTRICIDADE E BEM VIVER, 2017, Aracaju; São Cristóvão. **Anais... / Annals... / Anales...** São Carlos: SPQMH, 2017. p. 553-559.
- BELMONTE, M. M; GONÇALVES JR, L; SOUZA JUNIOR, O. M. *Fútbol Callejero e Educação nas Relações de Gênero*. In: OLIVEIRA, M.V; SOUSA, F.R.(Org.) **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos. Edufscar, 2014. p. 251-273.
- BELMONTE, M. M; GONÇALVES JUNIOR, L; VAROTTO, N.R. **Fútbol Callejero**: potencialidades para *ubuntu* e ecologia de motricidades em novas práticas *callejeras* [S.l: s. n.], [ca. 2019].
- BODGAN, R; BIKLEN, S. Notas de campo. In: _____. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994. p.150-175.
- BONFIM, A; MORAES, C. Mulher no Futebol: no campo e nas arquibancadas. In: STEFANO, D; MENDONÇA, L. (Orgs.). **Direitos Humanos no Brasil 2016**: Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. São Paulo: Editora Outras Expressões, 2016.
- BRANDÃO, C. R. Jogar para competir ou jogar para compartilhar? Da competição contra o outro a cooperação com o outro. In: _____. **Aprender o amor**: sobre um afeto que se aprende a viver. Campinas: Papirus, 2005. p. 85-116.
- BRASIL. Ministério da Educação. Educação Física. In: **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: maio de 2019.

CASTRO, L. E. **A Construção De Valores Orientada Pela Metodologia Callejera Na Educação Física Escolar**. 2018. Dissertação (Mestrado Docência para a Educação Básica) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2018.

CASTRO, M. G; LAVINAS, L. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Machismo. **Série: Assistente Social no combate ao preconceito**. Caderno 6, Brasília, 2019.

COON, J; DURBIN, P. *Fútbol callejero y cambio en el conurbano de Buenos Aires*. **Desarrollo de base revista de la fundación interamericana**, v. 34, p. 9-21, 2013.

DEL-MASSO, M. C. S; COTTA, M. A. C; SANTOS, M. Ap. P. **Ética em pesquisa científica: conceitos e finalidades**. São Paulo: Núcleo de Educação a Distância da Unesp; Programa Rede São Paulo de Formação Docente (Redefor II), 2014. Trata-se do Texto 2 da disciplina 4 do curso Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Disponível em: <<https://goo.gl/W2HX7b>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR BENTO DA SILVA CESAR. **Proposta Político Pedagógica**, São Carlos, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, 2010, Mar. p. 71-83.

GONÇALVES JUNIOR, L; LEMOS, F. R. M; MORAES, F; VAROTTO, N. R. “*Fútbol Callejero*” na Educação Física Escolar: processos educativos emergentes de uma intervenção. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v.5, n.5, 2018, Out-Dez, p. 104-120.

GONÇALVES JUNIOR, L; LEMOS, F. R. M; VAROTTO, N. R., *Fútbol Callejero: processos educativos emergentes da prática social da mediação*. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v.35 n.3, 2017, Set-Dez, p.91-100.

GONÇALVES JUNIOR, L; SANTOS, M. O. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO -PUCPR -PRAXIS, 6, 2006, Curitiba. **Anais...Curitiba: PUCPR**, 2006. p. 1543 –1555.

GONÇALVES JUNIOR, L. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: GONÇALVES

JUNIOR, L. (Org.). **Interfaces do lazer**: educação, trabalho e urbanização. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008. p.54-108.

LEMOS, F. R. M. **Entre o ócio e o negócio**: possibilidades de desenvolvimento da motricidade escolar. 2013. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

GONZALEZ, F. J; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, Vitória, ES. UFES, 2012.

GREGORY, B. H. M. Esporte e lazer: direitos de meninas e mulheres de todas as idades. In.: BRASIL. **Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres**. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Edição especial. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014.

HISTÓRIA E NÚMEROS. Universidade de São Paulo, **Portal USP São Carlos**. Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/história-e-numeros>. Acesso em: 02 nov. 2019.

JARA-HOLLIDAY, O. **Para sistematizar experiências**. 2 ed. Brasília: MMA, 2006.

KRENAK, A. **Idéias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, M.W; RIBEIRO JR, D; SILVA, D.V.C; SOUSA, F.R; VASCONCELOS, V.O. Processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. In: OLIVEIRA, M.V; SOUSA, F.R. (Org.) **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: Edufscar, 2014. p. 113-141.

OLIVEIRA, M.W; SILVA, P.B.G; GONÇALVES JUNIOR, L; MONTRONE, A.V.G; JOLY, I.Z. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, M.V; SOUSA, F.R.(Org.) **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: Edufscar, 2014. p. 29-46.

OLIVEIRA-ARAÚJO, S.S. Exterioridade: o outro como critério. In: OLIVEIRA, M.V; SOUSA, F.R.(Org.) **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: Edufscar, 2014. p.47-112.

SÁNCHEZ, L; SALERMO, J. El *Fútbol Callejero*, un deporte inclusive en Chos Malal, Provincia del Nelquén. **EFDeportes.com**. Buenos Aires, 17(175), 1-7. 2012 Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd175/el-futbol-callejero-en-chos-malal.htm>. Acesso em: 16 de março de 2018.

SANTOS, B. S. Introdução as Epistemologias do Sul. In: MENESES, M. P. *et al* (org.). **Construído as Epistemologias do Sul**: Para um pensamento alternativo de

alternativas. Volume I, 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, CLACSO, 2018. p.297-335.

SANTOS, B. S. O Norte, o Sul e a utopia. *In*: MENESES, M. P. *et al* (org.).

Construindo as Epistemologias do Sul: Para um pensamento alternativo de alternativas. Volume I, 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, CLASCO, 2018. p. 145-222.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo Paulista**: Educação Física – Área de Linguagens, p. 247 - 279. São Paulo: SEE, 2019.

SINGER, P. Para além do Neoliberalismo: a saga do capitalismo contemporâneo. *In*: **São Paulo em Perspectiva**, 12(2), 1998.

SOUZA JUNIOR, O. M; MARTINS, M. Z; BELMONTE, M. M. **Futebol Callejero e Educação Física Escolar**: a explicação dos saberes atitudinais pelo jogo em três tempos. IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA DO ESPORTE. REVOLUÇÕES EPISTEMOLÓGICAS E FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA. UEM, 2015.

ZABALA, A. As sequencias didáticas e as sequencias de conteúdo. *In*: ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 53-87.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução 466/2012 do CNS)**

**PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES DA METODOLOGIA CALLEJERA NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Eu, Fabio de Moraes, estudante do curso de Pós-Graduação no Mestrado Profissional em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar venho por meio deste convidá-lo(a) a participar da pesquisa “*Rugby Callejero*: Uma investigação dos processos educativos que emergem da prática” orientada pela Prof^a. Dr^a. Yara Aparecida Couto.

A Metodologia *Callejera* deriva da prática do *Fútbol Callejero* que surgiu na Argentina em meados de 1994, com o propósito de recuperar o espaço de diálogo e protagonismo entre os/as jovens, em um contexto onde a violência estrutural atravessava as relações: da família, da escola e do bairro. Desde então tem conquistado praticantes em diversos países da América Latina, sobretudo em projetos sociais visando o protagonismo de jovens.

O estudo tem como objetivo analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais decorrentes da Metodologia Callejera nas aulas de Educação Física.

O(a) estudante menor de idade sob sua responsabilidade foi selecionado(a) por ser um(a) aluno(a) do Ensino Fundamental, que é o público que oferece condições de contribuir para a pesquisa. O(a) estudante é convidado(a) a participar de algumas rodas de conversa em grupo para que nos relate suas impressões sobre as atividades das quais irá participar envolvendo a Metodologia Callejera nas aulas de Educação Física. As rodas de conversa serão realizadas no local de desenvolvimento das aulas ou em uma sala de aula e serão registradas por meio de gravador de voz e/ou câmera de vídeo, visando a transcrição das falas para posterior análise.

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, esclarecemos que a participação na pesquisa pode gerar estresse, constrangimento e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais perante o grupo, além dos riscos comuns as aulas de Educação Física, como quedas, escoriações etc. Importante destacar que os pesquisadores estarão atentos a esses riscos, tomando os cuidados necessários e buscando acolher e fornecer suporte aos participantes que se sentirem abalados de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na pesquisa.

Mesmo com todos esses cuidados, caso o(a) estudante se sinta desconfortável com a situação, terá a liberdade de não participar das rodas de conversa quando a considerar constrangedora, podendo interromper a participação a qualquer momento.

A participação do(a) estudante nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações

e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, da Educação e das Ciências Humanas, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades. O pesquisador e/ou sua equipe de pesquisa realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

A participação do(a) estudante é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. A qualquer momento o(a) estudante poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que estuda ou à Universidade Federal de São Carlos.

O pesquisador se compromete a manter a identidade do(a) estudante em sigilo. Caso haja menção a nomes de outros sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Solicito sua autorização para gravação em áudio e/ou em vídeo das rodas de conversa com a participação do(a) estudante. As gravações realizadas durante as rodas de conversa serão transcritas pelo pesquisador e seus assistentes, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível.

Você receberá uma via deste termo, assinada por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se com o coordenador.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Fabio de Moraes, e-mail: fademora34@gmail.com

Local e data: São Carlos 16 de julho de 2020

Fabio de Moraes

Nome do Pesquisador Assinatura do Pesquisador

Nome do(a) responsável pelo(a) participante

Assinatura Responsável pelo(a) participante

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução 466/2012 do CNS)**

**PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES DA METODOLOGIA CALLEJERA NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Eu, Fabio de Moraes, estudante do curso de Pós-Graduação no Mestrado Profissional em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar venho por meio deste convidá-lo(a) a participar da pesquisa “Rugby *Callejero*: Uma investigação dos processos educativos que emergem da prática” orientada pela Prof^a. Dr^a. Yara Couto.

A Metodologia Callejera deriva da prática do *Fútbol Callejero* que surgiu na Argentina em meados de 1994, com o propósito de recuperar o espaço de diálogo e protagonismo entre os/as jovens, em um contexto onde a violência estrutural atravessava as relações: da família, da escola e do bairro. Desde então tem conquistado praticantes em diversos países da América Latina, sobretudo em projetos sociais visando o protagonismo de jovens.

O estudo tem como objetivo analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais decorrentes da Metodologia Callejera nas aulas de Educação Física.

Você foi selecionado(a) por ser um(a) estudante do Ensino Fundamental, que é o público que oferece condições de contribuir para a pesquisa. Você está sendo convidado(a) a participar de algumas rodas de conversa em grupo para que nos relate suas impressões sobre as atividades das quais irá participar envolvendo a Metodologia Callejera nas aulas de Educação Física. As rodas de conversa serão realizadas no local de desenvolvimento das aulas ou em uma sala de aula e serão registradas por meio de gravador de voz e/ou câmera de vídeo, visando a transcrição das falas para posterior análise.

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, esclarecemos que a participação na pesquisa pode gerar estresse, constrangimento e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais perante o grupo, além dos riscos comuns as aulas de Educação Física, como quedas, escoriações etc. Importante destacar que o pesquisador estará atento a esses riscos, tomando os cuidados necessários e buscando acolher e fornecer suporte aos participantes que se sentirem abalados de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na pesquisa.

Mesmo com todos esses cuidados, caso se sinta desconfortável com a situação o(a) participante terá a liberdade de não participar das rodas de conversa quando a considerar constrangedora, podendo interromper a participação a qualquer momento.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, da educação e das ciências humanas, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação

de novas alternativas e possibilidades. O pesquisador realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que estuda ou à Universidade Federal de São Carlos.

O pesquisador se compromete a manter sua identidade em sigilo. Caso haja menção a nomes de outros sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Solicito sua autorização para gravação em áudio e/ou em vídeo das rodas de conversa. As gravações realizadas durante as rodas de conversa serão transcritas pelo pesquisador garantindo que se mantenha mais fidedigna possível.

Você receberá uma via deste termo, assinada por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se com o pesquisador principal (Prof. Fabio de Moraes) pelo e-mail fademora34@gmail.com.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

São Carlos 16 de julho de 2020

Fabio de Moraes

Nome do Participante

Assinatura do Participante

APÊNDICE C - PLANO DE TRABALHO DOCENTE

**PLANEJAMENTO
ANUAL**

*“Se a educação sozinha não
pode transformar a sociedade,
tampouco sem ela a
sociedade muda” (Paulo
Freire).*

EDUCAÇÃO FÍSICA**1º ao 5º ano****Ensino Fundamental Ciclo I*****Prof. Fabio de Moraes*****São Carlos****2019**

De acordo com orientações da SEESP (Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo), a Educação Física deve concentrar suas ações tendo como objeto de estudo o “**movimento humano**”, no que tange às dimensões culturais, sociais, afetivas, cognitivas e motoras.

Objetivos Gerais

- Estimular a melhoria da qualidade e ampliar o repertório de movimentos em busca de autonomia prática de atividades físicas;
- Estimular a prática de atividades físicas regulares e aquisição de hábitos saudáveis;
- Propiciar a aquisição de conhecimentos sobre as dimensões e implicações do movimento;
- Vivenciar situações que explorem os sentidos, os símbolos e a motricidade;
- Conhecer e participar de situações que promovam a inclusão social, o respeito às diferenças e aos limites do outro.

Objetivos Específicos

- Conhecer possibilidades e limitações, para a compreensão e utilização da expressão corporal, adequado e aprimorando níveis de segurança, equilíbrio e estética;
- Participar de forma ativa da resolução de situações problema;
- Vivenciar situações de compreensão e respeito às regras e aos contratos pré-estabelecidos;
- Vivenciar jogos e brincadeiras com características competitivas e cooperativas.

Metodologia

Busca constante de caminhos que possam atender diferentes clientelas. Para tanto, haverá alternância entre determinadas ações pedagógicas, tais como:

- Aulas expositivas;
- Participação dos alunos em busca de autonomia;
- Partir das partes para o todo, do simples para o complexo e também do todo para as partes;
- Busca de parcerias com entidades e profissionais que possam enriquecer os conteúdos trabalhados;

- Planejamento participativo de outras possibilidades de conteúdos e atividades de interesse da clientela, não contempladas no planejamento;
- Atenção constante à necessidade/possibilidade de replanejar.

Estratégias Pedagógicas

Promover a participação em atividades teórico/práticas e a reflexão acerca dessas ações, utilizando como meio algumas possibilidades, tais como:

- Brincadeiras e danças de roda;
- Estafetas;
- Jogos cooperativos, jogos pré-desportivos e jogos de competição;
- Jogos e brincadeiras antigas e tradicionais;
- Atividades físicas adaptadas:
- Construção de brinquedos a partir de materiais alternativos;
- Jogos de tabuleiro
- Atividades com bolas e outros objetos com formas, pesos, cores e materiais variados;

Plano de Ação

É importante que os conteúdos selecionados sejam de interesse dos alunos, para tanto é necessário que as atividades propostas sejam adequadas às suas possibilidades.

CONTEÚDOS: 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Unidade temática	Habilidades	Conteúdos	Atividades pedagógicas didático
Danças	<p>Experimentar, recriar e fruir danças do Brasil e do mundo e danças de matriz africana e indígena, valorizando e respeitando os diferentes sentidos e significados dessas danças em suas culturas de origem.</p> <p>Comparar e identificar os elementos constitutivos comuns e diferentes (ritmo, espaço, gestos) em danças populares do Brasil e do mundo e danças de matriz africana e indígena.</p> <p>Formular e utilizar estratégias para a execução de elementos construtivos das danças populares do Brasil e do mundo e danças de matriz africana e indígena.</p> <p>Identificar situações de injustiça e preconceito geradas e/ou presentes no contexto das danças e demais práticas corporais e discutir alternativas para superá-las.</p>	<p>Danças do Brasil e mundo</p> <p>Danças de matriz indígena e africana</p>	<p>Tema 1 - No passo do hip-hop</p> <p>Experimentar diferentes tipos de danças de rua, como o hip-hop, e toda a cultura que envolve essa prática corporal. Explorar gestos, ritmos e espaços. Vivenciar uma apresentação de dança de rua sem utilizar os membros inferiores.</p> <p>Tema 2 - Maculelê</p> <p>Experimentar passos e ritmos do maculelê. Vivenciar essa dança da cultura afro-brasileira. Sensibilizar para a questão da deficiência física.</p>
Ginástica	<p>Experimentar e fruir, de forma coletiva, combinações de diferentes elementos da ginástica geral (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais), propondo coreografias com diferentes temas do cotidiano.</p> <p>Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios na execução de elementos básicos de apresentações coletivas de ginástica geral, reconhecendo as potencialidades e limitações do corpo e adotando procedimentos de segurança.</p>	Ginástica geral	<p>Tema 1 - Ginástica geral</p> <p>Experimentar combinações de diferentes elementos da ginástica geral. Reconhecer os limites do corpo. Vivenciar coreografias.</p> <p>Tema 2 - A classificação da ginástica</p> <p>Conhecer uma proposta de classificação da ginástica. Ginástica para a saúde, para competições e demonstrações. Vivenciar ginástica localizada. Praticar ginástica com olhos vendados.</p>

<p style="text-align: center;">Esportes</p>	<p>Experimentar e fruir diferentes tipos de esportes de campo e taco, rede/parede e invasão, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e protagonismo.</p> <p>Diferenciar conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer)</p>	<p>Esportes de rede e parede</p> <p>Esportes de Invasão</p>	<p>Tema 1 - Esportes de rede/quadra dividida e parede de rebote/muro</p> <p>Identificar os elementos comuns dessa categoria de esporte. Vivenciar o voleibol de quadra e o vôlei sentado.</p> <p>Tema 2 – Esportes de Invasão</p> <p>Identificar os elementos comuns dessa categoria de esporte. Vivenciar diferentes jogos e esportes nessa categoria.</p> <p>Tema 3 - Classificação dos esportes</p> <p>Entender um modelo de classificação dos esportes. Classificar diferentes modalidades esportivas.</p>
---------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p style="text-align: center;">Jogos e Brincadeiras</p>	<p>Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz africana e indígena, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural.</p> <p>Planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos em brincadeiras e jogos populares do Brasil e de matriz africana e indígena.</p> <p>Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as brincadeiras e jogos populares do Brasil e de matriz africana e indígena, explicando suas características e a importância desse patrimônio histórico cultural na preservação de diferentes culturas.</p> <p>Recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz africana e indígena, e demais práticas corporais tematizadas na escola, adequando-as aos espaços públicos disponíveis.</p>	<p>Brincadeiras e jogos de matriz indígena e africana</p>	<p>Tema 1 - Jogos africanos</p> <p>Vivenciar jogos afro-brasileiros e indígenas, como My God, terra-mar, Bon kidi, Ketinho mitselú, Kolidihô e Heiné kuputisü.</p> <p>Tema 2 - Jogos digitais</p> <p>Vivenciar jogos digitais, como quadribol, campo minado e boliche. Reconhecer os benefícios e os malefícios dos jogos digitais. Transformar jogos digitais em jogos de quadra.</p>
<p style="text-align: center;">Lutas</p>	<p>Experimentar e fruir diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional.</p> <p>Planejar e utilizar estratégias básicas de lutas do contexto comunitário e regional experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança.</p> <p>Identificar as características das lutas do contexto comunitário e regional, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e demais práticas corporais.</p>	<p>Lutas do contexto comunitário e regional</p>	<p>Tema 1 - Variações dos elementos das lutas</p> <p>Vivenciar movimentos de esquivas, imobilizações, agarramentos, equilíbrio e desequilíbrios. Transformar jogos de lutas. Experimentar situações de luta e deficiência visual.</p> <p>Tema 2 - A origem das lutas</p> <p>Conhecer a origem milenar dessa prática corporal. Dramatizar a origem pré-histórica. Compreender que a discriminação nas lutas é algo antigo.</p>

Materiais Necessários

- Bolas com pesos, tamanhos, cores e materiais diversos;
- Tatame, colchões e colchonetes de espuma;
- Rede de vôlei, cesta de basquete;
- Diferentes tipos de raquetes;
- Cordas, cones, bambolês, coletes;
- Aparelho para reprodução áudio visual;
- Computadores ligados à internet;
- Tabuleiros e peças para jogos de tabuleiro;
- Materiais alternativos possíveis de serem reciclados e/ou reutilizados.

Registro

O registro das atividades desenvolvidas é uma importante forma de avaliação e reflexão, facilitando o acompanhamento do aprendizado, além de ser um fator de estímulo para os alunos e alunas que podem se sentir valorizados na apresentação dos trabalhos realizados, principalmente quando é possível organizar uma mostra onde possam expor suas produções. As formas de registro podem ser através de manifestações de expressão corporal (podendo ser registrados em fotos e vídeos), da linguagem oral e escrita, da produção de desenhos e cartazes, em produções individuais e coletivas.

Avaliação

Avaliação será de maneira continuada, ocorrendo no transcorrer das aulas, não com caráter meramente classificatório, mas sim como instrumento que possa orientar possíveis alterações no planejamento e na prática pedagógica. Neste sentido serão avaliados:

- A aquisição e/ou melhora de habilidades motoras de forma individual e coletiva;
- A aquisição e/ou melhora de atitudes que promovam um convívio social e o respeito às diferenças;
- A compreensão, por parte dos alunos e alunas, dos conceitos relativos aos conteúdos ministrados;

Em caso de necessidade de recuperação as atividades ocorrerão também de forma continuada.

APÊNDICE D - UNIDADE DIDÁTICA

Unidade Didática para o desenvolvimento de intervenções em aulas de Educação Física Escolar com a Metodologia Callejera.

Aula 1	28/05
<p data-bbox="416 622 544 658">Objetivo:</p> <ul data-bbox="493 734 1358 887" style="list-style-type: none"><li data-bbox="493 734 1054 770">•Entrega dos Termos de Assentimento;<li data-bbox="493 790 1358 826">•Entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido;<li data-bbox="493 846 842 882">•Formação das equipes; <p data-bbox="416 958 576 994">Atividades:</p> <p data-bbox="225 1014 1412 1382">Explicação do estudo que vou desenvolver na escola contando que sou aluno do ProEF e vou verificar quais são os ensinamentos e aprendizagens que podem surgir na realização das aulas de Educação Física. Dando continuidade a essas informações introdutórias ao trabalho que será realizado, falarei sobre as questões legais éticas que precisam cumpridas, como os termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido; entrega dos Termos de Assentimento, leitura e auxílio no preenchimento, e posterior recolhimento do documento.</p> <p data-bbox="225 1402 1412 1491">Entrega, leitura conjunta e explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.</p> <p data-bbox="225 1512 1412 1767">Com o auxílio dos alunos e utilização da lousa, formarei quatro grupos de alunos, os quais serão utilizadas para o desenvolvimento das atividades práticas nas vivências corporais das aulas. Esses grupos deverão ser formados, de maneira que sejam compostos por meninos e meninas, e fiquem equilibrados em relação as habilidades motoras de seus integrantes.</p>	

Aula 2	30/05
<p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none">•Recolher os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido;•Explicação da Metodologia Callejera;•Os tempos de atividade:•Construção das regras;•Bola rolando;•Mediação.•Os Pilares:<ul style="list-style-type: none">- Respeito;- Cooperação e- Solidariedade.•Enfoque nos Pilares; <p>Atividades:</p> <p>Iniciarei a aula fazendo a chamada, recolherei os TCLEs, na sequência, entrarei na explicação da metodologia callejera em relação aos tempos que compõe a realização das atividades (1º, 2º e 3º tempos); com o objetivo de contribuir no aprofundamento dos conhecimentos dos alunos, utilizarei slides que foram preparados anteriormente sobre o Histórico do <i>Fútbol Callejero</i>, que contém o vídeo baixado do youtube “Entenda o futebol de rua”. https://www.youtube.com/watch?v=uNohaYt9qQM</p> <p>Em seguida, os Pilares que devem ser observados. Nesse momento vou colocar um dos Pilares, como por exemplo: respeito e procurarei identificar o que os(as) estudantes entendem por esse conceito. E assim procederei com os conceitos de cooperação e solidariedade. Para dar maior profundidade nessas discussões levarei as definições de Belmonte e Souza Junior, 2017; contidas em <i>Fútbol Callejero</i>: da sua historicidade à potencialidade para o ser mais.</p> <p>Na sequência colocarei alguns vídeos que foram baixados nos endereços à seguir:</p> <p>https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=d3w6SHRZVpQ https://www.youtube.com/watch?v=EeXmkh_W5c</p>	

Aula 3	28/05
<p data-bbox="416 327 544 360">Objetivo:</p> <ul data-bbox="493 383 1414 651" style="list-style-type: none">•Recolher os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido;•Vivência em Pique-bandeira;•Enfoque nos Pilares;•Enfoque na mediação (Mediador ≠ árbitro);•Levantamento da discussão sobre a igualdade de gênero na metodologia. <p data-bbox="416 779 576 813">Atividades:</p> <p data-bbox="225 835 1414 1198">Nessa aula iremos utilizar o espaço da quadra, sentados em roda, realizaremos o 1º tempo, ou seja, a sugestão de regras para a realização de nossa primeira vivência corporal no jogo Pique-Bandeira, vou questioná-los sobre a necessidade de um árbitro e após essa discussão colocarei o conceito de “Fair play”, além de ressaltar que em nossas atividades teremos a presença do Mediador que vai ajudar na conversa final baseada no cumprimento dos Pilares e na contagem dos pontos.</p> <p data-bbox="225 1220 1414 1417">Posteriormente, realizaremos os jogos de aproximadamente 10 minutos cada, de modo que cada time participe pelo menos uma vez, e então partiremos para o 3º tempo, ou seja a mediação. Lembrando que a classe fora dividida em quatro grupos mistos com meninos e meninas.</p> <p data-bbox="225 1440 1414 1585">Nessa mediação, como previsto no objetivo dessa aula, procurarei dar enfoque nos Pilares, colocando as situações identificadas no jogo e relacionando com as questões de gênero.</p>	

As aulas a seguir poderão ser alteradas tendo em vista a análise do Diagnóstico realizado e a construção da hierarquização dos problemas identificados.

Aula 4	30/05
<p data-bbox="416 329 560 360">Objetivos:</p> <ul data-bbox="493 387 1358 535" style="list-style-type: none"><li data-bbox="493 387 1358 418">•Recolher os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido;<li data-bbox="493 445 1358 477">•Apresentação da lógica interna dos esportes de invasão;<li data-bbox="493 504 991 535">•Vivência do Jogo Pique-Bandeira; <p data-bbox="416 611 572 642">Atividades:</p> <p data-bbox="225 669 1412 866">Na quadra em círculo vou lembrá-los que nossas vivências são “suleadas” pela metodologia Callejera, vamos cumprir os 3 tempos iniciando pelo estabelecimento das regras. É nesse momento que questionar se alguém não conhece o jogo e aproveitar para explicar como funciona.</p> <p data-bbox="225 893 1412 1090">Enquanto vamos explicando a dinâmica do jogo, falarei da lógica interna dessa atividade, colocando que trata se de um jogo de invasão, como outros esportes, por exemplo: o Futebol, o Futsal, o Basquete, o Handball, o Futebol americano, Ultimate Frisbee e o Rugby.</p> <p data-bbox="225 1117 1412 1252">Em outro encontro, com auxílio de uma apresentação de “slides” retomaremos esses conceitos e aprofundaremos no tema sobre esportes de invasão.</p> <p data-bbox="225 1279 1412 1529">Para a realização da vivência corporal desse jogo utilizaremos a quadra poliesportiva da escola, duas bolas de Rugby, que serão colocadas na área delimitada pelo garrafão do Basquete e risca branca da quadra de Vôlei, e coletes. Juntarei dois grupos, tendo em vista que separei a classe em quatro equipes, porém o desenvolvimento dessa atividade permite que realizemos com apenas duas.</p> <p data-bbox="225 1556 1412 1691">Explicarei para toda gente que estarei apenas assistindo, fazendo as anotações de acontecimentos do jogo que levarei para o 3º tempo. Será nesse momento de mediação que verificaremos a pontuação das equipes.</p>	

Aula 5	04/06
<p data-bbox="416 331 560 360">Objetivos:</p> <ul data-bbox="301 389 1414 817" style="list-style-type: none"><li data-bbox="301 389 1414 479">•Retomada dos aspectos táticos em relação a lógica interna dos jogos de invasão;<li data-bbox="493 501 1334 530">•Jogo Ultimate Frisbee com a quadra dividida em 2 partes;<li data-bbox="493 553 1062 582">•1º tempo: Estabelecimento das regras;<li data-bbox="493 604 735 633">•2º tempo: Jogo;<li data-bbox="493 656 1043 685">•3º tempo: roda de conversa mediada.<li data-bbox="301 725 1414 817">•Realização de diagnóstico dos problemas técnicos, táticos e de compreensão das regras. <p data-bbox="416 891 576 920">Atividades:</p> <p data-bbox="226 949 1414 1202">Com auxílio do Datashow, realizarei na sala de vídeo uma apresentação de “slides” retomando os conceitos sobre os Esportes de Invasão, como exemplo de um Esporte que possui essa lógica interna de jogo utilizarei o Ultimate Frisbee, explicarei as regras, executaremos o 1º tempo alí mesmo e seguiremos para a quadra para vivenciar a atividade.</p> <p data-bbox="226 1225 1414 1364">O jogo será realizado com dois times confrontando-se em meia quadra, sendo que a meta será na linha lateral, assim os quatro times jogarão ao mesmo.</p> <p data-bbox="226 1386 1414 1525">Irei observando os jogos e fazendo as anotações para a mediação e também sobre os problemas técnicos apresentados pelos alunos(as), realizarei a conversa final dando voz a um time por vez.</p>	

Aula 6	06/06
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Jogo Ultimate Frisbee com a quadra dividida em 2 partes; •1º tempo: Estabelecimento das regras; •2º tempo: Jogo; •3º tempo: roda de conversa mediada; •Colocar questões que contribuam para resolução dos problemas táticos. <p>Atividades:</p> <p>Em roda realizada na quadra, após separar os times que realizarão os confrontos, realizaremos o 1º tempo iniciando com minhas questões sobre as regras que teremos nessa partida, se alguém quer acrescentar, tirar ou alterar alguma.</p> <p>Tendo em vista algum ocorrido na aula passada por causa de conflitos ou questões táticas farei alguma proposição a respeito de alguma regra para contribuir nas vivências corporais.</p> <p>Reforçarei a questão da importância da mediação e de colocar os ocorridos do jogo nesse momento, tendo em vista que não temos juízes nas partidas que ocorrem com uma perspectiva callejera.</p> <p>Começarei os jogos e por volta de 10 minutos vou fazer um rodízio dos times pela quadra, colocando outras equipes para realizar os confrontos. E após, mais ou menos dez minutos iremos para a realização do 3º tempo.</p> <p>Na roda de conversa vou dar a fala para os integrantes de um time por vez e assim verificaremos e mediremos os conflitos ocorridos durante a realização das partidas.</p>	

Reanálise do diagnóstico, replanejamento da sequência.

Aula 7	11/06
<p data-bbox="416 327 560 360">Objetivos:</p> <ul data-bbox="493 387 1404 701" style="list-style-type: none"><li data-bbox="493 387 831 421">•Jogo Ultimate Frisbee;<li data-bbox="493 443 1059 477">•1º tempo: Estabelecimento das regras;<li data-bbox="493 499 730 533">•2º tempo: Jogo;<li data-bbox="493 555 1043 589">•3º tempo: roda de conversa mediada;<li data-bbox="301 611 1404 701">•Colocar questões que contribuam para resolução dos problemas táticos. <p data-bbox="416 779 576 813">Atividades:</p> <p data-bbox="226 835 1404 981">Após pedir a formação da roda, sentados na quadra, realizaremos o 1º tempo iniciando com minhas questões sobre as regras que teremos nessa partida, se alguém quer acrescentar, tirar ou alterar alguma.</p> <p data-bbox="226 1003 1404 1149">Tendo em vista algum ocorrido na aula passada por causa de conflitos ou questões táticas farei alguma proposição a respeito de alguma regra para contribuir nas vivências corporais e inclusão de outrem.</p> <p data-bbox="226 1171 1404 1317">Reforçarei a questão da importância da mediação e de colocar os ocorridos do jogo nesse momento, tendo em vista que não temos juízes nas partidas que ocorrem com uma perspectiva callejera.</p> <p data-bbox="226 1339 1404 1485">Começarei os jogos e por volta de 10 minutos vou fazer um rodízio dos times pela quadra, colocando outras equipes para realizar os confrontos. E após, mais ou menos dez minutos iremos para a realização do 3º tempo.</p> <p data-bbox="226 1507 1404 1697">Na roda de conversa vou dar fala a um time por vez, procurando colocar incentivar crianças que falam pouco, incentivando-as a exporem suas impressões e assim verificaremos e medicaremos os conflitos ocorridos durante a realização das partidas.</p>	

Aula 8	13/06
<p data-bbox="416 327 560 360">Objetivos:</p> <p data-bbox="301 439 405 472">Rugby;</p> <ul data-bbox="493 387 1404 819" style="list-style-type: none"><li data-bbox="493 387 1404 421">•Conversa para levantamento dos conhecimentos prévios sobre<li data-bbox="493 499 1193 533">•Apresentação de “slides” e vídeos sobre Rugby;<li data-bbox="493 555 1078 589">•Explicação das regras do Rugby Touch;<li data-bbox="493 611 884 645">•Vivência do Rugby Touch;<li data-bbox="493 667 1059 701">•1º tempo: Estabelecimento das regras;<li data-bbox="493 723 730 757">•2º tempo: Jogo;<li data-bbox="493 779 1043 813">•3º tempo: roda de conversa mediada. <p data-bbox="416 891 576 925">Atividades:</p> <p data-bbox="225 947 1404 1205">Inicialmente realizaremos uma conversa para verificar o que os alunos sabem sobre Rugby, levarei duas bolas do esporte para ajudar na conversa. Após as falas das crianças, com a utilização do Datashow, na sala de vídeo, vou mostrar uma apresentação de “slides” que contém informações conceituais sobre o Esporte, principalmente quanto a origem e regras.</p> <p data-bbox="225 1227 1404 1317">Colocarei as regras do Rugby touch e daremos início ao 1º tempo, definindo as regras que utilizaremos em nossa partida.</p> <p data-bbox="225 1339 1404 1541">Na sequência iremos para a quadra realizar nossa vivência, os quatro times realizarão os jogos dois a dois em metades da quadra, por volta de 10 minutos, faremos um rodízio dos times. Vou observar e anotar questões técnicas e táticas para ser trabalhada e discutida em aula posterior.</p> <p data-bbox="225 1563 1404 1653">O momento final será a realização do 3º tempo, com a mediação dos conflitos e contagem dos pontos de cada time.</p>	

Aula 9	18/06
<p data-bbox="416 327 560 360">Objetivos:</p> <ul data-bbox="493 383 1062 591" style="list-style-type: none"><li data-bbox="493 383 884 416">•Vivência do Rugby Touch;<li data-bbox="493 439 1062 472">•1º tempo: Estabelecimento das regras;<li data-bbox="493 495 735 528">•2º tempo: Jogo;<li data-bbox="493 551 1043 584">•3º tempo: roda de conversa mediada. <p data-bbox="416 663 576 696">Atividades:</p> <p data-bbox="225 719 1406 864">Essa aula terá início na quadra, com a formação da roda, dependendo dos ocorridos e fluência do jogo na aula anterior teremos algumas proposições para serem feitas.</p> <p data-bbox="225 887 1406 1189">Realizaremos o 1º tempo, sempre verificando e instigando alguma proposição ou alteração nas regras. Na sequência, vamos para a vivência do jogo. Após algum tempo, por volta de 10 minutos, realizarei o rodízio dos times na quadra para mais um período de jogo. Em seguida faremos outra roda de conversa, sempre procurando ouvir uma equipe por vez, verificando os apontamentos e fazendo as mediações.</p>	

Aula 10	20/06
<p data-bbox="416 327 560 360">Objetivos:</p> <ul data-bbox="493 383 1062 591" style="list-style-type: none"><li data-bbox="493 383 884 416">•Vivência do Rugby Touch;<li data-bbox="493 439 1062 472">•1º tempo: Estabelecimento das regras;<li data-bbox="493 495 732 528">•2º tempo: Jogo;<li data-bbox="493 551 1043 584">•3º tempo: roda de conversa mediada. <p data-bbox="416 667 576 701">Atividades:</p> <p data-bbox="226 723 1407 864">Essa aula terá início na quadra, com a formação da roda, dependendo dos ocorridos e fluência do jogo na aula anterior teremos algumas proposições para serem feitas tendo em vista a reflexão sobre as atitudes perante outrem.</p> <p data-bbox="226 887 1407 976">Realizaremos o 1º tempo, sempre verificando e instigando alguma proposição ou alteração nas regras para que o jogo possa ser inclusivo.</p> <p data-bbox="226 999 1407 1193">Na sequência, vamos para a vivência do jogo. Após algum tempo de realização da atividade, por volta de 10 minutos, realizarei o rodízio dos times na quadra para mais um período de jogo. Todos os quatro times estarão na quadra, realizando as partidas, cada uma em uma metade.</p> <p data-bbox="226 1216 1407 1357">Em seguida faremos outra roda de conversa, sempre procurando ouvir uma equipe por vez, e estimulando as crianças a perceberem suas atitudes perante outrem e o sentimento de outrem diante dos ocorridos.</p> <p data-bbox="226 1379 1407 1469">Nesse momento, verificando os apontamentos e fazendo as mediações, chegaremos a um consenso sobre a pontuação dos times.</p>	

Aula 11	25/06
<p data-bbox="416 327 560 360">Objetivos:</p> <ul data-bbox="493 383 1062 591" style="list-style-type: none"><li data-bbox="493 383 884 416">•Vivência do Rugby Touch;<li data-bbox="493 439 1062 472">•1º tempo: Estabelecimento das regras;<li data-bbox="493 495 735 528">•2º tempo: Jogo;<li data-bbox="493 551 1043 584">•3º tempo: roda de conversa mediada. <p data-bbox="416 663 576 696">Atividades:</p> <p data-bbox="225 719 1406 920">A atividade será iniciada na quadra, com toda gente sentada em roda faremos a proposição de regras para o jogo desse dia, dependendo dos ocorridos e fluência do jogo na aula anterior teremos possíveis alterações para serem feitas tendo em vista a reflexão sobre as atitudes perante outrem.</p> <p data-bbox="225 943 1406 1088">Realizaremos o 1º tempo, sempre verificando e instigando alguma proposição ou alteração nas regras para que o jogo possa ser vivenciado por todos(as).</p> <p data-bbox="225 1111 1406 1312">Na sequência, vamos para a vivência do jogo. Após algum tempo de realização da atividade, por volta de 10 minutos, realizarei o rodízio dos times na quadra para mais um período de jogo. Todos os quatro times estarão na quadra, realizando as partidas, cada uma em uma metade.</p> <p data-bbox="225 1335 1406 1469">Em seguida faremos outra roda de conversa, sempre procurando ouvir uma equipe por vez, e estimulando as crianças a perceberem suas atitudes perante outrem e o sentimento de outrem diante dos ocorridos.</p> <p data-bbox="225 1491 1406 1581">Nesse momento, verificando os apontamentos e fazendo as mediações, chegaremos a um consenso sobre a pontuação dos times.</p>	

Aula 12	25/06
<p data-bbox="416 327 560 360">Objetivos:</p> <ul data-bbox="493 383 1062 591" style="list-style-type: none"><li data-bbox="493 383 884 416">•Vivência do Rugby Touch;<li data-bbox="493 439 1062 472">•1º tempo: Estabelecimento das regras;<li data-bbox="493 495 735 528">•2º tempo: Jogo;<li data-bbox="493 551 1043 584">•3º tempo: roda de conversa mediada. <p data-bbox="416 667 576 701">Atividades:</p> <p data-bbox="225 723 1412 920">A atividade será iniciada na quadra com toda gente sentada em roda, faremos a proposição de regras para o jogo desse dia, dependendo dos ocorridos e fluência do jogo na aula anterior, teremos possíveis alterações para serem feitas tendo em vista a reflexão sobre as atitudes perante outrem.</p> <p data-bbox="225 943 1412 1088">Realizaremos o 1º tempo, sempre verificando e instigando alguma proposição ou alteração nas regras para que o jogo possa ser vivenciado por todos(as), instigando a argumentação sobre os por quês das regras.</p> <p data-bbox="225 1111 1412 1357">Na sequência, vamos para a vivência do jogo. Após algum tempo de realização da atividade, por volta de 10 minutos, realizarei o rodízio dos times na quadra para mais um período de jogo, de maneira que haja interação entre as várias equipes. Todos os quatro times estarão na quadra, realizando as partidas, cada uma em uma metade.</p> <p data-bbox="225 1379 1412 1637">Em seguida, após a realização dos jogos, faremos outra roda de conversa, levantando as ocorrências no momento das partidas para verificar a contagem dos pontos considerando os Pilares da metodologia. Sempre procurarei ouvir uma equipe por vez, e estimulando as crianças a perceberem e refletirem suas atitudes perante outrem e o sentimento de outrem diante dos ocorridos.</p> <p data-bbox="225 1659 1412 1749">Nesse momento, verificando os apontamentos e fazendo as mediações, chegaremos a um consenso sobre a pontuação dos times.</p>	

Aula 13	25/06
<p data-bbox="416 327 560 360">Objetivos:</p> <ul data-bbox="493 383 1404 416" style="list-style-type: none"><li data-bbox="493 383 1404 416">•Roda de conversa para realização de avaliação da Unidade Didática. <p data-bbox="416 551 572 584">Atividades:</p> <p data-bbox="225 607 1404 741">Realizaremos uma roda de conversa para verificar a apreciação que toda gente teve das aulas que foram desenvolvidas, pensando na Metodologia <i>Callejera</i>.</p> <p data-bbox="225 775 1404 1021">Pedirei para que todos(as) se lembrem dos vários momentos que ocorreram nos encontros, sobre se aprendemos algo, e o que aprendemos sobre o conteúdo, em relação aos nossos comportamentos e atitudes, se eles(as) acham que aprendemos alguma coisa que está além dos conteúdos de Educação Física ou fora do âmbito escolar.</p>	

APÊNDICE E - DIÁRIOS DE CAMPO

Diário I

28/05/2019

Participantes: Julia, Jack, Mateus, Brena, Leo, Chocolate, Brusy, Agata, Manuela, G.N.T., Davi, E-Manoela, Amanda, Allan, Inemafoo, Sabrina, Vick, Priscilla, El gato, Jadlisom, Munlock, Luara, Marcos, Cachorro, Rafael, Gabiela, Gabriele, Thomas, Goege Lima e Lara.

Atividades:

- Entrega dos Termos de Assentimento;
- Explicação da pesquisa que desenvolverei nas aulas;
- Entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Formação das equipes

A minha mãe não briga

Como em vários dias da semana consegui ir de bicicleta para a escola, estava uma manhã bastante agradável, ensolarado e temperatura levemente baixa, por volta de 10°C. Acordei cedo sem ajuda do despertador, porém fiquei na cama até que ele tocasse as 6h20 da manhã. Ainda deitado pensava na aula e no diário que iria construir hoje mais tarde.

Apesar da aula começar apenas 8h40 gosto de tomar café calmamente, portanto prefiro levantar com bastante antecedência ao horário de sair de casa para ir ao trabalho, e assim, também posso fazer o percurso até a escola tranquilamente.

Depois de ter tomado o café, sentei-me ao computador para conferir as atividades que iria desenvolver na aula desse dia. No trajeto para a escola, continuei pensando nas atividades que faria. Cheguei na escola, cumprimentei as pessoas que já estavam lá trabalhando, fui até a sala que daria aula mais tarde para contar quantos alunos estavam presentes. Pedi licença, havia uma professora substituta, explicarei que haveria aula de Educação Física hoje e que precisaria contar o nº de alunos presentes; contei rapidamente verificando que havia 30 pessoas.

Desci, a escola possui dois andares e dois blocos separados por um pátio coberto e fechado que ligam os blocos de classes. Fui até a secretaria e pedi

para imprimir os Termos de Assentimento (TALE) e Termos de Consentimento (TCLE), para entregar para as crianças.

Voltei para a classe no horário da aula, cumprimentei toda gente da classe novamente, entreguei o documento para as crianças. Comecei a ler o TALE, compartilhando o documento com uma aluna e expliquei que eles poderiam me interromper a qualquer momento caso surgissem dúvidas, durante a leitura fui fazendo explicações quando achava necessário.

Expliquei sobre a investigação que desenvolveria nas aulas, e qual a dimensão do conhecimento eu ficaria mais atento em observar. Entrei em maiores detalhes sobre as 3 dimensões do conhecimento, conceitual, procedimental e atitudinal, dando exemplos em que momentos da aula era mais fácil identificar cada um deles.

Para me auxiliar nessa aula fiz um plano de aula que me “suleasse”, fui seguindo esse roteiro e nesse momento explicava sobre o que significa *Callejero*, fiz uma brincadeira com eles perguntando:

- O que é isso, vai doer, machuca?

Em que Vick respondeu?

Aí eu viria com um travesseiro.

Falei que utilizaria o áudio das aulas dadas para auxiliar na construção dos Diário de campo. Sobre a participação deles na pesquisa e se alguém não quisesse participar do estudo não haveria qualquer prejuízo para ninguém.

Ao final da leitura, perguntei novamente se alguém tinha qualquer dúvida, como não houve dúvida, pedi que eles assinassem o documento, no campo próprio para isso e também pedi para eles(as) colocassem à lápis o nome que eles gostariam de receber.

Algumas crianças falaram que tinham o nome grande e que este não caberia o espaço que tinha no documento, então eu disse que eles poderiam abreviar os nomes para caber no local.

Quando El gato perguntou:

Mas eu posso escolher qualquer nome?

Eu respondi:

O nome que você gostaria de ser chamado.

E ele insistiu:

Mas pode ser o nome que eu quiser?

Então eu falei:

Só não pode ser um palavrão.

Houve grande agitação, falatório e animação da turma. Toda gente escreveu os nomes e queriam me mostrar qual era o que tinha escolhido. Demorou um pouco até que eu conseguisse voltar a atividade. Após esse momento, eu passei recolhendo as TALE's e posteriormente entreguei os TCLE, explicando que esse eles deveriam levar para que um responsável por eles deveria autorizar a participação deles no estudo tendo em vista que todos são menores de idade.

Soltaram um unísono aaahhhhhh, e Vick falou:

- A minha mãe não briga!

Na sequência partimos para formação dos grupos que deveriam compor um time para os momentos de realização das vivências corporais, formei uma tabela com quatro colunas na lousa colocando alguns nomes de meninos que sei que possuem boa habilidades motoras, quando estava no terceiro nome Gabriele disse:

- Não tem menina?

- Vai ter, os times serão mistos, na sequência vamos colocar só meninas.

Na medida que ia colocando os nomes na tabela ia sendo corrigido na grafia, tendo em vista que estava com dificuldade em ouvir o que cada cabeça de chave falava, começamos com os meninos escolhendo as meninas que iriam compor os grupos.

Essa aula foi bem tranquila, porém o tempo foi curto para o programa que eu havia estipulado para cumprir, com certeza terei mais aulas do que eu havia previsto. O barulho do lado de fora da classe estava aumentando pois começa o intervalo. Falei que eles poderiam sair e que continuaríamos a divisão na próxima aula.

A tabela ficou da seguinte maneira:

Munlock	Marcos	Davi	Allan
Agata	Luara	E-manoela	Vick
Jack	Brusy	Inemafoo	El gato
Sabrina	Julia	Priscilla	Manuela

Diário II

30/05/2019

Participantes: Julia, Jack, Jack(2) Mateus, Brena, Leo, Chocolate, Brusy, Agata, Manuela, G.N.T., Davi, E-Manoela, Amanda, Allan, Inemafoo, Sabrina, Vick, Priscilla, El gato, Jadlisom, Munlock, Luara, Marcos, Cachorro, Rafael, Gabiela, Gabriele, Thomas, Goege Lima e Lara.

Atividades:

Entrega de 1 Termo de Assentimento;

Explicação da pesquisa que desenvolverei nas aulas;

Entrega de dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido;

Recolhimento dos TCLE;

Finalização na formação das equipes;

Início da apresentação da Metodologia *Callejera*.

Ingenuidade? Falta de sorte? Ou falta de previsão mesmo?

Hoje o clima estava agradável para quente, consegui novamente ir pedalando para a escola, no trajeto fui relembrando as atividades que havia consultado na noite anterior para fazer nessa aula.

O plano de trabalho pode levar um tempo para fazer, demanda consulta, e criatividade, porém é muito importante para “sulear” as atividades da aula. Ao meu ver, a atividade mais importante de hoje seria a apresentação da Metodologia para que na aula seguinte partíssemos para as práticas. No entanto, isso não ocorreu como eu havia planejado, tendo em vista que eu utilizaria uma sala de vídeo para desenvolver essa atividade, porém eu não agendei com antecedência uma das salas.

Eu não imaginava que as duas salas, que a escola possui estariam sendo usadas, ingenuidade? Falta de sorte? Ou falta de previsão mesmo?

O fato é que terminada a aula de hoje a primeira coisa que fiz foi ir até a sala de coordenação e marcar a utilização de uma sala de vídeo para a próxima semana.

Quando cheguei na sala de aula fui recebido com bastante alegria pelos alunos, cumprimentei toda gente e fui conversar com a prof^a, que não é a professora da turma, e sim uma eventual aposentada que eu já conhecia, pois trabalhei com ela no passado.

Fui em direção a professora informando que eu estava com um problemão, pois eu tinha elaborado a aula de maneira que precisaria utilizar uma das salas de vídeo, no entanto ambas estavam sendo usadas. Após eu ter passado na sala da coordenação e ter verificado que estavam ocupadas, fui até os espaços para verificar se as professoras utilizariam o espaço durante todo o tempo.

No momento em que conversava com a coordenadora, ela me sugeriu utilizar o Datashow portátil, e acabei recorrendo a esse recurso. Depois daquele momento, que descrevi acima, o qual eu havia ido até a classe, minha ideia era verificar se seria possível utilizar alguma parede para a projeção, porém a classe possui o teto baixo, logo que entramos na sala, a direita temos o quadro branco, na parede do fundo, que fica à esquerda de quem adentra, possui um ventilador de parede no meio, uma centopeia de alfabeto (o espaço é compartilhado com uma turma de 2º ano no período da tarde), dois armários a esquerda do ventilador, portanto não sobra espaço para a projeção nessa parede.

A parede que contém a porta de entrada da sala, possui vitrôs na parte superior em todo o seu comprimento, e o lado oposto é inteiro de vitrôs, não sobrando espaço para a projeção. Eu pensava em uma alternativa para fazer na aula.

Fui colocar o projetor na sala dos professores até decidir o que ia fazer. Voltei a classe para iniciar a aula e pegar os TCLE's assinados pelos responsáveis pelas crianças. Várias delas vieram até mim, alguns com a folha em mãos outros dizendo que haviam esquecido. Um aluno que faltou na aula anterior me disse que não tinha o papel, e uma aluna me informou que perdera o seu.

Pedi a classe para fazerem silêncio enquanto tentava ouvir aquele que me chamavam, fui ouvindo e respondendo cada um na medida do possível e tentando acalmar os outros alunos informando que eu passaria nas carteiras para pegar o papel assinado. Entreguei outra folha para a menina que havia perdido a dela, e a do menino que tinha faltado pedindo para que ele lesse e que eu voltaria para explicar.

Fui passando pelas carteiras recolhendo os TCLE's assinados, e pedindo para aqueles que não haviam trazido para se lembrassem de trazer na próxima aula. Voltei na carteira do aluno no qual eu havia deixado o termo para que ele lesse e expliquei sobre a diferença dos documentos, o de assentimento e o de consentimento. Depois eu coloquei na lousa o quadro de formação das equipes que nós iniciamos na aula passada para que finalizássemos essa parte.

Em seguida pedi para que os alunos que ainda não tinham sido escolhidos ficassem em pé olhando para a frente da lousa diante do quadro que compunha os grupos, chamei quatro meninos e falei que cada um deveria escolher uma equipe diferente da escolhida pelo anterior; fiz o mesmo procedimento com as meninas, cada um que fazia sua escolha voltava para seu lugar; intercalei novamente com meninos e finalizamos com um sequência de meninas e 1 menino para completar os times.

As crianças estavam bem agitadas, pedi para que prestassem atenção:
- Vamos conectar aqui pessoal?!?!

Expliquei que desceríamos, e sentaríamos em uma das mesas no pátio que são utilizadas para comerem a merenda. Que eu instalaria o projetor e explicaria para toda gente como seriam as aulas. Informei que deveriam pegar seus lanches, pois ao término da aula seria o intervalo, formamos duas filas e descemos. Eles sempre formam uma fila de meninos e outra de meninas, isso está incorporado neles, pois desde sempre as professoras separam assim quando formam as filas, eu sempre peço para formarem as filas dizendo que são filas mistas, cada um pode entrar na fila que quiser. Agora as crianças estão acostumadas com isso, mas no início, quando alguém mudava de fila outros ficavam com “piadinhas”, eu já aproveitava esse momento para colocar algumas questões sobre o por quê das piadas, teria algum problema se alguém entrasse em outra fila, acontecería alguma coisa, a pessoa mudaria de sexo?

O local onde ficamos é coberto, um pouco claro, no entanto é possível ver a projeção na parede. Alí contém várias fileiras de mesas, cada uma composta por 3 mesas juntas e seus respectivos bancos. Ocupamos uma fileira para acomodar metade dos alunos, a outra metade ficou distribuída nos bancos das mesas que ficavam imediatamente nas filas ao lado desta que estávamos. Inicialmente os alunos queriam ficar sentados próximos aos membros de seus grupos, espalhando-se pelas outras mesas, então os chamei e falei que naquele momento deveríamos sentar mais próximos ao local onde eu iria projetar os “slides” da aula.

Essa arrumação da turma nos bancos demorou um pouco, vi Amanda dando um soco em um menino (Cachorro), perguntei o que estava acontecendo e a menina disse que ele estava irritando ela, questionei Amanda se ela havia pedido para ele parar, ela disse que sim, mas ele não tinha parado. Perguntei para ele se ela tinha pedido para ele parar, Cachorro ficou em silêncio, demonstrando sua culpa, perguntei

se ele queria sentar em outro lugar, fez sinal de negativo com a cabeça; perguntei se eu poderia continuar ou se eles preferiam que eu terminasse a aula, todos disseram que não.

Procuro aproveitar as situações de conflito que ocorrem colocando questões que colaborem com a reflexão das atitudes e consequências decorridas delas. Talvez isso tenha sido evidenciado no trecho narrado acima entre Cachorro e Amanda.

Dou aula para Cachorro a alguns anos, ele tem uma família bem numerosa, possui mãe bastante nova, mora próximo a escola, em uma residência simples juntamente com a vó e tios. Quando vi o nome que ele havia escolhido fiquei pensando sobre as condições que a família vive e de como ele é tratado, qual visibilidade ele tem naquele lugar; meu espanto inicial foi de que ele é tratado como um cachorro, pensando que ele é ignorado. Mas tarde, fico em dúvida, será que os cães da casa dele recebem mais atenção e carinho que ele? Ainda vou perguntar sobre qual o motivo da escolha desse nome.

A montagem do Datashow foi rápida, liguei, comecei a explicar sobre o histórico do “*Fútbol Callejero*”, onde havia sido criado, qual o contexto do local; depois, continuei falando sobre os tempos que dividiriam a atividade e conseqüentemente nossas aulas, os 3 tempos.

O horário avançou, os alunos começaram a invadir o pátio, fazendo bastante barulho e eu finalizei a aula liberando-os para o intervalo dizendo que continuaríamos na próxima aula.

Completamos os grupos e ele ficou assim:

Munlock	Marcos	Davi	Allan
Agata	Luara	E-manoela	Vick
Jack	Bruce	Inemafoo	El gato
Sabrina	Julia	Priscilla	Manuela
Jadlisom	Goelge Lima	Mateus	Jack(2)
Gabriele	Amanda	Lara	G.N.T.
Leo	Cachorro	Rafa	Chocolate
Brena	Gabriela	Thomas	

Diário III

03/06/2019

Participantes: Julia, Jack, Jack(2) Mateus, Brena, Leo, Chocolate, Brusy, Agata, Manuela, G.N.T., Davi, E-Manoela, Amanda, Allan, Inemafoo, Sabrina, Vick, Priscilla, El gato, Jadlisom, Munlock, Luara, Marcos, Cachorro, Rafael, Gabriela, Gabriele, Thomas, Goege Lima e Lara.

Atividades:

Recolhimento dos TCLE.

Cartilha da Justiça

A Festa Junina da escola está próxima, e a quadra está sendo revezada com os ensaios de dança. Portanto no dia anterior a aula fui verificar junto a coordenação a escala de utilização da quadra. Porém fui informado que a minha turma participaria de um projeto chamado “Cartilha da Justiça”.

O projeto “Cidadania e Justiça na Escola” é desenvolvido junto aos 5ºanos, a professora e as crianças trabalharam com leitura, reflexão e exemplos do cotidiano dos temas referentes a Cidadania e Justiça com o auxílio de uma revista em quadrinhos que contém histórias com os seguintes títulos: Os 3 Poderes, A Justiça e a Política, Os Caminhos da Justiça, O Promotor de Justiça e Nossos Direitos; as páginas finais da Revista trás a sessão Diversões, com atividades que verificam o conteúdo aprendido. Hoje tivemos a presença de um Juiz, uma Promotora, Advogado e um Policial Militar.

Os convidados falaram de seus trabalhos, dos desafios, do papel dos Cidadãos, na sequência retomaram trechos da revista para conversar com os alunos, e finalizam com um bate-papo sobre o assunto.

Nessa noite, como de costume não fui conferir as atividades que desenvolveria na aula, fiquei pensando nas aulas seguinte e na elaboração desse diário. Me levantei um pouco mais tarde, mas mesmo assim tive tempo de fazer e tomar o café calmamente. Estava mais frio que o normal, segundo o aplicativo que possuo no celular, 13°C, me agasalhei mais que o normal e não desperdicei a oportunidade de vir pedalando para a escola.

O trajeto leva pouco mais de 20 minutos, pego uma leve descida, seguida de uma descida bastante acentuada, sempre que você desce há uma subida,

que começa ingrime e depois vai ficando mais leve, porém é praticamente até a escola.

A escola ocupa um quarteirão, que abriga dois blocos de prédio com dois andares que comportam as 15 salas de aula, 1 sala de vídeo, 1 sala de vídeo e laboratório, 1 laboratório de informática, 1 secretaria, 1 sala de direção, 1 sala de coordenação, 1 sala de professores com 2 banheiros e sala de materiais, 1 cozinha e despensa, 1 biblioteca, 1 sala de recursos, 2 banheiros para alunos e 1 sala de Educação Física.

Os blocos são separados por uma área coberta, com mesas e bancos situados logo à frente da cozinha onde os alunos podem se sentar para comer e conversar, em alguns momentos de chuva, nós da Educação Física utilizamos esse espaço para aulas.

Ainda no terreno da escola temos a casa do caseiro, que está desocupada no momento, uma área verde atrás dos blocos, que contém várias árvores frutíferas, uma horta e uma composteira. Pensando agora que escrevo e visualizando mentalmente percebo que todo o terreno é dividido quase que em 4 partes iguais, em uma porção, um pouco menos que $\frac{1}{4}$ do terreno é ocupado pelo estacionamento, e na outra porção, um pouco mais que $\frac{1}{4}$ temos 1 parquinho infantil, 1 quadra coberta, 1 quadra de areia e um gramado.

Seguindo essa lógica do fracionamento temos $\frac{1}{4}$ para o prédio, $\frac{1}{4}$ para as quadras, $\frac{1}{4}$ para o estacionamento e $\frac{1}{4}$ para a área verde com as árvores frutíferas e horta.

Mesmo quando vou de bicicleta entro pelo estacionamento, em seguida ao entrar no prédio observo a minha direita a recepção da secretaria e a esquerda a sala da direção, alguns passos a frente temos à esquerda a sala da coordenação e a direita uma escada que leva para o segundo piso, embaixo dessa escada ficam guardados materiais de papelaria. Apenas quatro passos ganhamos o pátio a direita e a cozinha a esquerda, $\frac{1}{8}$ do pátio mais ou menos é ocupado pelas mesas e bancos.

Passando a cozinha ainda a esquerda temos os banheiros dos funcionários juntamente com pequeno depósito para produtos de limpeza. Em seguida temos a direita, sala de informática, e a esquerda sala dos professores, ao final do corredor, a esquerda temos outra escada para o segundo pavimento, embaixo dessa escada ficam guardados os materiais de Educação Física (sala de Educação Física), e à frente da escada uma porta para sair do prédio.

Subindo as escadas desse bloco temos um corredor com 4 salas de aula a direita, do lado esquerdo temos 1 sala, o laboratório/sala de vídeo, a escada que desce e outra sala.

Estando na parte central do pátio entre os blocos, de costas para a cozinha vemos a nossa direita a entrada principal da escola e a esquerda a porta que dá acesso a quadra e a área verde, logo à nossa frente os dois banheiros dos alunos, ao lado direito temos uma escada que dá acesso ao piso superior, embaixo dela, guarda-se material de manutenção, a nossa frente vemos uma porta que dá para parte externa, ainda à direita, junto a parede da escada temos a sala de vídeo e a esquerda temos a biblioteca.

Voltando-se para o outro lado, logo que passamos em frente aos banheiros podemos observar a Cantina a nossa direita, seguindo, entramos em um corredor com duas salas de aula, uma à direita e outra a esquerda. junto a sala da esquerda temos outra porta para a área verde e quadras; em frente a porta, no sentido contrário, a escada para o segundo andar, embaixo dessa escada ficam guardados materiais utilizados no Programa Escola da Família, que funciona aos finais de semana.

Subindo pela escada que foi descrita anteriormente chegamos a um corredor com que possui 4 salas de aula à esquerda, à direita temos outras duas salas de aula, 1 sala de recursos, a escada e mais uma sala de aula.

Diário IV

06/06/2019

Participantes: Julia, Jack, Jack(2), Brena, Chocolate, Ágata, Manuela, G.N.T., Davi, E-Manoela, Amanda, Inemafoo, Sabrina, Vick, Priscilla, El gato, Munlock, Luara, Marcos, Cachorro, Rafael, Gabriela, Gabriele, Thomas, Goege Lima.

Atividades:

Recolhimento dos TCLE;

Retomada da explicação dos 3 tempos da atividade;

Explicação dos Pilares (Cooperação, respeito e solidariedade);

Vivência do Jogo Pique-bandeira.

Posso usar o colete?

Frio como nos outros dias, no entanto nem reparei se era possível vir de bicicleta tendo em vista que eu fui em outra escola ensaiar quadrilha para a festa junina e assim não fui pedalando, também aproveitei para levar em outra escola um material que vou utilizar nas aulas da tarde.

Desta vez eu tinha certeza que havia agendado a sala de vídeo para iniciar a aula retomando os 3 tempos de devemos realizar e iniciar a explicação dos Pilares que compõe a prática. No entanto, nossa pior falha é quando temos certeza, porém estamos errados, eu confundi a aula passada com a de hoje; como foi desenvolvido o Projeto Cidadania e Justiça na Escola, fiquei com essa aula não dada na mente, portanto quando cheguei na sala de vídeo hoje, fui mais cedo para ligar o datashow, o local estava ocupado, me espantei.

A professora que me atendeu era a mesma que eu havia encontrado na semana anterior, e me disse que sairia ao final daquela aula, e eu completei dizendo que hoje eu havia marcado na agenda.

Fiquei um tempinho alí na sala dos professores, cumprimentei as meninas que cuidam da limpeza, que naquele momento estavam sentadas à mesa tomando café. Olhei o armário que guardo as cadernetas e os TCLE, contei para ver quantos ainda faltavam entregar

Antes de bater o sinal eu subi para a classe, e como de costume fui recebido com aquela alegria de sempre, informei que deveriam pegar os lanches e

dinheiro, pois na sequência seria o intervalo, também falei para que fizessem uma fila única, pois iríamos na sala de vídeo antes de ir para a prática.

Quando estava a caminho, encontrei com uma educadora que me perguntou se eu havia agendado a sala 16, que é o laboratório/sala de vídeo; pois ela havia agendado a sala de vídeo, falei para ela que eu iria conferir na agenda.

Descemos com as crianças, perguntei sobre os TCLE, alguns voltaram a classe para pegar o documento, eu pedi para que me esperassem, fui até a sala da coordenação consultar a agenda e verifiquei, juntamente com a coordenadora que a sala estava agendada, o dia que eu havia agendado já tinha passado, eu estava confundindo os dias. Porém a coordenadora me informou que a sala 16 estava vaga.

Voltei até o pátio, onde estava a fila das crianças, pedi que mantivessem a formação e viessem até mim. Fomos a sala 16, e para minha nova surpresa, 3 alunos estavam lá. Após cumprimentá-los perguntei se eles usariam, responderam mais ou menos não, então pedi para usar, e falei que seria rápido, que se eles quisessem poderiam ficar por ali.

Os alunos foram entrando, dois foram para o fundo da classe, falei para todos virem para frente pois eles deveriam observar a tela de projeção. Olhei para “Cachorro” e vi que mastigava algo, falei para ele jogar no lixo - é uma regra da escola, não podem comer na aula - ele disse que não, sinalizando com a cabeça, isso me irritou profundamente, falei que se ele não jogasse fora ele deveria sair da aula.

- Eu engoli! Cachorro falou e abriu a boca para mostrar.

Nessa altura eu já estava achando que perdera tempo demais da aula, e que o tempo para realização da prática estaria prejudicado.

Passei o pendrive ao aluno que estava na sala quando entramos, pois ele estava sentado a mesa que contém o computador ligado ao projetor, pedi para que entrasse na pasta aula e comecei a procurar o arquivo que utilizaria. Como já citei anteriormente, já havia me irritado, não conseguia ver o arquivo.

Não era possível, passei a duvidar de mim mesmo pensando que talvez eu tivesse copiado no pendrive o arquivo que tinha feito para a aula. Chegou uma professora que disse ter agendado a sala, pela fisionomia dela parecia não ter gostado nada de ter me encontrado naquele espaço. Perguntei se ela usaria naquele exato momento, pois ela estava só com as outras duas alunas, que juntamente com o outro que ficou no computador, estavam na sala no momento que cheguei.

A professora não foi assertiva na resposta e eu disse que seria rápido, voltei a procurar o arquivo que utilizaria, porém sem sucesso. Pedi licença ao menino que estava sentado no PC, para que eu pudesse procurar melhor, eu queria utilizar a ferramenta de pesquisa, porém não conseguia lembrar o nome do documento.

Depois de algum tempinho achei. Abri o arquivo e comecei a explicação, chamei a atenção dos alunos falando que faríamos o jogo Pique-bandeira, perguntei se todos conheciam o jogo, a grande maioria disse que sim. Para os que disseram que não, falei que na realização do 1º tempo construiríamos as regras e eu explicaria como é que se joga.

Em seguida teríamos o 2º tempo, que é o jogo com duração de mais ou menos 20', e a roda de conversa com a mediação para verificar qual foi a equipe vencedora, coloquei também que independentemente do resultado da partida, ainda não estaria definido o time vencedor, pois no 3º tempo iríamos verificar se os integrantes dos times haviam cumprido os Pilares Respeito, cooperação e solidariedade.

Lí sobre a Cooperação que estava sendo projetado através de um slide como sendo a busca pela inclusão de toda gente, e expliquei que ela ocorria principalmente junto às pessoas que compõem um time, que era proporcionar condições de que todos(as) participassem do jogo. Perguntei se haviam entendido, sinalizaram que sim e prossegui com o Respeito dizendo que era o cumprimento das regras e o respeito com todos, tanto do seu time quanto do outro. E solidariedade entre as equipes, dizendo que jogamos juntos, com o outro, precisamos do outro para jogar senão não tem time.

Questionei se alguém possui alguma dúvida disseram que não. Fui organizando a fila novamente para que descêssemos para a realizar a atividade na quadra, encontrei a professora que utilizaria a sala, agradei novamente e perguntei se os alunos que participariam da atividade dela estavam subindo, ela sinalizou que não, então disse que tinha dado tudo certo.

Descemos a escada, parei com a fila em frente ao quarto de Educação Física para que pegasse as bolas e coletes que utilizaríamos na atividade. Quando voltei, encontrei Jack correndo com o gorro de Allan na e batendo nele. Como minha tolerância já estava baixa, disse para Jack que ele estava prejudicando o time dele, pois já estava desrespeitando uma pessoa, e era um Pilar que tínhamos acabado de observar na sala.

- Mas eu estava brincando. Respondeu Jack;
- Mas ele também estava brincando? Perguntei.

Allan assentiu com a cabeça que não.

- Você falou para ele parar? Questionei Allan;
- Pedi, mas ele não parou.

- Então Jack, tá vendo? É a falta de respeito, você está prejudicando seu time, vocês vão deixar de ganhar 3 pontos do item respeito.

Quando saímos do prédio, verifiquei que havia pelo menos duas classes ocupando o espaço das quadras, normalmente eu faço um revezamento do espaço com outro professor, comecei a procura-lo mas não achei, então uma inspetora de alunos veio em minha direção, eu a cumprimentei e perguntei se poderia utilizar a quadra poliesportiva, ela disse que sim, partiu em direção aquele espaço pedindo que os alunos saíssem.

Eu aguardava do lado de fora da quadra com os que eu acompanhava para que pudéssemos entrar, nesse momento uma aluna perguntou se iríamos tirar os times, outro aluno respondeu que já tinham os times, Amanda pediu para mudar para o time de Munlock, naquele momento falei que veríamos mais tarde.

Quando entramos na quadra pedi para que pisassem na linha laranja lateral da quadra para que pudéssemos separar os times, alguns alunos corriam, perguntei se eles não queriam participar da aula, perguntei se a classe não estava interessada em fazer a atividade proposta; continuei minha fala alertando sobre a construção dos times.

Eu havia falado na classe, no momento de formação dos times, para que atentassem para a construção de equipes equilibradas, comecei a chamar os alunos pelos nomes, pedindo para pisarem na linha dos três metros de Vôlei, para separar os grupos, nesse momento eu juntaria dois grupos para formar um único.

Pedi para que sentassem na linha preta circular para conversarmos sobre as regras, retomei as principais e perguntei se alguém sugeriria alguma outra regra, em alguns momentos eu parava de explicar pois alguém conversa e eu questionava se era alguma dúvida sobre o jogo, ninguém disse nada. Falei novamente que a atividade não teria árbitro, perguntei se eles achavam ser necessário um juiz mesmo com todos(as) respeitando as regras, também perguntei se eles(as) achavam que era possível jogar.

As principais regras que passei foram sobre o mio da quadra, não haver limite na lateral e nem no fundo, a área da bandeira seria delimitada entre as linhas do garrafão de basquete e a linha branca da quadra de vôlei, poderia passar a bola, quem fosse pego deveria parar no local, se estivesse com a bola teria que devolvê-la, o(a) aluno(a) pego(a) poderia ser salvo(a) por outro(a) membro da equipe.

Distribuí os coletes para um time e fomos para o 2º tempo, apesar de ter mostrado a área onde os jogadores da defesa não podiam entrar, durante várias partes do jogo era necessário mostrar onde era a base da bandeira.

Logo na primeira parada Amanda veio pedir para mudar para o time de Munlock novamente, eu disse para ela experimentar, jogar e se não desse certo nós pensaríamos em mudar, porém se ela mudasse outrem também poderiam mudar e isso levaria um bom tempo da aula para resolver.

Ela concordou mais ou menos, e soltei o jogo novamente, um menino de outra classe veio até mim para perguntar qual era o nome do jogo que as crianças faziam, pois do lado de fora da quadra poliesportiva havia uma inspetora de alunos com duas classes.

A medida que o jogo ia transcorrendo eu ia falando para auxiliar na fluência, penso agora que isso não é papel do Mediador. As crianças não estavam identificando a área da base, gritei congela para mostrar novamente qual era o perímetro da base onde ficava a bandeira(bola), que o time da defesa deveria proteger e não podia entrar.

Rafa, Goege Lima, Júlia e mais umas meninas estavam dentro da base, cheguei mais perto para caminhar em cima das linhas que demarcavam a área da base. Falei valendo para que o jogo voltasse a ocorrer.

Continuei falando para alunos pararem de correr, pois havia sido pego, que a bola deveria voltar para a base e pedi para congelarem novamente, pois identifiquei que uma base não tinha bandeira(bola); as crianças discutiam sobre se haviam sido pegos ou não. Convoquei uma reunião no centro da quadra, pedindo para que sentassem na linha do círculo preto.

Comecei minha fala questionando se Jack tinha conseguido passar para seu campo sem ser pego, houve consenso em dizer que sim, questionei sobre qual era o objetivo do jogo, ou seja, o que deveriam fazer para que o time pontuasse; emendei minha fala respondendo que era necessário trazer a bola do time contrário

para seu campo. Então estava 1 a 0. Pedi para que voltassem em suas posições, pois a atividade iria recomeçar. Gritei valendo e retomaram a atividade.

Três meninas, da classe que estava fora com a inspetora foram até a quadra, brincando de entrevistar, simulando um microfone com o celular e uma câmera com um caderno. Quando me abordaram imaginei ser algum trabalho da escola que estariam fazendo, porém percebi ser uma brincadeira no momento que me perguntaram:

- Professor, o quê você quer ser quando crescer?

- Grande, eu quero ser bem grande! Respondi dando risada e comentando que deve ter sido a resposta de muitos outros entrevistados.

Ela retomou a pergunta, questionando sobre uma profissão.

- Professor!!!

- Não, sem ser professor. Respondeu.

- Por quê não professor? Indaguei!

- Não, porque professor você já é!

Pensei e soltei:

- Outra profissão? Eu quero ser estudante.

Já não conseguia prestar atenção direito nos acontecimentos da partida, uma menina me chamou, tentei identificar o ocorrido, porém a disputa continuava. As meninas que me entrevistaram agradeceram e foram saindo da quadra.

Fico imerso na aula, não presto atenção ao entorno, porém, agora que faço essas anotações percebo que alguns alunos fora da aula procuram observar e se sentem atraídos pelo o que está sendo desenvolvido. Isso ficou mais claro no momento que o menino veio perguntar qual era o nome do jogo, e ficou ali ao lado assistindo. No caso das meninas que vieram fazer a entrevista, acho que eu era um desconhecido e elas quiseram interagir de alguma forma.

O jogo transcorria com muita alegria e gritaria. Goege Lima veio até mim dizer que Munlock estava confundindo a área da base, como não é possível olhar o jogo todo, pedi para ele voltar para a atividade que eu iria observar. Mais de um jogador, do ataque, estava fora da área da base. Fui até aquele lado da quadra, Goege veio em minha direção dizendo que não dava para jogar. Pedi que parassem e mostrei novamente qual era a área da base, e qual era a área fora da base. Nossa quadra possui os limites que delimitam a área da quadra de Vôlei na cor amarela, o garrafão do Basquete é vermelho e a de Futsal é verde, vários alunos, tanto da defesa quanto

do ataque ainda confundiam, não só a parte do garrafão mas a parte verde do futsal como sendo a base.

Julia veio me contar sobre o ocorrido com Munlock, que também tinha sido pego por ela por estar fora da base. Achei que deveria explicar e mostrar que do outro lado da quadra valia a mesma área, só mudaria o lado, porém as partes eram iguais. Fui até o outro lado, chamei a atenção de todos e falei:

- Pessoal, pessoal, as pessoas não estão conseguindo identificar qual é a área da base que o time da defesa precisa proteger e o time do ataque precisa invadir, pessoal qual é a área que vocês não podem entrar?

Alguns alunos da defesa foram caminhando no espaço e eu dizendo onde não podia entrar e onde podia, comentei também que estava tendo alunos pegos pois corriam no espaço fora da base achando que era base. Vários casos começaram a ser contados por Chocolate, Amanda, Munlock, Marcos, El gato, Goege em falas que iam se atropelando. Também falei por cima dizendo que não dava para fazer o jogo que deveríamos acabar.

Vários reclamaram e eu disse que sairíamos da quadra, pois já era hora de começar o 3º tempo, eles queriam continuar a atividade, e eu disse:

- Mas pessoal, agente não consegue!
- Nós conseguimos! Disse Brena.
- Vai conseguir, de uma hora pra outra, vai conseguir?

Teve um unísono: Siiiiimmm!

- Quero ver é a última chance, não tem mais chance! Caminhei para a lateral da quadra, falei bem alto “ateeeeençããããã, valendo!”. Conferi o horário para ver se daria tempo de fazer a mediação, eu previa deixar mais 3 minutos de atividade.

Jack havia pontuado, eu sinalizei a passagem, pedi para que devolvessem a bola a base e que cada um voltasse para seu campo de defesa. Gritei novamente valendo para reiniciar a saída. Brena comemorava gritando 3 a 1, 3 a 1, 3 a 1.

Entrei na quadra pedindo atenção, falando que iríamos para o 3º tempo, pedi para pegarem as coisas deles, as bolas, chamando para que viessem comigo. Enquanto saíamos da quadra os alunos das classes que estavam do lado de fora já foram entrando, eu caminhava para uma parte arborizada e cimentada ao fundo da quadra e ao lado do estacionamento.

Chocolate perguntou se íamos brincar alí, ao que Marcos respondeu que faríamos o 3º tempo, formamos uma roda, eu ia pedindo para que abrissem mais, pois estavam chegando mais membros de nossa classe e precisariam de lugar para se sentarem.

Continuei pedindo para abrirem espaço para que outros pudessem se sentar, e também pedi para que passassem os coletes, Cachorro veio pedir para usar o colete na aula seguinte e eu disse que sim, que na outra aula iria trocar os coletes de time. Chamei Allan para se juntar a nós, pois ele estava mais longe.

Preciso lidar com essa ansiedade minha, pois ainda estou imerso nessa lógica capitalista do rendimento e penso que perdemos muito tempo arrumando para fazer as atividade, o que nos deixa menos tempo para realização da vivência propriamente dita. No entanto tenho consciência que tudo isso é aprendizado, são conhecimentos no campo atitudinal e procedimental que são desenvolvidos, espero conseguir identificar esses momentos na hora da discussão dos dados em meu trabalho de pesquisa.

Iniciei a mediação colocando para discussão um caso onde Chocolate havia sido pego, porém não tinha parado, porém Mateus tinha salvado Chocolate, então, agora havia ficado claro esse lance do jogo. Questionei os alunos novamente se eles reconheciam qual era a área da base. Achei necessário esse questionamento pois havia demorado um pouco, ao meu ver, o aumento da fluência na atividade.

Deixo transparecer novamente minha ânsia em dar rendimento a atividade, pois aos meus olhos o jogo não tinha fluência, porém era notório a gritaria de alegria e o engajamento de toda gente na atividade, todos e todas participavam da vivência sem exceção.

Relembrei o momento em que Goege Lima veio me falar que estava pegando pessoas do outro time, pois estava defendendo a base de sua bandeira, no entanto as pessoas começaram a brigar com ele. Munlock falou que isso havia acontecido com ele uma vez, Brena quis se justificar também.

Após algumas falas, fiz a interrupção falando que não dá para apitar essa atividade pois são pessoas correndo para todos os lados e que na perspectiva *callejera* não existe árbitro e somente o Mediador, que vai auxiliar na discussão final para que consigamos chegar a um consenso sobre a pontuação e os ocorridos no jogo.

Marcos disse que poderia ter dois juízes, eu disse que sim e reafirmei que nas atividades *callejeras* não existiam juízes e não iria ter, que a ideia era não ter juiz era que desenvolvêssemos a consciência e trabalhássemos a Cooperação o Respeito e a Solidariedade. Começamos a ver vários alunos saindo, uma criança me falou que havia começado o intervalo, porém ninguém tinha escutado o sinal, eu questioneei sobre o sinal, peguei meu telefone para verificar a hora, faltava 1 minuto.

O aluno de outra classe, que ficou interessado na atividade que estávamos desenvolvendo em quadra saiu e falou tchau, eu finalizei dizendo que na próxima aula daríamos continuidade na mesma atividade, pedindo para guardarem qual era a área da base, insisti perguntando se alguém não tinha entendido qual era a área, ao que Mateus se pronunciou dizendo que não havia entendido.

Conversando com Mateus verifiquei se ele não tinha reconhecido, ao que ele me respondeu que sim, que não havia reconhecido da primeira vez, porém depois ele reconheceu qual era o espaço. Falei tchau a toda gente, e Cachorro veio me perguntar se a equipe dele iria ficar com o colete na aula seguinte, ao que eu pedi para ele me lembrar logo no começo da aula.

Diário V

11/06/2019

Participantes: Julia, Mateus, Jack, Jack(2), Brena, Chocolate, Bruce, Léo, Ágata, Manuela, G.N.T., E-Manoela, Amanda, Allan, Inemafoo, Sabrina, Vick, Priscilla, El gato, Munlock, Jادلison, Luara, Marcos, Cachorro, Rafa, Gabriela, Thomas, Goege Lima.

Atividades:

- Explicação dos Pilares (Cooperação, respeito e solidariedade);
- Vivência do Jogo Pique-bandeira.

Camisa 10

Estava uma manhã bastante agradável, o clima estava ameno, nem frio nem calor, novamente eu não havia conseguido ir pedalando para escola, sinto falta quando não vou de bike, esse é um dos poucos momentos de lazer que ainda me restam, apesar de me sentir incomodado com a falta de lazer, também me sinto desconfortável quando estou desfrutando de diversão. Cheguei a comentar algumas vezes com um professora de Ciências Sociais que trabalha comigo em outra escola que o trabalho desenvolvido sobre mim pelas estruturas sociais foi muito bem feito, principalmente quando os princípios do Capitalismo e Neo-liberalismo em relação a produção e rendimento, também tenho comigo, mas já não acho certo que um adulto não deva brincar e que os momentos de lazer não são produtivos em termos econômicos. Meu aprendizado e percepções errôneas que foram sendo passadas para mim pelas instituições sociais, aos poucos vão sendo desveladas e vou digerindo através de minha vida.

Já dentro da escola, dirigindo-me para a classe que pego, passo por outros dois quintos anos, que noto estar vazio, fico ressabiado, será que não fui avisado de alguma coisa que está sendo desenvolvida com os quintos anos e perderei outra aula? Sigo para a minha classe e mesmo com a porta fechada e possível notar que as crianças estão lá, sou tomado por um alívio. Ao mesmo tempo que bato à porta, toca o sinal de alteração de aulas.

Um aluno abre a porta e ouço aquele “eeeeeeeeee” de alguns, os alunos estão mais contidos hoje. Cumprimentei toda gente e fui logo externalizando o

sentimento que tive quando não vi os alunos nos outros quintos anos. Perguntei se eles(as) sabiam onde estavam as outras classes, ao que disseram que estavam ensaiando. A Festa Junina da Escola ocorrerá no próximo sábado.

Uma criança veio me trazer um TCLE assinado, está faltando em torno de 9 para ser entregues, Cachorro sinalizou que perdeu o dele, e outro menino disse que não tinha recebido aquele papel. Mostrando o documento, perguntei se mais alguém havia se lembrado de trazer. Ninguém se pronunciou, eu guardei aquele em uma pasta que carrego comigo. Não querendo perder tempo com a chamada, peço para que prestem a atenção, vou falando os nomes da lista e procurando a pessoa na classe. Assim que finalizei a chamada, pedi para que pegassem as coisas para levar junto consigo, pois na sequência teriam o intervalo. Me dirigi para fora da classe e aguardei em frente a escada que desceríamos para que formassem as filas, as crianças conversavam entre elas, uma cantava um RAP que não consegui identificar, fomos descendo as escadas passando pelo corredor chegando ao pátio e ganhando a parte externa da escola.

Jack(2) avistou um gato da raça Siamês branco e preto, muito bonito e começaram a gritar empolgados.

- Olha o gato!

- Olha lá!

Fiquei apreensivo pensando que todos(as) iriam correr atrás do gato, mas não, o gato nos viu e mudou de voltou por onde vinha, muito rapidamente. As crianças pareciam conhecer aquele gato. Chocolate começou a contar para outra criança na fila que tinha quatro gatos. Seguimos caminhado rumo a quadra, quando adentramos ao espaço pedi para que pisassem na linha lateral e que, quem tivesse alguma coisa para guardar colocasse em cima de um banco do outro lado da quadra.

Cachorro veio me perguntar se o time dele iria usar os coletes, perguntei a ele sobre o que havíamos combinado e se era importante cumprir os combinados, perguntei para ele se ele cumpria os combinados, ele apenas olhava, perguntei para ele se ele achava se era importante cumprir os combinados, ele assentiu com a cabeça que sim.

Relembrando essa situação, penso em como deve ser a vida dessa criança, como deve ser a casa que mora e como devem ser as pessoas que vivem lá junto dele, será que existem combinados, as pessoas sustentam suas falas? Quantas vezes foram prometidas coisas para ele, que não foram cumpridas?

De posse do meu caderno onde havia anotado as equipes, fui lendo os nomes dos alunos que compunham os times, já direcionando-os para um lado da quadra. Munlock comemorou na medida que chamei alguns nomes e as crianças iam se posicionando ao seu lado. Em seguida, sinalizei a outra parte da quadra que seria defendida pelos integrantes do outro time, também falando os nomes dos integrantes. Chocolate também comemorou animado.

- Professor já posso colocar as bolas? Perguntou Chocolate.

- Espera um pouquinho, pessoal, pessoal, escuta só, são quatro times, não são quatro times? Então na semana passada eu juntei dois times, hoje eu juntei outros dois times e na próxima aula vou juntar outros dois times, eu vou trocando os times. Falei.

Brena disse:

- Ai que legaaal!.

Chocolate perguntou novamente se poderia colocar a bola, pedi que esperasse ainda. Falei para os alunos pisarem na linha dos 3 metros do Vôlei, notei um aluno em pé na linha lateral, perguntei para ele se eu não tinha chamado o nome dele, ao que assentiu com a cabeça que não. Era o estudante que tinha me falado que não havia recebido o papel (TCLE), portanto havia faltado no dia que separamos os times.

Olhei para minha lista no caderno e identifiquei que a equipe com menos pessoas era a de Allan, imediatamente acrescentei o aluno sem equipe neste time. Vou proceder com a documentação dele em aula futura.

Comecei a distribuir os coletes para as crianças que estavam a minha direita, os meninos perguntavam qual era o número dos coletes de uns e outros e torciam para pegar o número 10, uns pediam para pegar o 7, outro 11 e ainda outro o número 9, enquanto que as meninas apenas pegavam e colocavam os coletes.

Um garoto notou que haviam dois coletes número 4, eu falei que não importava nesse jogo que faríamos. Fiquei impressionado como a lógica do Futebol tradicional está incorporada em nós tendo em vista o interesse dos meninos em escolher os números dos coletes que usariam. Tais números são usados pelos jogadores mais famosos e consecutivamente que possuem os salários mais altos.

Também foi possível notar o desinteresse das meninas em relação aos números de seus coletes, pois para elas não fazia sentido. Aqui na cultura brasileira

o Futebol é hetero-orientado e por muitas vezes as meninas são desestimuladas a desenvolver as habilidades motoras necessárias à prática dessa modalidade.

Um menino começou um movimento para a troca de coletes devido aos números que haviam recebido, ele estava bastante incomodado e disse para Munlock e outro que estava ao lado:

- Troca de colete Munlock, ele não pode ser o 8!

Penso também nas posições de liderança e popularidade que possuem perante os outros da classe e toda essa hierarquia que me passava despercebido mas agora venho tomando consciência.

Iniciamos o 1º tempo comigo perguntando se alguém gostaria de recapturar alguma regra, perguntei se alguém gostaria de sugerir alguma regra que não tivesse no jogo. Após aguardar algum momento, perguntei se alguém gostaria de alterar alguma regra que já existia. Ninguém falou nada. Essa parte das regras ainda não foi mexida, as falas dos participantes ainda não estão aparecendo nesse primeiro momento. Espero que isso comece a ocorrer em breve, vou procurar trazer os ocorridos em outros dias para motivar uma exposição de ideias sobre as regras no 1º tempo.

Bruce me pediu para retomar as regras, pois havia faltado na aula anterior. Comecei falando da área da base, tendo em vista na vez passada houveram muitas confusões por conta do não entendimento do tamanho da área.

Localizei algumas pessoas conversando e chamei a atenção delas para que se concentrassem na explicação das regras, visto que são fundamentais no desenrolar da brincadeira. As pessoas continuaram conversando e sinalizei o comportamento. E-manoela pediu para que ficassem quietos. Foi quando coloquei a questão das outras pessoas ficarem irritadas com aquelas que não respeitavam as regras do jogo porque não conheciam e acabavam esbravejando quando eram chamadas a atenção pelos integrantes de seu time ou da equipe oposta.

Retomei as regras falando da área da base, do objetivo do jogo que é trazer a bola do campo contrário para seu campo, qual era o campo de defesa e de ataque, o que acontecia se fossem pegos, como era possível salvar, o que acontecia de derrubassem a bola, e o que acontecia se a pessoa que estivesse com a bola fosse pego

Falei que o resultado do jogo vale 1 ponto, cooperação, respeito e solidariedade valem 3 pontos cada, e que verificaríamos o resultado no 3º tempo com

a mediação. Pedi ajuda para me lembrarem se eu havia esquecido alguma regra, e perguntei novamente se alguém queria acrescentar, tirar ou alterar alguma regra. Como falaram não, eu decidi propor uma regra baseada no que eu havia observado no jogo passado em relação as meninas atacarem.

Então eu propus que se uma menina que fizesse ponto, valeria 3 pontos, enquanto que os pontos feitos pelos meninos valeria 1 ponto. Aí alguns meninos reclamaram falando que não era justo, questionei perguntando quantas meninas haviam pontuado no jogo da aula passada. Ao que disseram nenhuma, perguntei se alguma menina do outro time tinha pontuado, também disseram que nenhuma.

Perguntei novamente se concordavam com o incremento da regra, e a maioria concordou. Mais uma vez perguntei se alguém queria colocar mais alguma regra. Bruce logo falou:

- Se alguém cair e falar para parar, parou!
- Falou parar, parou? Indaguei.
- Siiiiimmm, responderam.
- Beleza? Mais alguma coisa?
- Nãooooo!
- Podem levantar então, valendoooooo!

Começou a correria e a gritaria, a medida que eu ia identificando os ocorridos ia anotando para auxiliar na mediação. Pegaram El gato na risca e ele falou que não havia sido pego, Sabrina pegou Manuela, mas essa também não para.

Noto que algumas meninas começam a tentar atacar, fato que não havia ocorrido na brincadeira do dia anterior. Após ter saído da aula anterior, já incomodado com a participação das meninas em relação as ações de ataque, fiquei pensando se deveria fazer alguma regra que motivasse uma maior participação das meninas em outras partes do jogo, não somente colaborando com a defesa de seus times.

É facilmente notado a posturas dos meninos no ataque, enquanto que as meninas ficam apenas cuidando da defesa, em outras ocasiões de aula, quando tentei levar as meninas a perceberem que suas ações ficam restritas em algumas poucas posições do jogo, tive como resposta que estavam felizes e achavam que haviam participado bastante da atividade.

Antes de colocar mais explicitamente o que havia me incomodado fiquei pensando se a expectativa não seria apenas minha, se realmente as meninas estavam contentes com a participação delas. Esse caso acima, que descrevi

brevemente ocorreu em outra turma com a realização de um jogo pré-desportivo do Handball, onde umas meninas ficavam apenas na defesa, nem chegando a passar do meio da quadra para colaborar com o ataque.

Coloquei questões mais diretas sobre a participação delas no jogo e percebi através da fala das garotas que havia medo de ser repreendidas por errarem, porque não imaginavam que pudessem atacar também, porque os meninos haviam dito que elas deveriam ficar ali, e porque não haviam visto nenhuma menina indo atacar. Em outra ocasião, algumas meninas se arriscaram mais e na conversa ao final da aula pude notar mais alegria e contentamento na realização dos feitos. Discutir questões sobre gênero foi colocado como um dos objetivos da aula 3, porém preciso retomar essa discussão no sentido de contribuir para que meninos e meninas despertem para as questões de igualdade.

Os times gritaram comemorando os pontos alcançados e surgiu a dívida sobre qual time teria o ponto, Munlock veio falar que Chocolate havia pego Jack, porém quem havia feito o ponto havia sido Nick, El gato aproveitou para perguntar o que acontecia se alguém fosse pego em cima da linha, antes de atravessar, eu disse que conversaríamos sobre isso no 3º tempo.

Munlock insistia que Jack havia sido pego, então eu disse que quem havia pontuado tinha sido Nick e não Jack e que poderíamos falar sobre isso na mediação, eles voltaram para o jogo, os outros(as) já estavam a postos para retomar a atividade, quando eu disse que estava valendo. Mais correria e gritaria começou, notei a participação de Julia tentando atacar, anotei em meu caderno isso para falar na roda de conversa final, queria parabeniza-la e assim dar visibilidade a essa atitude de maneira que pudesse encorajar outras meninas a fazer o mesmo.

Chocolate veio até mim para perguntar confirmar qual era o resultado do jogo, ao que eu disse 3x2, ele respondeu que Jack havia pontuado, porém eu disse que tinha visto uma pessoa pegando no colete de Jack, que por sinal quase estragara o colete tendo em vista que Jack não havia parado, mas falei para Chocolate que conversaríamos sobre isso ao final da partida.

Novamente passaram dois ao mesmo tempo e Goege veio pedir que o ponto fosse de seu time, alegando que seu companheiro havia passado primeiro. Jack alegava que o ponto era de seu time, nesse momento o placar era de 4x3. Após Jack saber começou a reclamar seu ponto, quando havia passado com a bola, porém tinha

sido pego, ele argumentava que pegaram o colete e não ele, eu falei que o colete era como a blusa ou camiseta e sendo assim estava pego.

Fiz uma pausa para que fossem beber água e pudessem pensar em estratégias para o jogo, El gato perguntara novamente a respeito da validade do ponto dele quando havia sido pego no momento que passava pela linha que dividia a quadra, reforcei que conversaríamos sobre isso no 3º tempo. Enquanto Jack(2) e Allan jogavam as bolas de Rugby na cesta de Basquete as equipes se reuniram para combinarem suas estratégias para o jogo, Chocolate os chamou para a reunião, Rafa voltou a chama-los; eles iam para a reunião quando pedi que voltassem as bolas para as bases.

Perguntei se já haviam conversado e se poderíamos continuar o jogo, Julia veio até mim falar que Priscila e Vick tinham pego Sabrina, no entanto, Sabrina não tinha parado; eu disse para ela lembrar desse fato na hora da roda de conversa final, pois discutiríamos sobre isso. As crianças falaram que ainda não, perguntei se todos os integrantes dos times tinham voltado, apontei para uma equipe que olhava para mim e repeti o questionamento, gesticularam que não; voltei-me para o outro grupo e fiz a mesma pergunta, também haviam sinalizado que não.

Achando que os times estavam completos, gritei:

- Ateeeeeenção, prepaaaaara, jááááá!

Correria e gritaria geral da criançada, vi Munlock tentando articular seu time, dizendo que ficaria na defesa. Observando o jogo, pude notar que na maioria das vezes ele tentava atacar. Chocolate veio até mim para perguntar sobre o placar, para mim ele sabia que seu time vencia apertado, o placar mantinha-se em 4x3, eu perguntei para ele se isso era importante, e quanto valeria esse resultado ao final do jogo, essa valorização a competição e a vitória me incomoda, porém vejo que com essas questões que lancei a ele não será possível desenvolver uma reflexão mais profunda sobre esse ponto. Ele voltou na brincadeira e logo veio Jack(2) falando, “Mais um professor”, me informando que havia pontuado, 5x3.

Verifiquei as bolas estavam nas bases e falei valendo, logo veio Goege:

- Ah, não dá, você o Rafa? Eu peguei ele e ele não parô!

- Depois agente conversa sobre isso.

- Peguei, peguei professor!!!, Volta aqui!!!!. Jack havia pego outro menino, mas que parou mais à frente, pois estava embalado na corrida. Apenas

assenti com a cabeça. Era Jack(2), que agora gritava chamando outros de seu time para salvá-lo.

- El gaaaato, aqui!!!

Julia tinha atacado, porém quando tentava voltar para seu campo com a bola, tinham tocado nela, a bola caiu, Manuela que estava mais próxima, pegou a bola para devolver à base de defesa.

Jack(2) estava atento e gritou para chamar a atenção dos integrantes de seu time:

- Caiu, caiu, aqui, aqui, aqui! E insistia para que alguém viesse salvá-lo.

O grito de comemoração explodiu na quadra e logo veio Chocolate informar que havia marcado, na sequência El gato quis saber o resultado, ao que eu disse não saber, olhando para o celular e verificando que já era tempo de acabar para que pudessemos realizar a mediação. Pedi que pegassem as bolas e saíssemos para formar nossa roda embaixo de uma árvore, enquanto deixávamos a quadra outros alunos comemoravam e entravam no espaço, era alunos maiores, talvez do oitavo ano, não sei ao certo, que naquele momento estavam em aula de Educação Física e ocupavam o espaço fora da quadra.

Fomos em lugar ao fundo da quadra e ao lado do estacionamento, esse local é cimentado, com uma sombra bem gostosa proporcionada por uma árvore bem grande e outras 4 menores. Essas árvores foram plantadas perto umas das outras, por isso suas copas se juntam formando um belo e agradável sombreado ao chão.

Amanda veio até mim enquanto caminhava para fora da quadra e disse um pouco entristecida:

- Professor o outro time ganhou!

- Você estava no time que você queria jogar hoje, fala aí?

- Sim queria, ... há mesmo que agente não tenha ganhado eu prefiro esse do que os outros.

Cheguei a roda onde as crianças já se posicionavam e comentavam uns com os outros sobre os acertos e erros do jogo, não consegui identificar sobre o que falavam mas notei Brena falando para Munlock que não tinha sido culpa dela, eu chamei Chocolate e Mateus para virem sentar-se conosco, pois estes dois estavam mais afastados, e as crianças continuaram discutindo os lances do jogo. Marcos disse incisivamente que se fosse ideia do Goege era para cortar, fiquei prestando atenção

mais um momento sobre o que havia acontecido com a ideia de Goege, porém eles não desenvolveram as falas no sentido de elucidar qual seria o problema.

Chamei a atenção de toda gente para começarmos a contagem e verificar quem havia vencido hoje, emendei minha fala dizendo que na semana seguinte eu levaria alguns alunos da Escola jogar Xadrez no Campeonato Escolar e, portanto, não viria dar aula. Continuei falando que deveríamos pensar nas coisas que haviam acontecido nesse dia, se conseguíssemos lembrar, que os times seriam trocados novamente.

Falei que eles já sabiam qual era o time que havia vencido a partida e que esta equipe começava com 1 ponto, daí continuei colocando o Pilar cooperação, ao que uma menina respondeu, cooperação Zero, questionei por que havia sido zero. Um menino cortou a fala da menina dizendo que não passavam a bola, ao que a menina explicou a questão dos pontos que conseguiriam se as meninas conseguissem passar com a bola.

Marcos respondeu que as meninas demoravam, foi um falatório geral das meninas. Brena disse que até parecia uma galinha berrando, de tanto que gritava pedindo a bola e ninguém passava; Marcos dizia que jogava a bola mas elas não conseguiam segurar. Bruce dizia que estava no meio da linha e também pedia bola mas eles não passavam, Cachorro concordava com as falas. Ao que Brena perguntou se ela estava mentindo e reclamou que Munlock ainda xingava as pessoas. Não cheguei a ouvir Munlock xingando ninguém.

Passei para o time de E-manoela, que disse ter tido cooperação em seu grupo, lancei a questão para todos para verificar se realmente houve a cooperação durante a partida, trouxe o fato da participação de Julia, que ficou mais evidente aos meus olhos, porém eu estava equivocado quanto a equipe que Julia participava.

Marcos, que era de outro time disse que quando eles estavam jogando algumas pessoas discutiam sobre quem deveria atacar, e que eram só os meninos que queriam passar. Então voltei a perguntar se alguma menina queria passar para atacar mas os meninos falaram para não passar. Priscila disse que queria passar mas não deixaram, mas que Emanuela tinha atacado, os meninos se defendiam dizendo que não tinham falado nada. Então lachei novamente para eles se valerem o ponto da cooperação, ao que um menino respondeu não e o restante calou. Então nenhuma equipe ganharia os pontos pela cooperação.

Parti para o item solidariedade falando do lance de Marcos quando havia caído, ele disse que Inemafoo tinha ido ajudá-lo a se levantar, outros casos foram sendo contados, porém eram apenas meninos que falavam, indaguei se alguma menina queria contar alguma coisa. Yasmin disse ter atropelado Mateus e tê-lo ajudado posteriormente. Todos acharam engraçado a maneira como ela contou o ocorrido, pois ela é uma das menores crianças da sala, enquanto que Mateus é um dos maiores. Coloquei se os dois times mereciam os pontos de solidariedade, ao que concordaram em sim.

- E com relação ao respeito? Indaguei.

Os não foram pipocando, perguntei se nem com relação as regras, ... dei um tempo, um time contra o outro, ... com os integrantes do mesmo time, ..., e o falatório foi geral. E-manoela pediu para que deixassem de discutir, uns começaram a gritar com os outros pedindo para parar; interrompi a fala deles dizendo que se tivesse havido o respeito até agora, nesse momento ele tinha terminado e nenhuma equipe receberia mais os pontos desse quesito.

Eu observava uma movimentação de alunos de outras salas no pátio, mas prossegui lembrando o caso de El gato, sobre a validade ou não do ponto quando uma pessoa e pega em cima da linha divisória da quadra. Marcos, Munlock argumentavam que ele ainda não havia passado e, portanto, não seria ponto, pedi a opinião de El gato, como ele não disse nada, chamei seu time para falar, disseram que não tinha sido ponto.

Relembrei o caso de Jack, que havia passado após ter seu colete segurado e reclamava ter pontuado, alguns diziam que havia sido pego, enquanto que outros diziam que não. Interrompi o falatório trazendo o que Brena falava, alegando que deveria tocar no corpo da pessoa para valer, e joguei para eles(as) se achavam isso certo. O falatório inflamou novamente.

Pedi atenção e relatei o caso de Leo, que havia pego Nick, onde Leo começou a falar:

- Peguei, peguei, peguei!

E Nick parou, e ressaltai que o colete que Jack usava quase foi rasgado quando ele foi pego, e quando falava da questão da camiseta fazer parte nossa, a movimentação no pátio aumentava, achei melhor finalizar contando que hoje quem havia vencido por 4x3 tinha sido o time sem colete, enquanto os alunos(as) já iam saindo eu relembrei que os times seriam trocados na próxima semana.

Diário VI

15/06/2019

Participantes: Julia, Munlock, Rafa, Leo, Bruce, Agata, Manuela, G.N.T., Allan, Inemafoo, Sabrina, Vick, Laura, Marcos, Gabriela, Goege Lima, Priscilla.

Atividades:

- Explicação e vivência do Ultimate Frisbee.

Hoje a aula vai ser melhor!

Como sempre, batí à porta da classe e pedi licença para entrar, cumprimentei os(as) alunos(as) e a professora. Esse seria o último dia de aula antes de começar as férias, portanto o número de crianças presentes era praticamente metade, a classe estava muito vazia.

Fabio: - Nossa tem pouca gente aqui hoje, não tem não?

Manuela: - A aula vai ser melhor.

Ao que eu já pensei e verbalizei que deveria reorganizar a turma para a realização da atividade, Julia emendou a questão se iríamos tirar time. Respondi que não, porém não descartei essa possibilidade tendo em vista a presença de apenas 17 alunos nesse dia.

Coloquei em outros diários que outros alunos(as) querem trocar de time, não sei apenas penso agora que escrevo, se é o ato de escolher as equipes o que os impulsiona a vontade em mudar de time, mas acho que é a vontade de jogar com pessoas específicas da classe.

Iniciei a chamada, porém os(as) alunos(as) conversavam falando da formação de um time hipotético, chamei-os para prestarem atenção, no entanto continuaram a conversando. Fui mais incisivo dizendo que não estava conseguindo ouvir a chamada, e obtive ajuda de uma aluna, que também pedia atenção da turma.

Outro aluno pediu para tirar time, eu expliquei que ficar escolhendo time demora, por isso tiramos time apenas uma vez, outra questão é em relação ao equilíbrio das equipes, além de um número equilibrado de meninos e meninas em cada time, procurei dividir os integrantes de maneira que nenhum time concentrasse pessoas com habilidades motoras parecidas mais que outros, com o objetivo de tornar os confrontos mais disputados.

Também coloquei a questão do tempo para ficar escolhendo os times em todas as aulas, que isso levaria alguns minutos que seriam gastos, diminuindo assim o tempo de jogo. Vou refletir melhor sobre essa questão da escolha dos times, talvez tenha algum aprendizado que possa surgir dessa prática.

Finalizei a chamada, e comecei a explicação do Ultimate Frisbee, com o auxílio da lousa fiz um desenho da quadra, falando que era um jogo bem próximo do que já havíamos feito até o momento, também era um jogo de invasão relembrando o objetivo do Jogo Pique-bandeira que havíamos realizado nas aulas anteriores.

Escrevi o nome do jogo que faríamos e perguntei aos alunos se alguém conhecia, então, após alguns segundos, respondi que era o jogo de Disco. Prossegui dizendo que agora invadiríamos o campo adversário passando o disco entre os membros de nossa equipe até ultrapassar a linha de fundo da quadra. Que as pessoas só poderiam andar ou correr quando não estivessem com o disco, e deveriam parar de andar/correr quando estivessem de posse do disco.

As pessoas que estivessem com o equipamento na mão não deveriam ser marcadas, sobrando apenas, para marcação, os que estivessem sem o disco. No momento do passe do disco, esse poderia ser interceptado, porém se caísse no chão, a posse do implemento seria do time contrário a pessoa que não conseguiu agarrar.

Continuei dizendo que nesse jogo não existe o contato físico e relembramos um lance ocorrido na vivência anterior onde Mateus foi “atropelado”, sem querer por uma menina, que o ajudou em seguida, verificando que havia ocorrido algo mais grave além da queda.

Repeti rapidamente a explicação para ver se não havia esquecido alguma regra básica que poderia fazer falta no momento da dinâmica, perguntei se haviam entendido, se achavam difícil e se era parecido com o outro jogo, nesse quesito disseram que era mais ou menos parecido, deixei que eles tivessem alguns momentos de interação para troca de suas percepções sobre os jogos e informei que desceríamos para vivenciar aquele jogo, que pegassem seus pertencem, pois na sequência ocorreria o intervalo, porém recebi a notícia de toda gente que nesse dia não emendaríamos o intervalo.

Seguimos em fila para a sala de materiais de Educação Física, onde peguei dois discos e alguns coletes, na sequência fomos para a quadra realizar a atividade, pedi para que pisassem na linha preta, lateral da quadra, peguei meu caderno para conferir os integrantes dos times, fui falando os nomes para juntar os

componentes. Dois times tinham 5 pessoas, 1 quatro e 1 três pessoas. Coloquei os dois times com 5 integrantes em um lado da quadra, e os outros dois do outro lado. Do lado onde haviam os times compostos por 5 integrantes cada, tinha um jogador com camiseta preta, como os coletes são pretos, peguei mais quatro e passei para os membros do time, perguntando para o menino que usava camiseta preta se ele queria usar um colete, haja vista o interesse em colocar a vestimenta apresentada por eles e notadas em relatos anteriores.

Peguei um disco e mostrei qual seria o campo de jogo de cada time, retomando o objetivo do jogo, mostrando onde o time de colete deveria atacar e onde deveria defender, pedi para que tirassem um pedra-papel-tesoura para ver quem começava com o disco.

Leo veio me informar que na outra metade da quadra havia um time com 4 e outro com 3 integrantes, eu respondi que jogaria no outro time.

Nesse lado do time com 5 jogadores em cada equipe Bruce corria com o disco na mão, quando vi interroguei perguntando se podia correr com o disco, ele disse que não. Então perguntei o que deveria fazer, ao que ele disse jogar o disco para frente.

Eu questionei:

- Jogar o disco para frente?

E respondi imediatamente:

- Jogar para alguém do seu time!

Notei que ele não tinha entendido a dinâmica do jogo, questionei sobre qual situações era possível andar, qual era o objetivo do jogo e o que teriam que fazer para pontuar. Ao que responderam depois apontando para a linha de fundo(lateral) da quadra. Deixei os times jogando e fui para a outra metade da quadra onde haviam mais duas equipes, eles(as) já estavam jogando.

Sinalizei que pertencia a um time, que naquele momento estava de posse do disco, essa equipe era composta por duas meninas e um menino, logo que entrei recebi o disco, e chamei as garotas para participarem do jogo questionando sobre o posicionamento delas, tendo em vista que estava mais atrás na quadra e o jogo era de invasão, portanto, estariam melhor posicionadas se estivessem ocupando espaços vazios mais a minha frente.

O menino integrante do grupo indicou os lugares que as meninas deveriam ocupar, elas foram, G.N.T. recebeu o disco e não sabia o que fazer, retornei

o questionamento sobre onde deveríamos estar e receber o frisbee para que pontuássemos. Vick estava mais perto de G.N.T., porém estava com as mãos no bolso, enquanto Allan estava um pouco mais longe.

Achei que G.N.T. tinha intenção para passar o disco para Vick, porém ela também notou que a menina estava com as mãos no bolso, foi quando perguntei para Vick como ela iria fazer para segurar o disco se suas mãos estavam no bolso, pois G.N.T. tinha intenção de lançar o disco na direção dela.

Após esse ocorrido, G.N.T. olhava para Allan, pois integrantes do time adversário passaram a marcar Vick, mas parecia não sentir confiança em fazer o lançamento. Eu chamava Allan para se apresentar mais perto para receber o disco, por fim, G.N.T. lançou para Vick, que ficou muito feliz e comemorou o ponto quando segurou o frisbee, ao eu pedi para que olhasse para baixo e verificasse se ela tinha passado pela linha de fundo. Perguntei a ela onde era necessário estar para que fosse contado o ponto.

Vick lançou o disco para Allan, porém ele estava longe e não conseguiu segurar o brinquedo. Informei que o disco era do outro time e que deveríamos voltar para a posição de marcadores. Também orientei a equipe adversário sobre onde eles(as) deveriam ir. Os meninos foram ao ataque, enquanto as meninas ficar bem juntas e paradas. Pensando nisso, agora, percebo que devo verificar essas atitudes e estimular as jogadoras a entrarem mais efetivamente no jogo.

No passe entre Rafa e Inemafoo o disco foi para Vick, porém ela não conseguiu segurar, Allan reclamou com Vick, intercedi dizendo que estava tudo bem, pois estávamos aprendendo.

Algumas vezes, eu achava que as crianças estavam muito longe para que o disco fosse lançado para elas e eu falava para que chegassem mais perto, pois estavam muito longe, era difícil de lançar e receber o frisbee.

Em um desses momentos onde os jogadores do mesmo time estavam longe um do outro, Rafa quis passar para Inemafoo, porém o brinquedo passou o alambrado e caiu fora da quadra. Avisei as crianças que jogavam junto comigo que eu iria pegar; quando estava a caminho, notei que no jogo que ocorria na outra metade da quadra, Bruce tentou pegar o disco que estava na posse do outro time, porém deixou cair no chão, informei que o equipamento seria do outro time, pois ele não tinha conseguido segurar o brinquedo. Novamente, quando deram saída ocorreu o mesmo, mais uma vez informei que o disco continuaria com o time que havia lançado o disco,

que o disco só mudaria de time se alguém do outro time conseguisse interceptá-lo no ar sem deixá-lo cair. Fui buscar o frisbee e continuei observando o jogo que ocorria.

Marcos falou que Leo havia andado, como esse não soltava o disco no chão eu questionei se ele havia andado e o que deveria acontecer, ao que disseram que o disco mudaria de time. Marcos pegou o frisbee e continuaram a jogar.

Chamei Vick e passei o disco para ela; pedi para os alunos da outra quadra que dessem mais distância entre os jogadores, pois o contato físico estava aumentando. Allan pedia o para Vick passar o disco para ele, isso chamou a atenção dos marcadores do time adversário, quando ela fez o passe, esse foi interceptado e caiu; aproveitei esse momento para propor algumas reflexões sobre o posicionamento das pessoas e a disponibilidade em receber ou não o disco, salientando que tivessem calma e analisassem antes de executar o passe, e que também deveriam orientar os companheiros de equipe.

Nesse momento uma inspetora de alunos veio chamar Rafa, pois sua mãe estava na secretaria, tendo em vista que teria vindo buscá-lo para levar embora. Eu parei de jogar, Rafa era da equipe contrária a que eu jogava e os times ficaram 3x3 integrantes.

Na lateral da quadra, eu passava instruções sobre o posicionamento dos jogadores, pedindo que ocupassem os espaços vazios, para que tivesse maior possibilidade de recepção do frisbee. Assistindo o jogo do lado de fora comecei a achar que os(as) alunos(as) ainda pareciam não saber qual era o objetivo desse jogo, ou seja, o que deveríamos fazer para pontuar ou defender nosso campo.

Voltei a questioná-los sobre o que deveriam fazer quando tivessem com o disco e que deveriam fazer quando estivessem sem o brinquedo. Pedi para pensarem no posicionamento que cada time deveria adotar, falei que os jogadores poderiam se ajudar orientado qual posicionamento seria possível e adequado. Deixei que jogassem e passei a observar o outro jogo.

Eles ainda pareciam confundir de quem seria a posse do disco quando esse caía no chão, Munlock lançara o implemento para Leo, que não dominara e deixara cair, porém ele pegou o disco e lançou. Interrompi o jogo e questionei se era isso mesmo que deveria acontecer.

- Uma pessoa do meu time tinha passa o disco para mim, mas eu deixo o disco cair no chão, de quem deve ser o disco?

Toda gente respondeu que era dou outro time, e eu questioneei sobre o por quê ninguém havia falado nada. Coloquei questões sobre o posicionamento de todos(as) na quadra, perguntei se lembravam que esse é um jogo de invasão, apontei para uma equipe questionando onde deveriam invadir, onde, então os(as) jogadores(as) deveriam posicionar-se.

Dei saída à partida e as confusões em relação as regras que haviam sido estabelecidas ainda ocorriam, analisando agora que escrevo essas notas, percebo esses ocorridos que coloco, surgem-me alguns questionamentos: será que os alunos não guardaram as regras? As regras não precisam ser cumpridas em todo o momento? Se eu cometi uma infração, mas ninguém falou nada então podemos prosseguir normalmente? Devo pensar em propor outros jogos mais simples antes de introduzir o Frisbee?

Leo veio pedir para beber água, sinalizei que sim, verifiquei e vi que já era tempo de finalizar a aula. Falei para trazerem os discos, coletes e pegarem seus pertences pois havia terminado a aula, Munlock soltou aquele ahhhhhh, Bruce veio pedir para jogar mais um pouco, Goelge Lima pediu para eu dar mais uma aula após o intervalo, realmente a aula havia sido muito legal, acho que toda gente interagiu bastante e apreciaram a atividade mesmo com minhas intervenções de paradas.

Diário VII

01/08/2019

Participantes: Julia, Mateus, Brena, Leo, Manuela, G.N.T., E-Manoela, Inemafoo, Vick, Jadlisom, Nick, Gabriela, Gabriele, Lara, Allan.

Atividades:

- Conferir alunos que entregaram os TCLE's;
- Explicação e vivência do Ultimate Frisbee.

Eu truce!

Fui pedalando para o trabalho, estava uma manhã muito agradável, com temperatura amena, ensolarado, porém nem calor e nem frio.

Chegando a Escola fui até a sala dos professores pegar a chave do quartinho de Educação Física para pegar os discos que utilizaríamos na atividade da aula.

Após subir as escadas para chegar a classe e pegar a turma, cumprimentei uma inspetora de alunos; a porta da sala de aula estava aberta e notei a presença de poucos alunos, o que me desmotivou, tendo em vista que as atividades não transcorrem normalmente, ou seja, os conflitos geradores das discussões finais não acontecem tanto quanto como quando a turma está completa.

Hoje foi o segundo dia de aula após a volta das férias, portanto, minha expectativa era de pegar a escola cheia de alunos, tendo em vista o fim do recesso. Ao adentrar a classe, cumprimentei os(as) alunos(as) e a professora perguntando se estava ocorrendo algo especial aquele dia, pois notei a presença de poucas crianças para participarem da aula, comentando com a professora sobre o eventual prejuízo na coleta de dados e construção dos diários. A professora me informou que no dia anterior havia vindo 15 pessoas.

Também falei para a Prof^a sobre a tese que eu devo terminar de escrever, pois é necessário enviá-la ao final do mês de agosto, tendo em vista a participação na qualificação que deve ser realizada em outubro.

Iniciei a aula informando os(as) alunos(as) que iria conferir os nomes dos responsáveis por eles, tendo em vista que na organização dos TCLE's não identifiquei qual era de qual pessoa, pois não deixei um campo para colocarem o nome do participante da pesquisa.

No momento que falei sobre o que faria, ouvi:

- Eu truce!!

De um aluno que não identifiquei qual era.

Imediatamente a professora o corrigiu:

- Eu truce não, eu trouxe!

Nesse momento comentei um caso, que ouvi em um podcast, para a classe, onde os apresentadores do programa liam uma carta que continha vários erros ortográficos e riam. Disse a eles(as) sobre a importância em se dominar a linguagem culta, a questão em estudar o idioma nos permite organizar melhor a fala e a escrita contribuindo para uma melhor comunicação, uma coisa é utilizar uma palavra para não ser entendido, outra é utilizar uma palavra para expressar algo, e o outro não conhecer aquela palavra o que vai dificultar o diálogo.

Quando erramos na fala, algumas vezes podemos encontrar pessoas que tiram sarro de outros que constroem a frase fora da norma culta. Porém isso não é certo, todo mundo erra as vezes ao falar. Sabemos que estamos aprendendo e que também é falta de educação e nada amigável rir de alguém quando esse outrem não sabe de algo.

Essa atividade tomou um pouco de tempo, visto que, ao falar os nomes dos responsáveis, inicialmente, os alunos diziam que não era daquela turma. Me pareceu que eles(as) não haviam entendido que eu estava lendo os nomes dos responsáveis que assinaram o documento. Alertei-os sobre esse fato, ressaltando que os nomes que eu estava lendo era de um pai, mãe ou responsável por algum aluno(a) daquela classe.

Retomei a leitura, e após alguns nomes começaram surgir identificações por parte dos(as) estudantes, dizendo que eram seus pais ou mães. Ao final perguntei para os presentes se alguém lembrava que não havia entregado o papel assinado para mim.

Brena, olhando pela janela afirmou que estava bonito, referindo-se a pintura nova da escola e me mostrando uma parte do prédio com cores novas e diferentes das anteriores. Ela gostou das cores novas, principalmente na parte que continha o amarelo e o azul. Outras crianças começaram a participar da conversa dizendo que faltava o verde, ao que Brena respondeu que também havia lugares pintados de verde, do outro lado, que não era possível ser observado dali onde estávamos.

Algumas partes de fora do prédio escolar foram pintadas de azul, outras de amarelo, outras de branco e outras ainda, de verde. Foi durante o período das férias que a escola foi contemplada com tintas de cores amarela, verde, branca e azul. A cor original era predominantemente azul, com algumas partes em branco, a inclusão do verde e do amarelo deu uma descaracterizada nas cores que identificavam a escola.

A professora me informara sobre uma atividade que teria na terça-feira seguinte, para que eu pudesse alterar o horário da aula, tendo em vista que ela estava a par das intervenções e sua importância para meu estudo. Seria uma atividade conjunta com outras classes e, portanto, respondi que conversaríamos no intervalo com as professoras das outras classes de modo que ficássemos inteirados do horário da atividade.

Iniciei a chamada, quando chamei Cachorro fui informado que ele havia mudado de escola, eu não tinha conseguido aprofundar meu entendimento sobre a escolha de seu nome, as urgências diárias nos afastam e alienam, perdemos a humanidade e pensamos apenas na produção, no rendimento do trabalho. A professora dirigiu-se à mim dizendo que iria perguntar na secretaria se Cachorro realmente havia sido transferido ou se tinha faltado apenas.

Juntei minhas coisas e retomei o que havia iniciado na aula anterior, contando que algumas crianças já tinham realizado a atividade que chama-se Ultimate frisbee, houve um burburinho à respeito do nome, ao que eu respondi ser o reflexo da americanização da cultura brasileira. Penso agora que escrevo esse relato da aula sobre as questões de colonização do currículo, mais especificamente sobre as atividades e jogos esportivos dados em aula, que e sua maioria possuem origem europeia ou americana.

Na sequência falei que era o jogo do disco, que os(as) alunos(as) seriam separados(as) em quatro times, algumas crianças informaram sobre outras crianças que compunha seus times tinham faltado, ao que falei que contaria as crianças que vieram e que compunham cada time para que fizéssemos as alterações necessárias. Fiz um desenho da quadra na lousa para explicar como iríamos utilizá-la.

Quatro equipes estariam jogando ao mesmo tempo, duas em cada metade da quadra. Onde as laterais seriam o fundo, estaríamos fazendo um outro jogo de invasão, no qual deveríamos ultrapassar a linha lateral da quadra, considerada como meta para pontuar, fui explicando as regras básicas e demonstrando com auxílio

de outras crianças, peguei o disco e chamei Gabriele dizendo que lançaria o disco para ela; falei com a posse do disco não poderíamos andar, lancei o disco para Gabriele e comecei a simular uma corrida pela classe. Pedi que Gabriele jogasse o disco para mim e quando recebi parei de correr.

Simulamos a área de meta na classe, lancei o disco para Gabriele e corri para a área de meta, pedi que ela lançasse o disco para mim e disse que teria que receber o frisbee e dominá-lo, porém quando Gabriele lançou-o para mim deixei-o cair, e então continuei dizendo que não tinha sido ponto, e que o disco passaria para as pessoas do outro time, pois havia caído no chão.

Continuei passando e recebendo o disco para Gabriele para ilustrar que quando tínhamos a posse do disco deveríamos parar de correr e que quando estávamos sem o disco poderíamos correr, voltei a falar qual era a linha de fundo, exemplificando na classe, e fui até ela recebendo o disco com um pé em cima da linha, então perguntei aos alunos(as) se eu havia pontuado para o meu time, ao que alguns disseram e outros disseram não.

- Eu fiz ponto???? Indaguei.

- Nãããããã! Reponderam.

Passei da linha imaginária e perguntei novamente:

- Aqui nosso time faz ponto?

- Siiiiiiiiim, reponderam.

- Beleza. Falei. E quando um time faz ponto devolve o disco para o outro time fazer a saída no meio da quadra. Voltando a explicar apontando e desenhando no quadro branco.

- Alguém tem alguma pergunta sobre como faz ponto?

- Não.

- Não.

- Não.

Vários(as) responderam.

- Jóia, então eu vou falar o que acontece para o disco mudar de time, um caso é quando faz ponto, aí o disco muda de time; outro, que já falei também, é quando o disco cai no chão e outro caso é quando passamos o disco, porém uma pessoa do outro time pega o disco.

Retomei o ocorrido da aula passada dizendo que se o disco fosse passado por uma pessoa do meu time, porém alguém do outro time tentasse pegar o

disco sem ter sucesso, mas batendo nele e eu também não conseguisse pegar o disco deixando que este caísse no chão, o disco seria do outro time.

- Certo Leo?

Tendo em vista que na aula anterior havia ocorrido isso várias vezes e as crianças falavam que a posse do disco eram delas colocando a culpa no outro que atrapalhou a trajetória do frisbee.

A professora da turma, que estava prestando atenção na explicação do jogo, perguntou se não havia problema, no caso que eu havia explicado anteriormente de uma pessoa de outro time tocar no disco enquanto este estivesse sendo passado dando o seguinte exemplo:

- Se o Mateus é de um time, e eu sou de outro time e vou passar o disco para outra pessoa do meu time e o Mateus toca no disco então não têm problema?

- Não tem problema, ele só não pode impedir você de passar o disco, nem disputar o disco com outra pessoa dando jogo de corpo, como no futebol. No Frisbee não tem contato físico e lembrando que não tem juiz, nós vamos experimentar o jogo lembrando da cooperação, solidariedade e respeito as regras e aos colegas do seu time e do time adversário.

Perguntei se tinham entendido, disseram que sim, então perguntei a professora se eles deveriam pegar o lanche, se o horário do intervalo seria no horário normal, ao que ela disse que sim. Falei para as crianças que pegassem o lanche e formassem as filas mistas.

Enquanto eu pegava minha bolsa e os alunos(as) formavam a fila Nick veio me falar que estava fazendo aniversário, 11 anos, ao que eu o cumprimentei, brincando falando que ele estava ficando velho, fomos caminhando e conversando sobre o entendimento do jogo, descemos as escadas, passamos pelo pátio e logo ganhamos a parte externa da escola.

Quando chegamos à quadra, pedi para que pisassem na linha preta lateral da quadra e que logo que eu chamasse os nomes eles se juntassem, pois eram do mesmo time, então fui falando os nomes e colocando-os de modo que ficassem separados, assim que terminei de chamar a 3ª equipe, os alunos disseram que estava faltando integrantes, um time estava com 5 integrantes, outros dois com 4 e o outro com 3. Instantaneamente pensei em entrar no time com 3 integrantes e jogar contra o time que possuía 5, deixando os outros dois times com 4 integrantes jogarem contra.

Expliquei onde seriam os limites da quadra e o meio, onde seria dada a saída, expliquei onde cada time deveria fazer o ponto, pedi para que os times tirassem um pedra-papel-tesoura para decidirem quem sairia com o disco dando início ao jogo. Cheguei mais próximo dos dois times que jogaria em um lado da quadra e perguntei se alguém possuía alguma dúvida ou se já poderiam jogar, disseram que já dava para jogar.

Voltei-me para o lado e time que eu fazia parte retomando os locais que faríamos ponto, o time que eu integrava daria início a partida, perguntei para Julia se ela gostaria de começar lançando o frisbee para iniciar o jogo.

Logo que iniciamos o jogo, Julia lançou o disco para Gabriela e o disco caiu no chão, como ela ia pegar o disco, falei para que ela deixasse o disco no chão e voltássemos para marcar, pois o outro time daria a saída.

Allan lançou para Nick, que também deixou o disco cair. Voltamos a lançar o disco, conseguimos atacar com Julia e Laura, porém quando Laura estava próximo a linha de ponto, não conseguiu segurar o disco. As crianças ficaram em dúvida em relação ao ponto, se havia sido ou não, interroguei sobre qual era a regra, ao que disseram que tinha que passar da linha; então perguntei novamente se tinha sido ponto, e disseram que não.

Eu orientava outros pontos também, em alguns momentos as crianças entregavam o disco uns nas mãos dos outros, ao que eu disse que deveriam passar lançando, tendo e vista maior diversão em lançar e receber, e também as possibilidades do disco cair no chão ou ser interceptado.

Ainda orientava em relação a ocuparem espaços vazios da quadra, ficarem desmarcados, manterem uma distância que fosse possível receber o disco (nem muito perto, nem muito longe de quem estivesse lançando).

Continuamos o jogo comigo falando sobre os lugares que deveríamos ocupar na quadra, para que tivessem calma, se o disco caísse no chão não haveria problema, pois estávamos aprendendo, que deveriam ficar mais longe umas das outras, pois tinham uma tendência em ficarem perto.

Observei que alguns alunos, de outra turma que estavam fora da quadra começaram a dirigir-se para o local do intervalo, então falei que nossa aula havia terminado, que pegassem suas coisas e fossem para o intervalo.

Nessa aula não realizei os 3 tempos previstos na metodologia *callejera* pois as crianças ainda não incorporaram a dinâmica do jogo, a atividade ainda está

bastante truncada, a ideia de não realização do 1º e 3º tempo foi que vivenciassem o jogo por mais tempo.

Diário VIII

06/08/2019

Participantes:

Julia, Jack, Mateus, Brena, Leo, Chocolate, K., Bruce, Ágata, Manuela, G.N.T., E-Manoela, Amanda, Allan, Inemafoo, Sabrina, Vick, El Gato, Munlock, Jادلison, Laura, Nick, Marcos, Rafa, Gabriela, Gabriele, Goege Lima, Thomas, Priscilla, Jack(2).

Atividades:

- Conferir alunos que entregaram os TCLE's;
- Retomada da explicação e vivência do Ultimate Frisbee.

Nossa, esqueci o nome da minha mãe!

Logo que ia para a classe cumprimentei as pessoas que encontrei pelo caminho, incluindo uma aluna que participa da turma de treinamento de futsal feminino. Entrei na classe cumprimentando a professora e as crianças, toda gente estava entretida realizando uma tarefa, alguns responderam e Munlock veio perguntar se Marcos jogaria junto com ele.

- Vocês já jogaram juntos na aula passada.

- Não, mais nós jogamos contra.

- Ah, entendi, mas vamos ver, pois são quatro times jogando todos ao mesmo tempo, então hoje seu time poderá jogar contra outro, vamos ver lá embaixo.

Marcos e Munlock são amigos e ambos são habilidosos, como os times foram separados de maneira que não reunissem várias pessoas habilidosas na mesma equipe em vários momentos alunos e alunas pedem para mudar de time, pois temos incorporado que o importante é vencer. Como já relatei em outro diário, Munlock é bastante competitivo e se irrita em vários momentos do jogo quando alguém do seu time erra, ou quando sofrem ponto.

Pedi para que prestassem atenção, pois eu realizaria a chamada. Alguns alunos verificavam os que estavam presentes e compunham seus times. Foi quando ouvi Marcos começando a falar:

- Aí fica eu ...,

Ao que interrompi:

- Não precisa mais tirar time gente, nós já fizemos isso.

Brena continuou:

- Que senão vai fazer confusão tudo de novo.

Iniciei a chamada, logo que finalizei a chamada, Munlock veio me falar que Jack(2) não conhecia o jogo. Lembrando que na aula passada, que foi o primeiro dia de aula após o retorno das férias a frequência dos(as) alunos(as) estava diminuída. Respondi que muita gente ainda não conhecia o jogo e que explicaria novamente.

Conferi minha lista das pessoas que ainda não havia entregue o TCLE assinado, peguei os TCLE's assinados que possuía, fui lendo os nomes dos responsáveis que estavam assinados e perguntando de quem era para anotar os nomes das crianças. Fui lendo os nomes e esperando pelo pronunciamento das crianças.

Quando li um nome houve um silêncio:

- É minha, é minha. Falou Brena. Emendando:

- Nooossa esqueci o nome da minha mãe!

Todos deram risada, e eu disse:

- Normal, ninguém chama a mãe pelo nome, todos chamam a mãe de mãe!

À medida que eu ia lendo os nomes as crianças iam falando:

- Minha mãe.

Outros ainda falavam:

- É o nome da minha tia.

- É o nome da minha prima.

Alguns riam, pois achavam os nomes engraçados; falei que talvez eu pudesse estar lendo algum nome errado, pois eu não conseguia ler muito bem algumas letras.

Finalizando essa parte, retomei dizendo sobre as aulas que já haviam passado, que algumas crianças já haviam experimentado o jogo que realizaríamos hoje, e que apesar de eu repassar as regras, precisaria da ajuda de quem já conhecia a atividade para ajudar a ensinar na hora que estivéssemos jogando.

Então repassei as regras rapidamente, falando que continuávamos com os esportes de invasão, portanto a lógica interna do jogo era que precisaríamos invadir o campo adversário para marcar ponto. Comparei com o Pique-bandeira, que realizamos anteriormente, e completei dizendo que achava ainda mais fácil, pois

bastava receber o disco atrás da linha de fundo da quadra para que fizesse o ponto para o time. Portanto, essa invasão deveria ocorrer com a posse do disco.

Ao que uma menina disse:

- Só que não pode andar.

Completei:

-Só pode andar sem o disco, com o disco para, lançou o disco pode andar quanto quiser.

Falei que esse esporte era chamado Frisbee, e o nome completo do esporte que faríamos era Ultimate Frisbee, que quem estivesse com o disco na mão não poderia andar, que esse jogo não tinha contato físico, que poderíamos interceptar o passe, que a pessoa que estivesse com o disco na mão deveria ter espaço para executar o passe, não era necessário marcar a pessoa que estivesse com a posse do disco.

Ao que um menino disse:

- Tem que deixar passar.

- Exatamente. Concordei.

E continuei, se o disco cair no chão ele será do time oposto, também falei sobre a questão de passar o disco, haja vista que na aula anterior várias crianças passavam o disco de mão em mão sem que ele fosse lançado. Relembrei que toda gente deveria posicionar-se em lugares vazios da quadra, onde não houvesse marcação, mas que não poderia ser muito longe, pois isso dificultaria o passe e a recepção do frisbee.

- O disco pode tomar outro caminho. Marcos falou.

- É ele pode desviar por causa do vento. Acrescentei.

Falei para que pensassem quando fossem executar uma ação e que também pensassem sobre o que imaginavam que iria ocorrer e o que havia ocorrido quando do lançamento, pois na Educação Física, não só na Matemática ou em Português usamos o cérebro. Nas atividades físicas também utilizávamos o pensamento e reflexão; e por conta do jogo, que não parava nossas análises sobre o ocorrido teria que ser muito mais rápida que nas outras matérias.

Falei sobre a questão de forçar o passe, ou seja, passar para quem estivesse marcado; e sobre querer passar sempre para as mesmas pessoas do time.

Perguntei qual era o objetivo do jogo, e respondi que era invadir o campo adversário com a posse do disco, tendo ele dominado na linha de fundo da quadra adversária.

Finalizei falando que experimentaríamos a atividade lá embaixo e que era necessário cooperação, respeito e solidariedade entre todos, tendo em vista que algumas pessoas sabiam jogar e outras ainda não sabiam e que eu precisaria da ajuda deles(as) para ensinar.

Enquanto as crianças foram formando as filas E-Manoela veio me falar que poderíamos formar dois times e jogar na quadra inteira, ao que eu disse que poderíamos ver isso lá embaixo.

As filas forma separadas automaticamente entre meninos e meninas, Jack(2) estava dando risada de Rafa que havia entrado na fila das meninas, quando eu percebi o que ocorria perguntei para Jack(2) por quê ele estava dando risada, e falei alto para que toda gente ouvisse que como todos(as) já sabiam as filas eram mistas.

Enquanto descíamos as escadas Nick me falava que iria ganhar um vídeo game Xbox, quando sua mãe recebesse, pois tinha sido o aniversário dele dias antes. Ganhamos a parte externa da escola e logo chegamos a quadra.

Pedi para que se sentassem no “circulô”, pois eu pegaria minha agenda para ajudar na separação das equipes. Fui separando os times de maneira que cada um ocupasse $\frac{1}{4}$ do círculo, para que eu pudesse ver o número de integrantes e arrumasse os confrontos com os times que possuíssem número aproximado de participantes.

Agora estabeleceríamos as regras, perguntei se Mateus tinha alguma regra para tirar, mudar ou acrescentar; como ele disse que não, passei para Rafa, ele também sinalizou que não. Nesse momento chamei intencionalmente alguns alunos no intuito de estimular a reflexão e a fala motivando a participação e exposição de ideias.

Como as crianças começaram a conversar entre si, perguntei se alguém tinha alguma regra para colocar, como ninguém disse nada, indaguei a Inemafoo e Allan se eles discutiam alguma regra e gostariam de colocar para toda gente. Como eles ficaram em silêncio, perguntei para Sabrina e Amanda, que também conversavam entre si, se tinham uma regra.

- Pediu para parar, parou. Falou Bruce.

- Todo mundo concorda com essa regra? Perguntei.
- Como é que é essa regra Bruce, explique melhor.
- Se no jogo alguém cair e pedir para parar, parou. Falou Bruce.

Ao que complementei:

- Se for uma falta, alguém bater em alguém e pedirem para parar, então todos devem parar, certo? Entenderam essa regra?

Disseram sim, então perguntei se alguém achava que não deveria ter essa regra e responderam que não.

Como Jack(2) levantava a mão de Nick, como se ele quisesse falar, perguntei se ele tinha alguma regra, pedi para que ele contasse a regra que Nick havia contado para ele, já que ele levantava a mão de Nick é porque ele sabia que Nick tinha uma regra. Como ninguém tinha mais nenhuma ideia de regra pedi para que se levantassem e ocupassem seus respectivos lados da quadra.

Dois times que possuíam 8 pessoas jogariam entre si, enquanto as outras duas equipes possuíam 7 integrantes cada. Pedi para que decidissem com pedra-papel-tesoura qual era a equipe daria início a partida. Coloquei os discos no meio da quadra e fui até a lateral para observar os jogos.

Os jogos começaram e as crianças pareciam se divertir bastante, muita gritaria, ora de alegria, ora de desapontamento, ora para chamar a atenção de seus parceiros(as) de equipe.

Após algum tempo transcorrido percebi alguns alunos de outras classes saindo do prédio da escola, interrompi a partida dizendo que era hora da reunião, que sentassem no “circulô” do meio da quadra para que averiguássemos os vencedores. Como estava meio frio, falei que quem quisesse, pegasse a blusa; organizei as crianças de modo que ficassem sentados ao sol e iniciamos o 3º tempo, dos quatro times. Comecei perguntando o placar, ambos os times haviam terminado empatados, um 0x0 e o outro 1x1; então falei que ambos saíam empatados com 1 ponto.

Quando eu ia colocar os Pilares, notamos um grande número de pessoas saindo; o intervalo havia começado, informei que nossa aula havia terminado e que hoje, os times tinham ficado empatados.

Diário IX

08/08/2019

Participantes:

Jack, Mateus, Brena, Leo, Ágata, Manuela, G.N.T., E-Manoela, Amanda, Inemafoo, Sabrina, Vick, El Gato, Munlock, Laura, Nick, Marcos, Rafa, Gabriele, Goege Lima, Thomas, Allan, Priscilla, Jack(2).

Atividades:

- Conferir alunos que entregaram os TCLE's;
- Entrega de TCLE;
- Vivência do Ultimate Frisbee;
- Aplicação da metodologia Callejera em seus 3 tempos.

Ao caminho da classe, quando passava pelo pátio, fui cumprimentando alguns alunos e alunas que encontrava pelo caminho. Logo que cheguei na sala foi aquela gritaria, achei que os alunos estivessem fazendo prova, porém a professora me informou que estavam fazendo a correção da prova.

Notei que o número de alunos presentes não era o total de alunos matriculados, comentei com a professora que estava faltando crianças, ao que recebi como resposta a informação de que os alunos dessa classe eram bem faltosos.

Bruce veio me contar uma piada sobre uma mãe que pede para um filho ir comprar um produto; para lembrar do que comprar o menino, durante o trajeto para o mercado vai repetindo o nome do produto, no entanto ele troca a palavra e compra outra coisa.

Chamei a atenção dos alunos, explicando que eu faria a chamada e ao mesmo tempo iria conferir os nomes das pessoas que tinham entregue os TCLE's, também daria outra ficha do TCLE para quem ainda não havia devolvido o documento assinado pelo responsável. Orientando que deveriam trazer devidamente assinado na terça-feira, ou seja, no nosso próximo encontro.

Iniciei a chamada e logo cheguei no nome de Jack, pedi para que viesse buscar a autorização, os alunos começaram a conversar, Brena pediu silêncio; um grupo ouvia piada contada por Bruce. Continuei a chamada, vários alunos e alunas repetiam o nome de Ágata, pois achavam engraçado, Nick, em especial persistia na repetição do nome mais que os demais.

Eu entregara o papel para Ágata e explicara como ela deveria proceder. Dei sequência a chamada. Davi havia faltado novamente, comentei com a professora que ele é um aluno que possui muitas faltas em Educação Física, as crianças, que ouviram minha fala disseram que ele tinha vindo no dia anterior.

- Leo. Após eu dizer o nome dele, pedi para que viesse pegar o TCLE, expliquei o que era para ele fazer e que deveria trazer na próxima aula.

A professora ficou ao meu lado e disse que haviam faltado muita gente mesmo; cheguei ao nome de um aluno que nem se quer me recordo de quem é de tanto que falta, a professora comentou comigo que é um aluno que quase nunca vem e sempre é preciso mandar atividades de compensação de ausências, que ele não devolve.

Percebi um grande incômodo causado pela situação das faltas, tendo em vista a professora tem o trabalho em fazer as atividades de compensação para serem entregues e que não voltavam, parei por um momento a chamada e continuamos conversando sobre o caso do aluno que foi citado agora. A professora me dizia que quando raramente esse aluno vinha, costumava dar muito trabalho na classe, questões de disciplina, comentei que isso deveria ocorrer pelo fato de ele não conseguir acompanhar a classe, tendo em vista que faltava muito.

A docente concordou completando que era claro, pois ele vinha raramente as aulas. Prossegui na chamada.

- El gato.

- Eu entreguei professor? Ele perguntou.

- Você já trouxe. Respondi.

Cheguei no nome de Nick e este respondeu “presunto”, fiquei em desconforto nesse momento, pois a professora chamou a atenção dele. Me senti culpado, pois, para chamar a atenção de alguns alunos/as quando estou fazendo a chamada costumo perguntar se a criança está “presunto” após falar o nome dela.

Já que estou me referindo a professora em vários momentos desse diário vou passar a chama-la de Barbie devido as características físicas dela. Outras professoras, as vezes se dirigem a ela assim. Ela é uma senhora bem magra, olhos e pele clara, sempre muito sorridente, com os cabelos compridos, encaracolados e soltos.

Rafa veio me perguntar se os alunos não haviam pegado o documento, eu disse que eu tinha entregue, no entanto eles(as) não trouxeram assinado de volta.

Antes de finalizar a chamada ainda chamei Priscilla para entregar o documento para que um responsável dela assinasse. Sendo assim, ainda faltavam quatro alunos para eu saber se estavam autorizados a participar do estudo ou não.

Juntei rapidamente minhas coisas e pedi para que formassem as filas mistas para descermos. Logo as crianças começaram a se empurrar na formação da fila, Bruce reclamou:

- Num me esmaga não em Rafa, você é loco?

E eles(as) foram se encaixando na fila a medida que iam andando e falando sobre assuntos variados impossíveis de serem identificados pois as falas iam sendo entrecruzadas e cortadas umas com as outras.

Chegamos a quadra, já descrevi esse local em outro diário, porém ressalto aqui que esse lugar é muito agradável, principalmente pela manhã, possui árvores grandes ao redor, o que deixa um ambiente sombreado e fresco, com sons de vários pássaros.

Falei para deixarem seus pertences nos bancos que ficam nas laterais da quadra e fui arrumando as equipes no círculo ao meio da quadra, começando por Marcos e os integrantes de seu grupo, depois Munlock, Allan e Davi. E-Manoela me ajudava perguntando quem era daquele time.

O time de Marcos tinha 4 pessoas, eu contava o número dos integrantes de cada time para arranjar qual equipe jogaria com qual. Retomei o discurso de que deveríamos ajudar as outras pessoas que ainda não tinham jogado tanto, e portanto, não tinham entendido muito bem qual era a dinâmica do jogo. E que naquele momento faríamos as considerações sobre as regras, tirando, alterando ou acrescentando.

Inemafoo lembrou da regra “pediu para parar ...”, que Bruce havia falado no encontro passado perguntando se era uma regra.

Eu disse que sim, e que poderíamos falar sobre ela. Perguntei se alguém possuía alguma sugestão sobre ela, como ninguém falou nada eu perguntei se todos concordavam em mantê-la, ao que disseram sim.

- Alguém não concorda? Perguntei.

- Se por acaso alguém não concordar pode falar e justificar por quê não concorda. Continuei.

Como ninguém falou nada, eu comentei sobre um caso observado por mim no jogo do dia anterior onde algumas pessoas participaram pouco da atividade, então lancei o problema para eles:

- O que nós podemos fazer para incluir as pessoas no jogo? Alguém pode colocar alguma regra nesse sentido?

Como ficaram quietos prossegui:

- Por exemplo, vou dar um exemplo, antes do time fazer o ponto o disco tem que passar pela mão de todo mundo do time.

Vick falou:

- Éee eu acho que é bom, no outro jogo agente, ... o Allan não passou.

- Eu passei. Falou Chocolate.

- Eu passei. Falou Nick.

- Não passou. Retrucou Vick.

Marcos deu a ideia de que o time que fizesse ponto e não tivesse passado o disco na mão de todos os integrantes do mesmo time, então o ponto deveria ser computado para o outro time. Houve um burburinho. Eu falei, deixa eu ver se entendi e tentei explicar o que havia entendido da regra dando exemplo com as pessoas integrantes de uma equipe.

- Eu também acho. Concordou Brena.

Outras crianças começaram a falar ao mesmo tempo. Eu pedi para que tivessem uma ordem na fala para que todos pudessem falar e ouvir as ideias uns dos outros para que pudessem concordar ou não.

Munlock não concordou, alegando que demoraria muito para passar, E-Manoela também consentiu, o time deles possuía seis integrantes cada, enquanto que os outros dois times possuíam 4 e 8 participantes respectivamente.

A argumentação estava crescendo, Munlock deu a ideia de que deveria passar para 4 pessoas, e Chocolate teve seu momento de fala dizendo que o jogo seria só de passar o disco para outras pessoas do time, também defendendo a ideia de que demoraria muito até que o frisbee fosse seguro por todos os integrantes de um grupo.

Voltei a regra, recapitulando dizendo:

- Deixa eu ver se entendi então, a regra é antes de fazer o ponto o disco tem que passar por 4 pessoas no mínimo, é isso?

- Siiiiim, disseram.

-Então quem vota nessa regra levanta a mão. Eu disse.

Todos levantaram a mão.

- Okay então, e se o time fizer o ponto sem passar o disco pela mão de todos os jogadores o quê acontece? Perguntei.

Algumas pessoas responderam, entre elas E-Manoela, o ponto vai para o outro time.

Perguntei se alguém queria falar mais alguma regra. Como ninguém disse nada eu me levantei, seguido pelos demais, falando que arrumaria os times para iniciar o jogo. De um lado da quadra ficou um time de oito contra um time de 6 integrantes; do outro ficou um time de seis juntamente com outro de 4 integrantes. Perguntei:

- Como nós podemos resolver isso daqui?

- Passa uma pessoa desse para esse. Falou Goege apontando para o time de 8 e depois para o time que possuía 6 pessoas.

Achei boa a ideia e fui contar o número de meninos e meninas que cada grupo possuía. Equilibrei as equipes em relação ao número de participantes pedindo para o time que tivesse menos pessoas escolhesse uma menina. Agora ficamos com dois times de 7 pessoas cada. Pedi para que tirassem um pedra-papel-tesoura para ver quem começaria a partida.

Fui para o outro lado da quadra onde um time possui 6 e o outro 4 integrantes. Vieram junto de mim com Leo falando:

- Professor, vamos passar duas pessoas daquele time para esse, apontando para o time que possuía 8 pessoas inicialmente.

Percebo que ele teve uma boa ideia, resolveria facilmente, porém eu disse que não daria, tendo em vista que o jogo na outra metade da quadra já tinha começado.

- É só passar uma pessoa desse para esse, fica 6 contra 5 já dá para jogar. Falou Marcos apontando para o outro time que possuía mais pessoas e depois apontando para o seu.

- Então vamos escolher! Completou Goege.

- É eles que escolhe? Questionou E-Manoela.

- Esse time aqui pode deixar alguém passar pra lá? Perguntei apontando para o grupo que possuía mais alunos(as).

Ao mesmo tempo que os meninos disseram não, as meninas disseram sim.

- Pergunta para o Munlock se ele quer passar pra cá? Disse Marcos.

Esse ocorrido demonstra o sentido de competição que está incorporado em nós, e por outro lado demonstra um comportamento cooperativo e de justiça na atitude das meninas que estavam dispostas a deixar uma pessoa de seu grupo passar para o outro de modo que as equipes ficassem mais equilibradas em número de jogadores.

Após um tempo de discussão e nada de resolução, pedi para que os meninos tirassem dois ou um para ver quem passaria para o outro time, e as meninas fizessem o mesmo. Munlock e Brena foram os vencedores iniciais.

- Aaa muleque. Comemorou Munlock quando venceu o primeiro pedra-papel-tesoura entre os meninos.

Pedi que os dois vencedores tirassem mais uma vez o pedra-papel-tesoura. Brena ganhou e passou para o time de Marcos. Falei que esse time tinha um a menos e que sendo assim deveria dar início ao jogo.

Nick veio me informar que o disco caiu no chão e que Rafa havia chutado o equipamento, falei que conversaríamos sobre isso depois. Quando ele voltou o jogo já havia sido retomado.

Os dois jogos transcorriam muito animados, as crianças se movimentavam bastante, pedindo o disco e correndo. No entanto, pedi para que congelassem e olhassem para um aluno que estava ao lado do campo de jogo, apartado e alheio a atividade que transcorria. Logo que olharam pedi que voltassem ao jogo pois conversaríamos sobre aquele ocorrido no 3º tempo.

Goege me chamou para ver um lance, eu perguntei o que havia acontecido, Marcos disse que El Gato havia puxado o disco da mão de Laura. Eu falei que eles estavam muito pertos um do outro e que não estavam lançando o frisbee.

Bruce havia se contundido em um lance do jogo e estava sentado fora da quadra, Brena veio me avisar que ele estava sentindo dor, eu pedi para ela ver com ele se dava para continuar, senão ele poderia ficar um pouco de fora do jogo e quando melhorasse ele voltaria. Todos voltaram e a atividade fluía muito bem.

El gato veio me perguntar se poderia tirar o disco da mão do outro, ao que eu devolvi a pergunta para ele, lembrando que isso já havia sido falado e questionando-o sobre a regra e o que deveria acontecer.

Eu observava ora um lado, ora outro lado da quadra, verifiquei que Leo estava com um dos pés do tênis desamarrado. Pedi para ele amarrar, no entanto ele estava tão envolvido no jogo que sequer queria parar para amarrar o calçado. Quando

em um lance, Leo veio perto de mim, pedi novamente que amarrasse o tênis antes de continuar jogando.

Jack veio até mim reclamar que Munlock trapaceava no jogo, principalmente andando com o disco na mão; eu disse para ele se lembrar disso, pois conversaríamos sobre o ocorrido no 3º tempo.

Conferi o tempo e já era hora de iniciarmos nossa roda para verificar os times vencedores; pedi que viessem até o meio da quadra e quem estivesse com calor poderia sentar-se à sombra, ou poderiam escolher sentar-se ao sol, os que ainda estivessem com frio. Como haviam corrido na atividade, várias crianças sentaram-se à sombra dizendo que estava calor.

Comecei apontando sobre pessoas que eu havia visto paradas durante o jogo. Relembrei a conversa inicial da aula, quando perguntei para todos(as) o que poderíamos fazer para incluir as pessoas, tendo em vista que havia notado alunos(as) que ficavam meio à parte do jogo. Após algum tempo de silêncio geral, me dirigi a Thomas sobre essa questão de ficar parado, pois ele era uma dessas pessoas que ficavam alheias ao jogo.

Meio sem jeito ele respondeu que não conseguia fazer pois tinha um problema no pé. Houve vários comentários sobre essa fala, evidenciando que além de mim, outros alunos(as) também desconheciam o problema do pé. Achei bastante curioso, visto que ele é aluno da turma desde o começo do ano, sempre venho incentivando-o a participar das atividades propostas e somente agora surgiu esse problema no pé. Perguntei para ele o que ele achava da participação dele na atividade, e com relação a experiência da mesma, sendo que muitas vezes ele nem olhava para o jogo.

Disse para Thomas que ele demonstrava não querer participar do jogo, ao que ele disse que queria sim. Porém, continuei perguntando para ele como as pessoas poderiam passar o disco para ele se ele ficava com a mão no bolso e sequer olhava para os jogadores. Me dirigindo a toda gente, questionei-os sobre pensarem nos momentos do jogo, se nas atividades de Educação Física não era necessário pensar. Se pensávamos somente nas atividades que estávamos parados e sentados nas carteiras dentro sala de aula.

Falando para todos(as) eu pedi para que me informassem quando tivessem algum problema ou doença, pois a atividade física poderia potencializar o machucado. Me voltei para Thomas e perguntei o por quê dele nunca ter me falado

do problema do pé. Ao que ele respondeu que as vezes quando ele começava a correr ele torcia o pé, e, portanto, ele queria evitar as entorses evitando correr.

Voltei-me para um lado, dirigindo a palavra para os integrantes dos dois times questionando-os sobre o placar. Meninos e meninas intercalaram as suas falas contando dos lances ocorridos durante a atividade. Percebi que as meninas, além de participarem mais ativamente do ataque, elas também passaram a expressar mais, contando sobre o jogo. Acho que regra de passar o disco para 4 pessoas surtiu o efeito da maior inclusão feminina no 2º tempo e exposição das falas femininas no 3º tempo.

Perguntei para o time da E-Manoela se eles tinham respeitado as regras, eles(as) disseram que sim; então perguntei para os integrantes do time de Allan se o time da E-Manoela havia respeitado as regras, e falaram que sim. Procedi da mesma maneira em relação a equipe de Allan, perguntando se eles(as) achavam que tinham respeitado as regras, as pessoas do time e do time oposto, na sequência perguntei a equipe de E-Manoela se concordavam. Ao final as duas equipes receberam os 3 pontos por esse Pilar.

Passei a questionar o time de Allan sobre a cooperação, perguntei as meninas se elas ficaram satisfeitas com a participação que tiveram durante o jogo. G.N.T. e Vick falaram sobre momentos em que receberam o disco. Voltei-me para os integrantes do time de E-Manoela e fiz a mesma pergunta, houve um uníssono sim. Perguntei para as meninas se elas estavam felizes com a participação delas no jogo, ao que responderam que sim. Então perguntei para os dois times se ambos mereciam os pontos pela cooperação ou se alguém tinha algo a ser dito.

Como ninguém falou nada, perguntei, novamente se concordavam em ser dado os 3 pontos de cooperação para ambos os times; ao que disseram sim. Coloquei o Pilar solidariedade para refletirmos, no entanto não conseguimos lembrar de ocorridos que seriam ditos solidários, portanto, questionei aos times se ambos mereceriam receber os pontos por esse Pilar, ao que responderam que sim. Comecei a fazer contagem e o resultado final foi 11 para o a equipe da E-Manoela a 10 para a equipe de Allan, acentuei minha fala dizendo:

- No jogo de hoooje, o time vencedor foi o da E-Manoela.

Passei para a contagem dos pontos entre o jogo dos times de Munlock e Marcos, retomei um lance do jogo onde Munlock havia andado, os outros integrantes do outro time sinalizaram a jogada irregular, no entanto Munlock não devolveu o disco

para a equipe adversária e prosseguiu jogando. Brena e Marcos explicaram o ocorrido, Munlock não disse nada. Perguntei se aquele time tinha respeitado as regras.

- A de anda não. Disse Marcos. E continuou:
- A de toca para quatro pessoas a primeira vez não.
- A primeira vez nós não conseguimos toca. Completou Munlock.

Ao que segui:

- Então o time de Munlock vai merecer o ponto de respeito?

Brena disse:

- Mais ou menos.

Perguntei se haviam respeitado as pessoas do mesmo time, disseram que sim; perguntei se haviam respeitado as pessoas do outro time. Marcos disse que não.

- Ah Marcos, nem vem. Disse Munlock.
- Eu falei que você andou, você fechou a cara, catou o disco.

Argumentou Marcos.

A discussão inflamou com outras pessoas, de ambos os times, que entraram na discussão. Após alguns instantes eu perguntei novamente se tinham respeitado as regras, muitas pessoas, inclusive do time de Munlock disseram que não. Concluí que não receberiam os pontos nesse Pilar e segui questionando se o time de Marcos havia respeitado as regras.

- Algumas sim. Munlock falou prontamente.
- Qual não? Perguntou Marcos.

Pedi para dar um exemplo de uma regra que não haviam respeitado.

- Da na mão. Falou Munlock referindo-se a passar o disco de mão em mão, sem terrem lançado. Nós havíamos decidido que não poderiam passar o disco de mão em mão, pois assim ficaria difícil do disco cair no chão, ou haver uma interceptação de passe.

- Deu na mão de quem? Perguntou Marcos.

Goege também tentava defender seu time, porém, apesar do tamanho dele a voz saia bem baixa, sendo praticamente imperceptível.

- De vez em quando Julia passou para Amanda e passou para a Laura. Disse Munlock.

- É mentira, é mentira, deixa de contar mentira. Agora era possível ouvir Goege indignado falando.

As meninas contaram sobre as vezes que deixaram cair o disco e pegaram para passar para uma pessoa do outro time. Brena disse que não tinha espaço para fazer os passes, Marcos também lembrou das vezes que Gabriele não deixava o devido espaço para que ele pudesse fazer o lançamento do disco. Essa também foi uma regra que estabelecemos antes, além da regra de não existir o contato físico.

Munlock me chamou dizendo:

- O professor, ... no respeito a regra o time do Marcos não teve.

Eu deixava a conversa correr para ver como eles definiriam a pontuação desse Pilar para o time de Marcos. O time de Munlock procurava encontrar alguma brecha para não deixar que o time de Marcos pontuasse nesse quesito.

Ficamos mais algum tempo na discussão entre os dois times sem que houvesse consenso, notei que algumas crianças saíam para o intervalo. Comecei a finalizar a roda informando que tentaria fazer um confronto entre os mesmos times na próxima aula. Eu queria expor minha opinião e colocar os pontos para o time de Marcos, mas consegui me segurar e dizer que o placar desse jogo havia ficado indefinido. E que eles poderiam subir para o intervalo.

- Agora eu lembrei, disse El gato, a Laura deu o disco para Julia, mas foi quando o disco caiu no chão. E Munlock insistia:

- Mas ela deu.

- Mas ela deu para começar a jogar, retrucou Marcos e Munlock insistia.

- Mas ela deu uma hora também!

Os alunos iam subindo e conversando sobre os lances do jogo. Jack contava para Allan sobre um em especial que ele tinha vivenciado quando salvara um disco de cair no chão.

Como eu já havia apontado antes, Munlock é competitivo, até aí me parece que está tudo bem, o problema surge quanto a competitividade e desejo por ganhar ocorre a qualquer custo, desrespeitando as regras, procurando brechas, não aceitando o erro ou a derrota.

Diário X

13/08/2019

Participantes:

Jack, Mateus, Brena, Sabrina, Chocolate, Ágata, G.N.T., E-Manoela, Davi, Vick, El Gato, Munlock, Marcos, Rafa, Gabriele, Goege Lima, Allan, Priscilla, Jack(2).

Atividades:

- Retomada da explicação dos esportes de Invasão;
- Retomada da explicação da metodologia *Callejera* nos 3 tempos;
- Aplicação da metodologia *Callejera* em seus 3 tempos;
- Vivência do Ultimate Frisbee.

Mas ele é bom.

Estava uma manhã ensolarada muito agradável, como fui mais cedo, pois teria um compromisso nessa manhã e não queria ficar sem fazer a intervenção nesse dia, peguei as crianças na fila que fazem no pátio antes de subir para a sala e fomos para a quadra.

Eu estava com uma camiseta do Golden State Warriors, um time de basquete americano. Após ver a camiseta, Munlock perguntou se eu gostava do Curry. Curry é o sobrenome de um jogador estrela do time. Demorei para responder, pois pensava em uma maneira de falar que não gostava do jogador por conta de achar que não possui um comportamento educado frente aos jogadores dos outros times.

Após responder que não gostava, ouvi de Munlock:

- Porquê professor?

Fabio: - Acho que ele é muito estrelinha, acho que isso não é legal.

Munlock: - Mas ele ééé booooo!!!!!!

- Sim, mas eu não concordo com algumas atitudes dele enquanto pessoa, enquanto jogador. Respondi.

- Quem é professor? Perguntou El gato.

- Um jogador de basquete norte americano. Respondi.

Estávamos na quadra e os alunos sentaram-se no círculo de linha preta, outros alunos sentaram-se na linha laranja. Jack(2) sentou-se bem ao meio dizendo

que uns gostavam da linha preta, outros da laranja, mas que ele gostava da roda. Ele fazia referência ao centro onde havia sentado.

Retomei as regras dizendo que era um jogo de Invasão, falei os nomes de outros esportes que também são de invasão. E que eles/as deveriam observar o posicionamento dos jogadores/as de seus times e do time adversário para tomar suas ações, que na Educação Física e nos jogos os/as pessoas que pensam antes de jogar possuem mais vantagem do que aqueles que jogam sem pensar e que refletir antes de fazer, nos esportes é mais difícil do que em Matemática, pois os problemas não mudam, mas os jogos são dinâmicos, os jogadores pensam em fazer uma coisa, possuem uma estratégia de ataque ou defesa, porém depende da resposta do outro time, e aí nós temos que adaptar rapidamente as situações. Relembrei sobre como nossas aulas estão estruturadas nos 3 tempos.

Hoje estava presente um aluno que falta bastante, Davi, portanto resolvi, achei importante colocar como estávamos fazendo as aulas nos seus 3 tempos.

Fui agrupando as crianças lendo os nomes na minha agenda conforme os times que elas pertenciam. Nesse momento chamei Jack de Jacó e toda gente deu risada; pedi desculpas corrigindo o nome e falando que eu estava no caminho inverso da americanização de nossos nomes e eu havia abrigado o nome dele sem querer.

Fui retomando as regras básicas do jogo para que Davi compreendesse minimamente e participasse da atividade, tendo em vista que ele ainda não havia jogado nenhuma vez. Ele ouvia atento e fazia perguntas sobre alguns casos como: se ele tocasse no disco e ele caísse no chão o que iria acontecer; se ele poderia andar quando estivesse sem o equipamento. Na sequência propus iniciarmos o 1º tempo, ou seja, o estabelecimento das regras do nosso jogo.

Comecei falando da regra que Bruce havia proposto na aula passada, que era: "Pedi para parar parou!" Perguntei o que achavam dessa regra, disseram que deveria manter. Questionei sobre alguma alteração nela, e disseram que não. Portanto ficou mantida como anteriormente.

Lembrei da regra sobre passar para 4 pessoas antes de fazer o ponto e indaguei sobre a manutenção dela, se deveria ser mantida ou alterada. Todos/as concordaram na manutenção.

Percebo agora que escrevo que vou dando os encaminhamentos muito rápido nesse 1º tempo, acho que deveria ter colocado outras questões que estimulassem as crianças a pensar e falar mais.

Perguntei da questão de andar com disco na mão, pois várias pessoas haviam andado de posse do disco. Como as crianças permaneceram em silêncio, chamei Rafa e para ilustrar e demonstrar sobre a explicação do pé de apoio.

As crianças definiram que poderiam dar 1 passo argumentando que era difícil parar de correr instantaneamente.

Retomava os Pilares e suas pontuações quando Davi questionou a respeito de algum time não contemplar nenhum dos Pilares o que aconteceria, respondi que não pontuaria naquele quesito e isso implicaria em falta de pontuação no placar final do jogo.

Arranjei os times na quadra ficando dois times com 5 pessoas cada e os outros dois com 4 pessoas, Davi veio me perguntar para que lado ele atacaria, apontei para o lado correspondente e pedi que pisassem na linha branca da quadra vôlei para fazer uma corrida e pegar o disco, isso definiria qual time começaria dando início a partida. E definindo quem daria início ao jogo poderiam começar.

O jogo estava bem animado, em várias aulas, ou melhor, em vários momentos que observo as atividades que os alunos fazem, noto que mesmo descumprindo várias regras, eles/as se divertem bastante. Agora, sei que o intuito da Educação Física Escolar não é a diversão, mas por outro lado, qual é a necessidade de incorporar regras? Por quê, eu pelo menos, sinto que devo ensinar a maneira “correta” do jogo? Sendo que as discussões geradas à partir da vivência também pode ser esclarecedora?

Munlock, competitivo como sempre, orientou seu time no jogo. De um lado os jogadores/as contavam em quantas pessoas havia passado o disco e se valeria o ponto, como decidiram sobre a validade do ponto; em vários momentos alguém vinha até mim informar sobre a marcação de um ponto.

Gabiela teve uma dúvida e veio até mim:

- Quando um time faz ponto tem que colocar no meio para voltar não tem? Referindo-se ao disco para reiniciar a partida.

Fabio: - Sim, aí o disco é do outro time.

Outras pessoas vieram e falaram ao mesmo tempo que eu conversava com Gabiela, sendo assim não entendi. Pedi para que resolvessem e contassem o

ocorrido no 3º tempo. El Gato veio reclamar de um ponto que seu time deveria receber visto que Goege havia passado o disco para Jack(2) que estava na zona de pontuação não tendo passado pelas outras 3 pessoas antes. Eu disse para El Gato que não tínhamos definido isso nos acordos do 1º tempo, essa tinha sido uma regra utilizada em um jogo passado.

Eles/as ainda ficaram discutindo algum tempo sobre a validade do ponto. Passando mais alguns minutos de jogo eu pedi que formassem o “circulooooooô”, sentando no meio da quadra, já era hora de fazermos o 3º tempo.

Comecei a mediação verificando o placar do jogo; rapidamente Goege respondeu:

- 1 a 2.

Indignados/as os/as integrantes do outro time disseram que fizeram um ponto que não deveria valer pois não haviam passado o disco para as 4 pessoas antes de finalizarem a jogada. Iniciou-se uma discussão sem ordem, com uns atropelando as falas dos outros, esperei até que eles/as parassem e falei que não tínhamos previsto a questão do ponto, de qual time seria quando o disco não fosse passado pelos 4 integrantes, continuei dizendo que os dois times tinham 1 ponto do placar do jogo.

Perguntei ao time de Gabriela se houve Cooperação, esperei alguns instantes e como não disseram nada, comecei a interrogar algumas crianças perguntando se haviam recebido o disco. Consentiram com movimentos afirmativos da cabeça; perguntei quanto a participação se haviam gostado do tanto que participaram e se sentiram incluídos.

Sabrina achou que foi mais legal que nos outros dias, pois ela havia recebido bastante, dizendo que teve muita Cooperação no time. Falei que observei que G.N.T. havia participado ativamente, parabenizando-a quanto a um lance no qual ela pegou um lançamento longo e comemorou a recepção.

G.N.T. é uma menina muito quieta, tímida, foram pouquíssimas vezes que há vi falando, verbaliza algumas coisas com Vick, a qual anda junto.

Ambos os times obtiveram pontos no quesito cooperação. Iniciei a discussão sobre Solidariedade perguntando se houveram situações em que ficavam claros os atos de Solidariedade, como ficaram em silêncio novamente, perguntei se alguém havia caído, ao que apontaram Marcos.

Perguntei para Marcos se alguém o tinha ajudado, como ele respondeu que não, argumentaram que ele tinha se levantado muito rápido não havendo tempo para oferecer ajuda.

Me dirigi com os mesmos questionamentos para os outros dois times, que também não identificaram nenhuma ocorrência. Falei que ambos os times tivessem os pontos de solidariedade.

Agora que retomo as observações da aula na construção desse diário, penso que nenhum dos times devessem receber os pontos desse Pilar, tendo em vista que não existiu nenhuma ocorrência, ou melhor, os participantes não identificaram atitudes solidárias durante a partida.

Fomos para a discussão do Pilar respeito, também houve silêncio, fui colocando perguntas com o objetivo de iniciar a fala de algum(a) participante. Algumas delas foram:

- Alguém ficou bravo com alguém?
- Quando alguém deixou o disco cair, os outros do time ficaram bravos?
- Respeitaram as pessoas do outro time?

Perguntei para Jack sobre um lance no jogo onde ele não havia dado espaço para outra pessoa lançar o disco e quando foi questionado no jogo, ele disse que valia aquele tipo de marcação.

Relembrou de uma ocasião em que duas pessoas pegaram o disco simultaneamente e a pessoa do time da defesa soltou o disco deixando-o com o jogador do ataque.

Percebo que a participação dos meninos no jogo é bem maior do que a das meninas, eles recebem mais, chamam mais e colocam mais suas ideias em relação as meninas. Apesar de ter notado uma participação maior e mais efetiva das meninas acho que ainda temos que percorrer um caminho bem longo até que as condições de igualdade transcendam o discurso e sejam verificadas nas relações interpessoais.

Me virei para os outros dois times para questioná-los sobre as atitudes de respeito, ao que se mantiveram em silêncio, porém eu trouxe dois casos para a discussão.

No primeiro caso lembrado, Allan havia gritado com Inemafoo por conta de um lance errado, porém Inemafoo interveio na mediação dizendo que havia sido uma brincadeira, (isso não é um tipo de violência?), eu questionei sobre esse tipo de

“brincadeira”, pois para mim, enquanto observador do jogo, parecia falta de respeito com o parceiro da equipe.

Em outra ocasião de jogo, que relatei nesse momento de mediação foi quando Allan tirava sarro do time oposto no momento em que protagonizou um ataque de sucesso. Lembrando-se desse ocorrido, uma jogadora do time adversário, E-Manoela, reproduziu a fala de Allan.

- É, ele falou, toooooooma, toooooooma.

E Priscilla sentindo-se encorajada complementou:

- É e depois ele falou, chupa que é de uva!

Perguntei para Allan o que ele achava daquele comportamento que ele apresentou durante o jogo; como ele havia ficado quieto eu coloquei outras questões como:

- Foi a ansiedade em jogar?

- Foram emoções disparadas pelo “calor” do jogo?

No entanto ele não comentou nada. Perguntei para outros(as) integrantes do mesmo time sobre como tinha sido o jogo. Meu intuito era problematizar a discussão sobre o Pilar respeito e deixar que eles(as) resolvessem os conflitos. Como eles(as) se mantiveram quietos eu acabei falando que achava que esse time não merecia os pontos do respeito, e lancei a questão para eles perguntando sobre o que eles(as) achavam.

Inemafoo e El Gato começaram a contar de outros lances durante o jogo em que Jack(2) havia dito palavrões. Após essas falas eu disse para eles que poderiam contar as ocorrências do jogo para mim não para eu apitar, decidir de quem seria a falta, mas para que nós levássemos para a discussão depois, tendo em vista que enquanto Mediador eu não era um juiz, na metodologia *callejera* não tem juiz, mas que eu ajudaria na discussão sobre as ocorrências do jogo e na contagem dos pontos, finalizei falando que aquele time não receberia os pontos de respeito. O placar final tinha sido 7x4 para o time de Gabriela contra de Allan.

Passando para a contagem dos pontos do outro lado, o time de Davi havia vencido por 1 ponto o time de Munlock; sobre o Pilar Respeito, todos disseram ter havido dentro do time, porém Munlock disse que Rafa havia tratado mal Priscilla falando rispidamente com ela; Rafa falava que não e Munlock insistia dizer que sim (Munlock é do time que jogou contra o time de Rafa).

Após algum tempo de acusações entre os dois, perguntei para Priscilla sobre o que havia ocorrido, ao que ela fez um gesto com a cabeça, o qual interpretei como sendo um estranhamento e desconhecimento daquilo que Munlock descrevia.

Voltei para o time de Munlock e perguntei se houve respeito entre os participantes daquela equipe; não disseram nada, então perguntei se o outro time havia respeitado eles(as) e vice-versa. Perguntei se os times mereciam os pontos do respeito.

Munlock relatou um caso onde Rafa havia lançado o disco em Gabriele, pois ela estava muito perto dele, não deixando espaço para a realização do passe, nesse momento eles(as) também lembraram sobre a realização do número de passes executados para validar o ponto.

Perguntei o quê havia ocorrido naquele momento do jogo, Davi disse que havia entendido que deveria passar a “bola” para o time de Munlock.

E aí ficou acordado que os times teriam os pontos por respeito. Começamos a falar sobre Solidariedade, questionei-os sobre esse Pilar, se alguém queria falar alguma coisa, e alguém identificava algum lance do jogo que caracterizava a Solidariedade, acordaram que seriam 3 pontos para ambos os times. Perguntei sobre Cooperação.

Davi 10 a 9 contra o time de Munlock.

Diário XI

22/08/2019

Participantes:

Julia, Mateus, Brena, Leo, Chocolate, Bruce, Ágata, Davi, Manuela, G.N.T., Amanda, Inemafoo, Sabrina, Nick, Marcos, Rafa, Gabriele, Thomas, Lara, Priscilla, Jack(2).

Atividades:

- Recolher TCLE;
- Início das vivências de Rugby Touch;
- Manuseio das bolas.

Quando estava a caminho da classe encontrei umas meninas da turma fazendo escovação no pátio da escola, cumprimentei-as e segui para a sala de aula, logo que adentrei a sala as crianças comemoraram, notei que havia algumas meninas.

Cumprimentei as crianças e a professora, perguntei sobre a escovação, ao que fui informado pela professora que as meninas estavam terminando e que ela havia conversado com a agente de saúde solicitando que os meninos fizessem o procedimento após o intervalo.

Nesse projeto de saúde bucal os(as) alunos(as) são acompanhados e orientados semanalmente quanto a escovar os dentes.

Ao pegar minha caderneta para realizar a chamada fui auxiliado pela professora que se dispôs a informar as crianças que haviam faltado, tendo em vista que algumas estavam fora da classe escovando os dentes, e assim não poderiam responder a chamada. Ela me passou os números das pessoas ausentes, os quais anotei no campo adequado do Diário de classe.

Voltei-me para os alunos e perguntei sobre os TCLE's que alguns ficaram de trazer. A agente de saúde chegou na classe e chamou os alunos, ouvi alguns aaaaaa's!!! Evidenciando o descontentamento por parte dos meninos em perderem uma parte do tempo de aula fazendo a escovação.

Perguntei para a agente quanto tempo demoraria, pois a professora havia me falado que tinha conversado com a agente e que os meninos fariam a escovação após o intervalo. Ela disse que seria rápido, mais ou menos 5 minutos, que eles só iriam escovar os dentes. As meninas falaram que demoraria.

A professora veio me falar que ela não poderia pegar os meninos após o intervalo, que outro dia eles ficaram sem fazer, que a agente pegaria outra classe, que iria embora, acabei não entendendo as justificativas. Enfim, orientei os meninos que saíram para escovar os dentes para que assim que terminassem fossem para a quadra, aqueles(as) que ficaram na classe, pedi que pegassem seus pertences pois emendaríamos o intervalo após a aula.

Como eu havia levado 3 bolas de Rugby e 1 de Futebol Americano, várias crianças vieram pedir para levar as bolas, eu distribuí uma para cada e pedi para que me ajudassem a formar o círculo assim que chegassem na quadra.

As crianças formaram as filas logo a minha frente e fomos descendo para a quadra. Chocolate levava uma bola e estava andando ao meu lado perguntou se esse jogo novo que faríamos era parecido com o Frisbee, ao que respondi que era bem parecido, haviam poucas novidades.

Ao chegarmos na quadra fomos formando um círculo junto a marcação circular no meio da quadra, apontei para as bolas de Rugby e de Futebol Americano que estavam nas mãos dos alunos e perguntei sobre as diferenças que enxergavam nas bolas; eles(as) falaram da cor, que a de Futebol Americano é marrom e as de Rugby eram brancas; falaram da costura que tinha da bola de Futebol Americano e alguns poucos ousaram falar que a bola de Futebol Americano parecia ser mais pontuda.

Eu expliquei que a costura na bola de Futebol Americano servia para auxiliar na produção do giro da bola após o lançamento e que as bolas de Rugby eram mais ovais, menos pontudas para auxiliar no passe e recepção.

Continuei a conversa retomando algumas regras do Frisbee e colocando as regras do Rugby, lembrando que continuaríamos com os esportes de invasão, que para fazer o ponto era semelhante ao Frisbee, deveríamos passar a linha de fundo com a posse de bola.

Como alguns alunos(as) estavam curiosos em pegar as bolas, achei melhor interromper a explicação e manipular as bolas, pedi para que começássemos a passá-las.

El Gato me observou e me falou que não dava para bater “balãozinho” (embaixadinhas) com essa bola, ao que acrescentei que também não dava para ficar quicando ela no chão.

À medida que as crianças iam realizando os passes elas também iam tecendo os comentários sobre as impressões que tinham após pegarem as bolas.

Brincávamos que as bolas de Rugby eram ovos de Páscoa e a de Futebol Americano era um quibe e, portanto, deveríamos evitar que caísse no chão. Após alguns passes, pedi que ocupássemos as linhas que compunham a marcação da quadra de Vôlei.

Retomamos os passes e agora as bolas começaram a cair no chão, quando isso ocorria surgiam as falas:

- Ah, sujou o quibe!!

- Ah, quebrou o ovo professor!!

Transcorrido mais algum tempo de prática dos passes, paramos e eu organizei os alunos(as) de modo que ficassem ainda mais longe uns/umas dos(as) outros(as). Voltamos a realizar os passes. Após mais alguns momentos de prática pedi para que tentassem executar os passes mais rapidamente.

- É tipo um pega-pega, não é professor? Disse El Gato.

Visto que eu falava para que olhassem a outra bola que estava chegando nas mãos após terem passado uma bola.

As bolas ainda caíam bastante, muitas crianças não esperavam para receber a bola, ficavam observando outros passes e quando a bola chegava até ela acabava caindo, eu pedia para que se atentassem para o lado que receberiam a bola e que deveriam observar a pessoa que passaria para ver se ela estava atenta ou se era necessário chamá-la.

Continuávamos realizando os passes. E-Manoela me perguntou se faríamos um esporte que bate com as duas mãos na bola, ela disse que era da seleção brasileira e que tinha visto na TV, mas não sabia o nome. Acho que era Vôlei, perguntei para ela se não havíamos feito algo parecido no início do ano, pois trabalhei com esportes de rede e parede por volta dos meses de fevereiro e março, mas ela não soube me responder.

Fiz uma parada para que fossem beber água e na volta dispus as crianças sentadas no chão formando duas colunas uma de frente para a outra no sentido do comprimento da quadra. Comecei a explicar sobre o local onde os/as jogadores/as fariam o “try”. Mostrei qual seria o nosso meio da quadra e que só poderíamos passar a bola para os lados ou para trás, que quando a bola fosse passada para frente ela deveria mudar de time, pois isso seria uma falta.

Ao mesmo tempo que explicava eu exemplificava as falas com outras crianças.

Perguntei aos(as) alunos(as) se alguém queria alterar alguma regra. El Gato me perguntou quando jogaríamos, eu disse que jogaríamos agora. Como ninguém tinha ideias de mudar ou acrescentar nenhuma regra e os alunos(as) estavam ansiosos por jogar eu decidira colocá-los para jogar e observá-los para em outro dia contribuir na sugestão de regras.

Separei os quatro times, colocando dois em cada metade da quadra, pedi que decidissem qual time daria saída no jogo e que começassem a jogar.

Assim que começaram Marcos veio me perguntar o que acontecia se fossem pegos perto da linha de fundo. Pedi para os times pararem o jogo e fomos retomar a questão que Marcos tinha feito, E-Manoela falou que era ponto pois estava perto da linha do “try”. Aproveitei o momento para perguntar sobre um caso que havia ocorrido com El Gato, ele estava correndo com a bola e tinha sido pego, porém não sabia o que deveria fazer, perguntei para os outros o que deveríamos fazer naquele caso.

Bruce respondeu falando que ele deveria passar a bola para alguém do time dele que estivesse a 3 passos atrás da bola, ao que E-Manoela falou 2 passos.

Continuei retomando sobre um ocorrido com Chocolate pedindo para que ele explicasse o que havia ocorrido. Ele havia explicado que a bola havia saído então ele pegou-a e saiu correndo, expliquei que nesse caso deveriam cobrar o lateral e sempre que retomássemos o jogo deveríamos passar a bola para outrem.

Notei umas crianças saindo para o intervalo e fui finalizando dizendo que no próximo dia de aula retomariamos a vivência com interrupções minhas no jogo para explicar as regras, tendo em vista que o jogo não ocorria por dúvidas sobre o que fazer.

Diário XII

29/08/2019

Participantes:

Julia, Mateus, Brena, Leo, Chocolate, Bruce, Ágata, Manuela, G.N.T., Amanda, Inemafoo, Goege Lima, Nick, Marcos, Rafa, Gabriele, Thomas, Lara, Priscilla, Jack(2), Jack, E-Manoela, Vick, El Gato, Jادلisom, Munlock, Laura, Nick, Gabiela, Allan.

Atividades:

- Recolher os TCLE's;
- Vivência em Rugby touch;
- Aplicação da metodologia Callejera em seus 3 tempos.

Cheguei na escola mais cedo para pegar o material da aula, quando estava na sala dos professores para pegar a caderneta encontrei o outro professor de Educação Física e perguntei se ele usaria a quadra ou se eu poderia usá-la o tempo todo. Lembrei de perguntar a ele sobre uns meninos que jogam Basquete, pois escreveríamos um time nos jogos escolares municipais, portanto eu queria mais informações sobre os garotos, tendo em vista que poderia ser eu que os acompanharia aos jogos.

Nossa escola possui quatro professores de Ed. Física; dois dariam conta de dar aulas para todas as turmas, porém como temos diferentes composições de jornadas de trabalho as classes são distribuídas entre nós quatro.

Um professor possui a grande maioria das turmas que frequentam as aulas no período da manhã, enquanto que eu tenho uma classe da manhã, outras a tarde juntamente com as turmas de treinamento de Futsal feminino e Tênis de mesa misto; a outra professora possui duas salas da manhã e completa sua carga a tarde; e o outro professor possui turmas a tarde e as turmas de treinamento de Futsal e Xadrez masculino.

Apesar de não existir uma turma de treinamento em Basquete, podemos formar as equipes para participar dos jogos.

Fui até a classe, chegando bati à porta, ao abrir cumprimentei toda gente, os/as alunos/as foram me cumprimentando em tempos diferentes pois executavam a tarefa proposta pela professora polivalente.

Cobrei 4 alunos/as que não haviam entregado o TCLE assinado, El Gato me trouxe novamente achando que ainda não havia entregue, no entanto, eu disse que aquele era dele, visto que ele já havia entregado. Dos quatro alunos cobrados, um trouxe, um esqueceu e dois faltaram na aula de hoje.

Mateus veio me entregar uma autorização sobre um passeio que fariam no dia seguinte, confundindo o documento com um bilhete sobre esse passeio.

Fiz a chamada e pedi para pegarem o lanche e dinheiro, formarem a fila descermos. A temperatura estava bem agradável do meu ponto de vista, mas E-Manoela, enquanto vinha para a fila me perguntou se eu não estava com frio. Penso que algumas crianças sentem frio na sala de aula visto que ficam parados.

Fomos rumo a quadra e ao chegarmos pedi que se sentassem na linha amarela ao invés de utilizar o círculo como de costume, separei os/as alunos/as da classe em dois times, juntando dois, dos quatro times que formamos anteriormente para executar as vivências.

- Ouu tá maior apelão eim? Falou El gato após observar os integrantes do outro time.

- Você acha? Se ficar forte depois eu troco. Eu disse após ouvir o comentário de El gato.

Organizei os dois times no sentido da largura da quadra, portanto o try seria feito após passarem a linha lateral, expliquei novamente onde seria considerado frente e trás, sobre a linha de impedimento formada pela bola.

Reforcei a questão de que não perderiam a posse de bola se fossem tocados e, portanto, não precisariam se desesperarem quando alguém do time adversário viessem em sua direção quando estivessem com a bola.

Chamei uma pessoa de um time e pedi que desse início a partida. Munlock recebeu a bola, correu e foi tocado, parei o jogo para posicionar as crianças dois passos atrás da linha bola.

Como a bola estava na mão de outra pessoa, pedi que devolvessem a bola para Munlock e falei para que retomassem o jogo dando a saída. Ao iniciar o jogo a bola caiu no chão e rolou, informei que a bola era do outro time e que a saída da bola deveria ser feita da posição onde a pessoa que lançou a bola antes de cair no chão estava. Novamente arrumei as crianças dois passos atrás da linha da bola.

Pedi para dar a saída, logo o jogo parou novamente, falei para darem os dois passos para trás, pedi para Marcos, que estava com a posse da bola, que a

lançasse para retomar o jogo. Nesse momento eu já deixava o jogo transcorrer com menos interferências minhas, observando como as crianças resolviam os ocorridos.

Achei necessário intervir quando Goege auxiliava na formação das linhas de defesa, porém se equivocava quanto ao posicionamento de El gato, chamando-o para viesse ao seu lado, porém El gato estava jogando em outro time e o posicionamento dele era correto.

Aproveitei esse momento e lancei para o grupo a questão do posicionamento deles/as que estavam bem perto uns dos/as outros/as. E pedi para que ocupassem os espaços vazios da quadra.

Percebo que tenho muita ansiedade e muitas vezes respondo as perguntas que coloco, não dando o tempo necessário para que os/as aluno/as pensem, experimentem, elaborem e troquem ideias sobre suas hipóteses.

Decorridos mais algum tempo de jogo, eu parei a vivência pois identifiquei, devido a maneira que o jogo fluía que seria possível realizar dois jogos ao mesmo tempo, separando os jogadores/as em 4 times, e perguntei para eles/as se concordavam comigo.

Como a resposta foi sim, segui perguntando se eles/as sabiam de qual time eram e pedi que juntassem de acordo com seus times de origem.

E-Manoela auxiliava chamando os membros de seu time para junto dela e identificava quem não era de sua equipe, Nick ouvia e também ajudava.

Quando eles/as pararam de trocar de posição eu comecei a contar para verificar quantos integrantes cada time possuía, verifiquei que havia um time com 8, dois times com 7 e um time com seis integrantes.

Coloquei o time com 8 pessoas juntamente com outro time de 7 pessoas em um lado da quadra, do outro lado coloquei um time com 7 e outro com 6 pessoas, expliquei que se todos/as jogadores/as ajudassem ocupando a quadra um jogador não faria diferença, perguntei se eles/as concordavam, ao que disseram sim.

Ainda antes de iniciar a partida perguntei se alguém queria sugerir uma regra, alterar ou tirar alguma regra. Como ninguém falou nada eu disse que queria sugerir uma regra que era:

- Se menina fizer ponto ...

Tanto meninos quanto meninas interromperam minha fala dizendo:

- 2 pontos (falaram os meninos);

- 3 pontos (falaram as meninas);

- Nãããã dois é pouco. Eu disse.

Várias meninas me chamavam e pediam para que seus pontos valessem

3.

Perguntei para todos(as) por quê os pontos das meninas deveriam valer mais. Muitos(as) falavam ao mesmo tempo, e a fala de Goege me chamou a atenção:

- As meninas ficam fazendo unha.

- As meninas também jogam Vôlei, jogam Futebol. Retrucou Brena.

- Meninas também praticam esportes. Sabrina falou juntamente com Brena.

Coloquei a questão sobre o número de meninas que praticam, por quê o número de meninas praticantes de esporte é menor que o de meninos?

Ela gosta de pular corda! Disse Bruce.

Como muitos falavam ao mesmo tempo não consegui identificar quem falou, mas um menino justificou que elas não gostavam. Pedi que falassem cada um de uma vez para que pudéssemos entender.

- As meninas são delicadas, os homens são cabra-macho. Disse Jack(2).

Após essa declaração ouve aquele falatório geral novamente.

Bruce me chamou para falar e eu pedi que esperasse as pessoas pararem, pois não conseguia ouvi-lo.

Após algum tempo, quando as crianças pararam de falar Bruce iniciou::

- Na minha opinião as meninas são mais delicadas que os meninos.

E o falatório geral iniciou-se novamente, sem que as pessoas pudessem entender umas as outras sobre o que falavam. Passei um tempo pedindo para que parassem de falar todos ao mesmo tempo.

E-Manoela continuava a falar mas não era possível ouvi-la, pedi para ela esperar as pessoas pararem a discussão para que ela continuasse a explicação.

Quando pararam pedi para E-Manoela retomar a fala dela.

- Tem menina que gosta, tem menina que não gosta.

- E será que com os meninos é assim também E-Manoela? Perguntei.

Vários meninos verbalizaram que sim, e E-Manoela prosseguiu:

- Tem menino que também gosta de pular corda.

Goege disse que as meninas gostavam de passar batom, passar maquiagem.

Ágata falou logo na sequência:

- Eu não gosto!!!

Outras meninas se manifestaram sobre a utilização de maquiagem dizendo que gostavam mais ou menos, ou às vezes, outras ainda disseram que usavam só em ocasiões especiais, como em festas por exemplo.

Gabiela disse que os meninos a chamavam de Maria-macho. Penso que isso deve ocorrer pois ela corre atrás e dá tapas nos meninos que mexem com ela em outros momentos.

Ressalto que ela não apresenta nenhum traço masculinizado.

Goege contou que possui uma prima um ano mais velha e mais alta que ele que bate forte, segundo as palavras dele “o arrebenta”.

- Então ela é grande e forte! Exclamei e continuei:

- Se nós estamos jogando bola e eu trombo com a Gabiela e ela continua jogando, ela não é forte?

As meninas chutam a canela, disseram alguns meninos.

Nick levantou a mão para falar:

- Minha prima também joga futebol e têm vez quando jogamos lá na pracinha ela quebra a minha canela.

Após essa fala eu tentei retomar o pensamento que queria desenvolver anteriormente:

- Então voltando naquela hora em que alguém falou que as meninas são mais fracas ...

Brena me interrompeu indignada:

- Noooossa quem falou isso?

- Eu não lembro quem falou, é não foi bem isso, alguém falou que as meninas são mais delicadas. Eu tentava corrigir minha fala.

- Foi o Bruce. Lembrou Inemafoo.

- A foi o Bruce. Falei.

- Mulher é um bicho vingativo. Disse Vick.

- Mulher é um bicho vingativo? Por quê você acha isso? Perguntei.

- Eu vi um ator falando na novela, foi quando a mulher pegou pesado, aí ele falou: “Mulher é um bicho vingativo!”. Disse Vick.

Ao que perguntei:

- E o que você acha disso?

Vick respondeu:

- Eu acho que está certo!

E-Manoela emendou na fala de Vick:

- Eu já quebrei a canela do meu irmão!

E Bruce seguiu nas falas:

- Na minha opinião as meninas são mais delicadas, porque os meninos tem mais resistência para jogar esses jogos brutos, elas já são mais delicadas.

Interrompi questionando:

- Todas? Dá para generalizar?

E Bruce respondeu:

- Não, nem todas!

E ilustrando a fala continuou:

- Tem umas que vem assim ó e batem de frente com os homens, já tem outras que são mais delicadas.

E segui dando rendimento as falas que surgiam nesse sentido de levar as crianças a pensarem nessa visão machista que está incorporada e portanto reproduzida sem qualquer reflexão:

- Do mesmo jeito que pode acontecer com os meninos, ou não?

Bruce continuou:

- Igual eu, eu sou a prova viva, não gosto de jogar futebol, prefiro pular corda, tem algum problema?

Bruce foi incisivo ao fazer a pergunta final da sua fala. Eu respondi.

- Não tem problema nenhum, qual é o problema? Não é verdade? Do mesmo jeito que pode ter menina que joga bola, e tem algum problema? A menina mudou?

As crianças responderam em conjunto:

- Nãããã!

Prosegui minha fala questionando:

- Ela não é mais menina?

- Nãããõ! Responderam novamente.

- Não, não tem problema nenhum! Finalizei.

Notei que Priscilla queria falar, pedi que ela falasse, porém ela disse que não queria mais. Insisti perguntando se nós já havíamos falado o que ela iria falar.

E ela acabou dizendo que E-Manoela pediu que ela não falasse, então E-Manoela começou a falar meio sem jeito:

Eu falei para ela que ao invés de eu destruir na bola eu destruo no saco, com sapo, aaaah, no tapa!

Após a fala ela sorriu timidamente. Gabriele emendou a fala:

- Agente é vingativa porque metade dos meninos fica irritando agente!

Eles(as) se defendiam discutindo, onde os meninos diziam que era mentira e as meninas diziam que era verdade. Como eu vira alunos de outra classe saindo eu dissera que havia terminado a aula e eles(as) poderiam ir para o intervalo.

Leo e El Gato vieram até mim contar que um dia ele e Ela Gato tinham ido até Brena, Gabriele e Gabiela e disseram:

- I aí Gabriele e Gabiela?

E as meninas saíram dando tapas neles.

Seguimos andando e El Gato contando:

- Esses dias, professor, eu estava parado olhando para a fila e do nada a Gabiela e a Gabriele me deu um puta tapa.

- Ô loco, e você não perguntou por quê elas te bateram?

- Eu não, eu saí correndo! Disse El gato.

E seguíamos caminhando rumo a entrada no prédio acompanhados por Allan que falava sobre o tempo e como havia esquentado a temperatura.

Diário XIII

03/09/2019

Participantes:

Julia, Mateus, Brena, Leo, Chocolate, Manuela, G.N.T., Amanda, Inemafoo, Nick, Marcos, Rafa, Gabriele, Thomas, Lara, Priscilla, Jack(2), Jack, E-Manoela, Vick, El Gato, Jadlisom, Munlock, Laura, Nick, Gabriela, Allan, Goege Lima.

Atividades:

- Vivência do Rugby Touch;
- Aplicação da metodologia Callejera em seus 3 tempos.

Fui um pouco mais cedo para a escola hoje, pois imaginei que precisaria passar um rodo na quadra, tendo em vista que ela estaria molhada por causa da chuva forte que teve hoje por volta das 6h30 da manhã.

Chegando na escola fui pegar um rodo e me dirigi até a quadra, fiquei surpreso, pois apesar da chuva forte a quadra não ficou tão molhada, passei o rodo desmanchando algumas poças d'água em uma lateral e em um fundo da quadra.

Finalizado o trabalho, guardei o rodo e peguei meu material para dar aula, ao caminho para a sala fui encontrando e cumprimentando alunos de outras classes. Na mesa do corredor, ao lado da classe que daria aula estava a inspetora de alunos, a qual também cumprimentei desejando um bom dia.

Bati à porta da classe, que estava fechada e dessa vez o burburinho começou antes que eu entrasse, pois os/as alunos/as já sabiam que eu estava chegando e que teriam aula de Educação Física. Ao entrar cumprimentei toda gente, a professora me chamou liberando um espaço na mesa dela para que eu pudesse usar enquanto fazia a chamada.

Allan veio me contar sobre um lugar que havia sido danificado por conta da chuva forte. Jack(2) contou que na hora da chuva já estava na van à caminho da escola, e Chocolate contou que a mãe dele tem trauma de chuva, pois quando criança tinha passado por uma experiência impactante com uma tempestade que causou muita destruição no local que ela morava.

Já estava quente, no entanto algumas crianças ainda usavam blusa de frio, como iríamos descer pedi para que olhassem pela janela e verificassem que o sol

brilhava forte, e portanto, se desejassem poderiam deixar as blusas na sala, visto que já havia esquentado.

Pedi, para formarem as filas mistas par que pudéssemos seguir até a quadra, quando cheguei do lado de fora da classe, notei que Jack(2), Nick e Goege tiravam sarro de El gato e Leo pois estavam no lado da fila considera de meninas. Allan e Jack(2) seguravam cada um uma bola, coloquei cada um na frente de uma fila; Goege rio de Jack(2), também pedi para que ele trocasse de fila.

Penso que é muito difícil esse trabalho de conscientização e desenvolvimento do respeito por outrem, ainda na aula anterior havíamos conversado bastante sobre questões de gênero e no entanto as atitudes machistas que estão enraizadas persistem.

Incomodado, Jack(2) me perguntou se eu não pediria para meninas passar para a outra fila, Allan concordou e endossando o pedido. Olhei para as filas e verifiquei que o número de meninas estava distribuído em cada fila, então pedi para que eles reparassem no que eu acabara de reparar.

Dei os parabéns para as meninas que não tiveram medo ou preconceito em entrar na fila considerada de meninos e falei que quem quisesse passar para a fila de esquerda, para equilibrar o número de pessoas em cada fila, poderia passar visto que estava mais curta, salientei que as filas eram mistas.

Jack(2) mexia com Nick que estava na outra fila, me dirigi a ele pedindo para parar que era falta de respeito e que me outros momentos ele agia assim, voltei a falar dos Pilares da metodologia *callejera* e de como seria bom viver em uma sociedade pautada por esses valores.

Enquanto eu explicava sobre a solidariedade, Leo trouxe um exemplo que ocorreu quando ele jogava bola com El gato no campinho próximo a casa deles, e Leo continuou contando que El gato estava correndo com a bola, pisou em um buraco e caiu, então ele foi até lá e além de levá-lo perguntou como ele estava, e pararam de jogar até que El gato se recuperou. El gato finalizou contando e mostrando o braço que estava arranhado após a queda.

Logo que eles terminaram a fala perguntei a El gato se ele se sentia em condições de participar da aula, que se não tivesse não tinha problemas pois o machucado era evidente, no entanto ele disse que já tinha sarado.

Enquanto seguíamos para a quadra Chocolate veio me contar que tinha nascido em um lugar na Bahia onde havia muitas árvores de cacau, e que estava

animado pois iria viajar para lá no final do ano, ele também estava curioso em saber qual tamanho estaria a árvore que havia plantado lá quando criança.

Goege também veio contar que também viajaria para a Bahia junto de seus pais para visitar parentes, contou que lá é bem legal, tinha uma lagoa, rios e mais campos de futebol do que aqui. Aproximávamos da quadra e Rafa veio me contar que Allan “zuava” o outro professor de Educação Física que ele teve, pois ele era careca, Chocolate ouviu e comentou que gostava de ficar careca, ao que concordei dizendo que também prefiro ficar careca.

Ao chegar na quadra, Allan observou galhos e folhas ao chão e comentou:

- Eu falei que tinha passado um furacão! Referindo-se a chuva forte que havia caído mais cedo.

Apesar de ter passado o rodo na quadra ela ainda estava molhada, falei para todos/as que usaríamos apenas a parte seca, pedi para formarmos o círculo ao centro para que eu pudesse separar os times, algumas crianças perguntaram se poderiam sentar e falei para olharem se não estava molhado.

Peguei minha agenda para ler os nomes das crianças que compunham os times, separar as equipes para jogar. Vários alunos haviam faltado por causa da chuva forte que caíra momentos antes da entrada na escola.

E-Manoela identificou um time bastante desfalcado e soltou o seguinte comentário:

- Só isso, só! Tem muita pouca pessoa!
- Tem muita pouca!? Falei sorrindo.
- Tem dois só, Prossegui E-Manoela.

Os/as alunos/as falaram simultaneamente sugerindo soluções para distribuir as pessoas e os times ficarem com números equivalentes de participantes.

Troquei um time com 5 integrantes de lado e formei dois times com 9 integrantes cada, utilizamos apenas uma bola e jogamos no sentido do comprimento da quadra, e largura sendo da linha preta lateral de futsal até a linha branca lateral de vôlei, e a linha de try sendo a linha branca de fundo da quadra de vôlei, falei que não utilizaríamos o restante da quadra pois estava molhada.

Perguntei se alguém tinha alguma sugestão de regra, como estavam ansiosos em jogar, alguns disseram não.

Insisti:

- Nãããão?

Brena perguntou:

- Vai ter aquela regra, se a menina passar vai valer 3 pontos?

Falei que poderia manter e perguntei para eles/as o quê eles/as achavam. Brena justificou que estava perguntando para que depois não houvesse discussão.

Continuei questionando se eles/as achavam que era importante ter essa regra, ao que disseram sim em conjunto.

Allan disse que as meninas não corriam o mesmo que os meninos. Várias meninas reclamaram fortemente e Allan logo reelaborou sua fala dizendo que as meninas corriam mais ou menos.

Identifiquei Brena dizendo sobre a importância da manutenção da regra e pedi que ela repetisse a fala. Ela disse que a regra deveria ser mantida porque os meninos preferiam passar a bola para os amigos ao invés de passar para as meninas.

Reforcei que fazia mais sentido a fala de Brena e que esse discurso de que os homens são mais fortes, mais rápidos e mais inteligentes não é verdadeiro, no entanto muitas vezes não nos é mostrado e nem são valorizadas as mulheres e suas vitórias.

E-Manoela e Gabiela concordavam dizendo é verdade, desde a fala de Brena.

Vick também reforçou o discurso de Brena dizendo que Allan que não passava a bola. E Brena retomou a fala dizendo:

- Agente fica lá igual um boboca, não boboca não, agente fica correndo pra ver se eles passam pelo menos, não eles querem passar para o amigo do lado.

Ágata foi a próxima a expor sua fala dizendo que teve a posse de bola quando ela pegou a bola e não porque algum menino passou para ela. Os meninos tentavam se defender dizendo que as meninas deixavam a bola cair, ou que ficavam conversando.

Sugeri, então que os pontos feitos pelas meninas valeriam 5, houve comemoração de algumas meninas; perguntei se gostariam de colocar mais alguma regra, esperei alguém falar alguma coisa; então perguntei se alguém queria alterar alguma regra, também não disseram nada, por fim perguntei se queriam tirar alguma regra, como ninguém falou nada pedi para darem a saída, ou seja, que iniciassem o jogo.

O jogo transcorria e como Thomas estava impedido chamei ele para explicar como funcionava a linha de impedimento feita pela bola. Eu mostrava o jogo que acontecia no intuito de que ele conseguisse entender mais facilmente essa regra.

Depois que Thomas voltou para a partida continuei a observar os lances que ocorriam, uma criança corria com a bola para trás e foi pega próxima a linha do try, questionei a toda gente sobre o que deveria acontecer considerando o local que a pessoa com a bola tinha sido pega.

El gato fez uma analogia com o futebol e disse ter parecido com um gol contra, parabenizei ele e perguntei para os/as outros/as o que achavam, todos/as concordaram e voltaram com a bola para o meio da quadra para retomar a partida.

Durante o jogo as crianças corriam e falavam bastante pedindo a bola e se ajudando. Os times estavam equilibrados e ambos faziam ponto, uma menina fez try e o time comemorou muito.

Após mais uns minutos de partida finalizei o 2º tempo e fomos iniciar o 3º tempo. Perguntei sobre o placar o jogo e se alguém tinha alguma dúvida sobre qual time havia pontuado mais, como em uma das equipes uma menina havia pontuado esse time havia vencido a partida e ia para o 3º tempo com um ponto na contagem do placar final; perguntei sobre o respeito, porém não dei o devido tempo para que eles/as pensassem e argumentassem sobre esse quesito e fui dizendo que ambos os times haviam infringido as regras.

Perguntei sobre cooperação, Chocolate falou que tentou ajudar as pessoas de seu time, do outro lado Julia falou que recebeu a bola, perguntei a ela se ela lembrava quem tinha passado a bola para ela e ela disse que tinha sido outra menina, então perguntei para as meninas daquele time se elas haviam se sentido incluídas no jogo.

Perguntei se eles/as achavam que poderíamos dar os pontos de companheirismo para os dois times e todos/as concordaram que sim. Fomos para o Pilar solidariedade, questionei se alguém lembrava de algum ocorrido que poderia ser considerado como uma situação solidária. Como não lembraram de nenhum caso sugeri que os pontos pela solidariedade fossem dados para os dois times, eles/as concordaram.

Dei o resultado final e disse que já poderiam sair pois havia iniciado o intervalo, Brena veio até mim contar que o jogo havia sido difícil, foi bem disputado e o time dela havia vencido com bastante esforço.

Chocolate começou a contar sobre uma estratégia de defesa que ele ajudou o time a executar durante a partida. Falei para corrermos, pois começa a choviscar e nos despedimos.

Diário XIV

05/09/2019

Participantes:

Julia, Mateus, Brena, Leo, Chocolate, Manuela, G.N.T., Amanda, Inemafoo, Marcos, Rafa, Gabriele, Thomas, Lara, Priscilla, Jack(2), Jack, E-Manoela, Vick, El Gato, Jادلisom, Munlock, Laura, Nick, Gabriela, Allan, Goege Lima.

Atividades:

- Vivência do Rugby touch;
- Aplicação da metodologia Callejera em seus 3 tempos.

Vale 4 mil pontos!

Após chegar na escola, pegar o material e subir na classe, fui recebido com aquela comemoração como era de costume, no entanto a professora chamou a atenção das crianças sobre a gritaria e falou para a classe que eles/as haviam agido daquela maneira quando chegaram à classe e observaram que as carteiras estavam dispostas de maneira diferente, ao invés de formarem as fileiras, como normalmente, as carteiras estavam dispostas em forma de “U”, quando a professora terminou a classe estava em silêncio.

Fiz a chamada, pedi para que pegassem seus pertences e formassem a fila para irmos para a quadra. Me perguntaram se a fila era mista e respondi que era e que poderiam entrar na fila que quisessem.

Enquanto caminhávamos para a quadra El gato me perguntava sobre qual bola eu preferia, eu estava levando duas bolas de marcas diferentes, uma delas era mais nova e portanto com um “grip” melhor, eu disse para ele que preferia aquela por ser mais áspera e assim melhor para segurar pois não escorregava tanto quanto a outra que tinha sido mais usada e estava mais gasta.

Ainda a caminho da quadra, pedi que pisassem na linha branca da quadra de Vôlei assim que chegassem lá. Gabriele me perguntou se eu separaria a classe em dois times, respondi que hoje separaríamos em 4 pois tinha bastante gente. Chegamos na quadra e algumas crianças pediram para que eu segurasse o dinheiro delas.

Enquanto eu procurava em minha agenda a folha que continha os nomes dos integrantes de cada equipe, Munlock veio me informar que o time dele deveria

jogar contra o de Marcos, Leo foi contar para Munlock que haviam vencido na aula passada e Munlock comemorou.

Allan, que segurava uma bola me perguntou sobre qual era o material que a bola era feita, eu não sabia explicar, falei para ele que não conhecia aquele material e que achava que era uma borracha sintética.

Após juntar os integrantes de cada equipe, pedi que fôssemos para o “circulô” na linha preta para iniciarmos o 1º tempo, Marcos falou:

- As regras!!!

Perguntei se alguém queria colocar alguma regra, eles/as disseram não, então perguntei sobre alterar alguma regra, como disseram não eu comecei a recaptular regras do jogo passado, propositalmente falei perguntando:

- Só menina vale fazer ponto, né?

Allan falou na sequência:

- Vale 4 mil pontos!

Algumas outras crianças corrigiram dizendo que valia 5 pontos, porém eles/as ainda não haviam se atentado que eu tinha dito que somente as meninas poderiam fazer o ponto.

Até que Munlock falou irridato:

- É injusto professor! Só menina vale fazer ponto?

- É injusto? Perguntei.

Brena quis falar, pedi para ouvirem.

- Mas eles também podem participar, fazer ponto.

Outras crianças falaram junto, pedi para falarem um por vez para que pudéssemos ouvir o que a pessoa falava e dei voz para outra menina, Lara:

- Eles não jogam a bola para as meninas!

- Então eu acho bastante justo só as meninas poderem fazer ponto.

Concluí após a fala de Lara.

E a gritaria foi geral. Leo queria falar, eu pedi que esperasse um pouco até que o pessoal acalmasse, pois não seria possível entender o que ele ia dizer. Ele passara a pedir silêncio, até que chegou o momento dele falar:

- Não dá para tocar pra elas, tipoooo ..., na terça-feira eu tava ali ó, tocaram em mim, aí eu ia passar pra elas, elas estavam grudadas em mim.

- Óia que mentira Leo!!!

- Espera um pouquinho Brena, tem que orientar as pessoas Leo, ó vai um pouco mais pra lá! Olha aquele pedaço vazio ali ó! Eu disse.

Goege havia levantado o braço, por fim não quis falar e Brena retomou a fala:

- Professor, as vezes eles jogam alto e agente não consegue pegar.

Perguntei para todos/as sobre o exercício de passe que realizamos e qual foi a recomendação de local que deveríamos mirar para passar a bola, ao que eles/as responderam que era na barriga.

- Isso, aí fica fácil de abraçar e trazer para o corpo, né?! Falei.

Voltamos a tratar da questão de validade dos pontos, Goege e E-Manoela deram a ideia dos pontos feitos pelas meninas valerem 5 e o dos meninos valer 3 pontos.

Munlock emendou dizendo:

- O ponto das meninas vale 6 porque o ponto no Rugby vale 6 pontos e o dos meninos vale 1.

A grande maioria comemorou gritando:

- Eeeeeeeeeeeee!

- Então temos duas propostas, vocês vão escolher uma ou outra, votem em apenas uma, quem vota na proposta ponto de menina vale 5 pontos e ponto de menino vale 3, essa é a primeira proposta, quem vota nessa?

Contei dezenove crianças com uma mão levantada e visualmente pude identificar que era a maioria, então eu disse que nem precisaríamos colocar a outra proposta pois essa já havia vencido.

Algumas crianças que preferiam a outra proposta reclamaram, eu disse que colocamos as propostas para votação e essa havia ganhado, que isso também ocorre na vida real como no caso da política; terminei por dizer que as pessoas que não quisessem participar do jogo assim com essas regras poderiam sair.

Esperei um pouco, como ninguém saiu, comecei a separar os times chamando os nomes das pessoas integrantes. Contei as pessoas de cada equipe para verificar se era necessário algum remanejamento. Em metade da quadra ficaram 2 times com 7 pessoas cada e na outra metade mais 2 times um com 6 pessoas e outro com 7.

Perguntei para as crianças se elas se importavam e jogar com times que tinha número diferente de pessoas mas elas disseram que não, segui questionando,

agora para os/as integrantes dos quatro times se alguém possuía alguma dúvida e fiz um pedido geral de que as pessoas que haviam jogado mais ajudassem, ensinassem as pessoas que tinham jogado menos vezes.

Fui saindo para a lateral da quadra e falei que poderiam iniciar, logo Munlock fez um try e veio me informar o ponto; os jogos transcorriam com as pessoas bem alegres, elas iam jogando e falando.

Marcos veio até mim falar de um lance irregular, eu perguntei para ele como era a regra e pedi que ele conversasse no grupo e decidissem o que deveria acontecer.

Eu observava um lado da quadra onde ocorria um jogo, Laura parecia não ter entendido sobre a regra de não passar a bola para frente, quando ela passou pela terceira vez e o time dela perdeu a posse de bola eu pedi para parar o jogo e que explicassem para ela como era essa regra.

Enquanto explicavam para Laura fui observar o outro jogo, também pedi para parar o jogo e arrumassem as linhas de defesa e de ataque com os dois passos atrás da linha da bola quando fossem cobrar o lateral. Pedi para que atentassem a regra e verificassem se as pessoas a cumpriam. Enquanto explicava segui até um lado e ajudei a contar os dois passos para a formação da linha de defesa. Aproveitei também para lembrar sobre a dificuldade que Leo havia mencionado em passar a bola quando as pessoas ficavam muito perto umas das outras e pedi para que observassem a distância que mantinham umas das outras.

Estou pensando no porquê de as meninas ficarem perto umas das outras, talvez seja para se protegerem, talvez devam sentir-se mais seguras, preciso investigar mais isso.

Após mais algum tempo de jogo pedi para pararem, pois eu mudaria os times que estavam em confronto, o time de 6 pessoas jogaria contra outro time de 7, verifiquei se alguém via algum problema nessa diferença, me disseram que não havia.

Enquanto andava em direção a lateral da quadra para dar espaço para que o jogo acontecesse falei para se lembrarem de ajudar as pessoas de seu time, e Jack(2) me lembrou dizendo:

- E ajudar as pessoas do outro time também!!

Falei que poderiam retomar o jogo quando estivessem prontos/as. Chocolate veio até mim perguntar se seu time havia feito 6 pontos pois Gabriela havia sido pega com o pé em cima da linha de fundo, Goege que era

do time da Gabriela veio junto e alegava que não tinha sido ponto, pois a menina não havia passado a linha de fundo, perguntei para eles qual era a regra.

Ficamos mais algum tempo conversando pois não havíamos previsto essa situação, quanto deveria valer um try de uma menina quando ela fizesse contra? Eu sugeri que valesse 1 ponto, tendo em vista que quem pegou a menina tinha sido um menino e não outra menina. Por fim voltaram ao jogo concordando na validade de 1 ponto.

Observei um lance para levar para discussão na mediação do 3º tempo, Munlock estava com a posse da bola e havia sido tocado, então jogou a bola no chão, Brena lembrou que a bola ainda era do time deles.

Continuei a observar o jogo, E- Manoela fez um try e eu a cumprimentei pela jogada, em seguida chamei as crianças para a reunião da mediação. Mesmo antes de começar o 3º tempo Allan comentava alguns lances da partida com os/as integrantes de seu time.

Iniciamos a mediação verificando o cumprimento dos Pilares, começamos por Respeito, verifiquei o respeito na equipe de Munlock, tanto dentro do time, quanto no jogo com o time de Marcos e depois com o time de Allan; todos/as concordaram que houve respeito, portanto tiveram 1 ponto pelo cumprimento desse Pilar.

Aí me lembrei que havia pulado a pontuação do placar do 2º tempo, retomei perguntando do resultado da partida com o time de Marcos, havia sido 0x1, como o time de Munlock havia perdido ele não somaria mais pontos no placar final.

Passei para o time de Marcos, que estava com 1 ponto pelo jogo com o time de Munlock, perguntei qual havia sido o placar do jogo com o time de Chocolate, eles/as começaram a fazer a contagem, E-Manoela que é integrante do time de Chocolate havia marcado, portanto o Time de Marcos havia perdido, não levando ponto para o placar final com esse jogo.

Após verificar os outros confrontos constatei que cada time havia vencido e perdido um jogo, portanto, cada time alcançou um ponto pelo placar do jogo. Voltei a verificar o quesito Respeito, retomando pela equipe de Marcos, eles/as também alcançaram os 3 pontos. Passamos para o time de Chocolate e todos/as de seu time e dos outros times concordaram que houve respeito, somando mais 3 pontos ao placar final e por fim, na equipe de Allan, e em relação aos dois jogos eu realizou obtiveram os pontos pelo respeito.

Passamos para Solidariedade e todos os times também alcançaram os 3 pontos. Já havia dado o sinal para o intervalo, nós já havíamos notado um movimento de alunos para fora e agora tinha surgido mais alunos/as; resolvi terminar e informei, após consultar minhas anotações na agenda, um empate entre todas as equipes, pois estavam com o mesmo número de pontos no placar final.

Enquanto as crianças iam subindo, Munlock veio até mim questionar o resultado, retomei a contagem com ele; Allan também se aproximou, pois tinha dúvida quanto a pontuação, pois uma garota de seu time havia pontuado, voltei a explicar para ele que não importava de quanto o time havia vencido o 2º tempo, o resultado do jogo seria 1 ponto no placar final.

Agora que escrevo o diário noto que duas meninas de times diferentes pontuaram nos jogos de hoje, fico feliz, pois para mim isso evidência um aumento na participação feminina na atividade.

Já subíamos para o intervalo, a aula havia acabado os resultados não estavam mais sendo questionados e Leo veio me contar que tinha ajudado E-Manoela em um jogo, Brena que era de seu time e que em outra ocasião também ajudara Amanda.

Chocolate contou após a fala de Leo que teve um acidente durante o jogo com E-Manoela, ela havia batido no olho dele e depois havia se desculpado.

Ouvir esses comentários dos alunos/as sobre as questões tratadas em aula que são potencializadas pela metodologia *callejera* me anima e motiva a seguir no desenvolvimento do trabalho. Parece que eles/as estão interagindo de maneira mais amigável, eles parecem estar sendo mais solícitos com as meninas, digo isso pensando na fala de Leo que apresentei anteriormente.

Participantes:

Julia, Brena, Leo, Chocolate, Bruce, Ágata, Manuela, G.N.T., E-Manoela, Amanda, Allan, Inemafoo, Sabrina, Vick, El Gato, Jادلison, Laura, Nick, Marcos, Rafa, Gabriele, Goege Lima, Thomas, Kauan S., Priscilla.

Atividades:

- Aplicação da metodologia *callejera*;
- Vivência do Rugby touch.

A lagarta aluna

Hoje estava bastante quente, desde ontem que a temperatura se elevou bem, portanto fui a escola de carro, para que não chegasse suado para dar aula.

Chegando à escola, assinei o ponto, cumprimentei a diretora e uma funcionária inspetora de alunos, dirigi-me a sala dos professores para pegar a chave do quatinho de materiais de Educação Física para que eu pudesse pegar as bolas.

Voltei a sala dos professores para guardar a chave e pegar a caderneta de chamada, enchi uma das bolas que estava um pouco murcha e logo segui para a classe, pois estava a tempo de dar o sinal.

Não pude fazer o caminho que normalmente faço, pois, o portão que dá acesso ao segundo piso do prédio estava trancado com cadeado, não me recordo de ter ocorrido isso dentro dos 13 anos que ministrou aulas nessa escola. Dei meia volta e subi pela outra escada. Quando cheguei à classe, a porta estava fechada, bati à porta e logo abriram, a sala estava bem silenciosa, alguns alunos(as) comemoraram, eu os cumprimentei observando a carteira dos que se sentavam na primeira fila, notei que eles faziam uma tarefa de Matemática.

Olhei para a professora e notei que ela parecia cansada, comentei isso com ela, ao que obtive um sim, seguido do comentário:

- E hoje é só terça-feira;

Comentei sobre o calor, a sensação térmica está elevada o que pode contribuir com o cansaço. Coloquei as bolas no chão, próximo a parede do quadro branco, apoiei minha caderneta em uma carteira que estava vazia, era o local onde

se sentava Jack(2), ele havia faltado. No entanto, outros dois alunos que faltam bastante, Davi e Carlos vieram hoje.

Fiz a chamada rapidamente, enquanto alguns alunos conversavam, pedi que pegassem as coisas que iriam levar para o intervalo e que formassem as filas mistas começando pelas meninas na frente. Chocolate pegou uma bola, e chamou outro garoto para pegar a outra.

As meninas saíram à frente formando as filas no caminho que desceria a escada que estava com o portão trancado, de dentro da classe falei para formarem as filas no corredor do outro lado, pois o portão estava fechado, outras crianças que ouviram orientaram as meninas que encabeçavam as filas.

Fui passando entre as filas quando Nick me deu um chicletes, ele ficou parado enquanto a fila andava, Munlock que estava logo atrás dele falou para ele andar, Amanda passou entre eles, Nick achou que ela havia empurrado e deu um soco no braço dela, eu chamei a atenção dele, dizendo que ele já ia começar a encrencar, Munlock insistia para que ele andasse, eu perguntei:

- O que está acontecendo? Agente não consegue sair sem arrumar confusão?

Observei que a fila das meninas estava menor que a dos meninos, E-Manoela sinalizava que as filas eram mistas, mas os meninos resistiam em entrar na fila da esquerda, Brena, também falou que as filas eram mistas. Eu fui andando e as crianças forma se ajeitando nas filas.

Fomos até a quadra, e pedi para que as crianças sentassem umas perto das outras de forma que seus grupos fossem feitos, alguns ficaram perdidos e acabaram sendo ajudados pelos demais, logo que sentamos Nick, sentou-se ao meu lado e perguntou de qual time Carlos fazia parte, eu disse que olharia no meu caderno para verificar, após fazer o que tinha dito, informei que ele era do time do Marcos e Laura.

Então, falei que começaríamos a conversar sobre as regras, perguntei se alguém sugeriria alguma regra diferente das que já existiam, houve um consenso quase que geral em dizer que não, perguntei então, se alguém sugeriria alguma alteração de regra. Mas uma vez houve consenso no não. Então eu perguntei para Carlos se ele conhecia esse jogo, tendo em vista que é um aluno faltoso, ele disse que não, e os(as) alunos(as) em geral começaram a falar que ele não conhecia pois faltava demais.

Carlos retrucou Davi, dizendo que ele faltava mais, outros(as) alunos(as) falavam encima dos dois que discutiam sobre quem faltava mais, defendendo Davi.

Todos conheciam e já tiveram a oportunidade de vivenciar muitas vezes esse jogo. Portanto, pedi para os integrantes do time que tinham o Carlos como integrante que o acolhesse, tivessem paciência e fossem ensinando a ele como se jogava.

Disse então que recapitularia algumas regras, alguns meninos falaram ao mesmo tempo:

- Se falar para parar, parou!

Ao que eu, propositalmente falei:

- Só menina pode fazer ponto!

Brena, que no encontro passado já havia sinalizado sobre a questão de justiça e igualdade, dizendo a pontuação deveria ter o mesmo peso, voltou a se posicionar da mesma maneira, defendendo a ideia de que não seria justo acontecer isso.

Houve uma chiadeira geral, aí Marcos falou:

- Ponto de menino vale 1 e ponto de menina vale 6;

Goege disse: Não, menina vale 7 e menino vale 6;

Ao que Marcos respondeu: Ah, é a mesma coisa que falar que o ponto da menina vale 2 o dos meninos vale 1;

Eu perguntei para ele qual seria a ideia das validades desses pontos, e ele não soube explicar, então Marcos falou novamente: é a mesma coisa que os pontos dos meninos valerem 10 e das meninas valerem 11; e Goege falou:

- Então o dos meninos vale 5 e das meninas vale 10. Ao que eu questioneei sobre qual seria a intenção de colocar essas validades nos pontos.

Após alguns segundos, expliquei que achava necessário tomar essa medida, pois em vista dos ocorridos na aula passada, as meninas eram pouco solicitadas no jogo.

Thaís disse que era verdade, que poucos meninos passavam a bola para elas, mas defendeu Chocolate, falando que ele passava a bola para as meninas. As meninas e os meninos atropelaram as falas uns dos outros, e eu disse que deveria ter ordem para falar senão nós não nos entenderíamos, pedi para que Jack e Inemafoo se sentassem, visto que estavam deitados. Ao sentar-se Jack disse: Vamos jogar loogo.

E-Manoela falou que Chocolate passava a bola, e outras meninas foram sinalizando meninos que passavam a bola. Falei a respeito da inclusão das meninas no jogo, e eles(as) foram falando mais ou menos que estava ocorrendo. Tanto as meninas quanto os meninos reconheciam que havia aumentado a participação e a tentativa em proporcionar oportunidades das meninas participarem dos jogos. Ao final toda gente concordou em que os pontos das meninas valeriam 5 e que o dos meninos valeria 1.

Pedi para que todos se levantassem e pisassem em uma marcação da quadra para que eu pudesse verificar o número de integrantes de cada time, Marcos e Julia, seguidos por outros(as) falaram que havia número igual de integrantes em todos os times. Realmente, ao verificar, constatei que 3 times estava composto por 7 integrantes e o time de Munlock possuía 6, me dirigindo aos integrante desse time, indaguei se eles(as) se sentiam em desvantagem se jogassem contra um time que possuía um integrante a mais, Ao que disseram que não.

Os times estavam dispostos no sentido da largura da quadra, com esta dividida ao meio, como a bola já estava com os meninos, pedi para que os times decidissem de quem seria a saída de cada jogo, e que poderiam começar a partida. Peguei minha bolsa, agenda e lapiseira para sentar-me na lateral, entre as duas metades da quadra.

Ambos os times estavam entrosados, e o jogo transcorria com fluência, notei um lance à minha esquerda, quando pararam de jogar e foram socorrer Munlock, que havia sofrido um acidente. Do outro lado, o time de Marcos tinha dificuldade em permanecer com a posse de bola, alguns integrantes desse grupo possuem faltas recorrentes, Amanda parecia não querer jogar, e Julia, apesar de se movimentar bastante parecia não se posicionar adequadamente de forma que contribuísse com seu time.

Logo essa falta de entrosamento refletiu na marcação de pontos por parte da outra equipe, notei que Marcos ficou desmotivado, continuou se empenhando, porém estava abatido.

Julia recebeu uma bola e correu para trás, Marcos falava para que ela corresse para frente, logo a pegaram. Em outro momento, quando o time de Marcos estava com posse de bola, Marcos tentara passar a bola para Laura, porém esta conversava com Julia e bola caiu no chão. Em outro lance, quando Goege, sob

pressão para dar a saída rápida jogou a bola demasiado alto em direção a Amanda, que não conseguiu pegar a bola.

O jogo de um lado da quadra transcorria muito bem, já do outro estava bem complicado para um time, Julia veio até mim pedindo para parar um pouco, pois tinha batido o braço em uma jogada e estava sentindo dor, eu disse para ela ficar um pouco do lado e que se melhorasse ela poderia voltar, logo que ela sentou-se em um banco que fica ao lado, Amanda tirou a blusa de frio e sentou-se junto dela, mais alguns segundos Laura veio amarrar o tênis próximo as meninas e também sentou-se. Agora a situação do time de Marcos complicara-se de vez, eles estavam com apenas 4 jogadores em campo.

Toda gente havia jogado bastante, vários, em vários momentos tinham vindo até mim pedir para beber água. Então decidi parar os jogos e pedir para que fossem beber água e se sentassem na roda. Alguns alunos encontrara uma lagarta, e me chamaram para vê-la. Achei bem bonita, era uma lagarta grande, com a cabeça alaranjada e um corpo roliço e anelado, disse para eles não mexerem nela.

Enquanto as crianças foram chegando na roda de conversa, outros ainda ficaram vendo e mostrando a lagarta para quem estava voltando do bebedouro, a lagarta vinha em nossa direção, Leo falou que ela queria participar da aula. Então eu perguntei se ela era aluna da escola, E-Manoela perguntou se a mãe dela havia matriculado ela. Eu peguei uma folha de papel dentro de minha pasta, recolhi a lagarta e levei-a até uma árvore ao lado da quadra. As crianças comentavam sobre a lagarta, pedi para que conectassem para que iniciássemos a mediação.

Na volta deles comecei falando do resultado do jogo do lado que estava o time de Marcos. Verificamos que seu time saíra atrás no placar, então perguntei a ele sobre como ele estava se sentindo sobre aquilo, ele não soube falar. Aí eu retomei falando da alegria e fluência no jogo dos outros times, e me voltei para Amanda principalmente, e Laura questionando-as sobre a responsabilidade delas perante o time, pois ambas saíram e não voltaram, questionei ambas sobre o compromisso com o time. Amanda disse que não queria mais jogar, eu disse que tudo bem, mas será que não estava deixando o restante do time nas mãos? Perguntei para a Laura o que ela achava disso, ela disse que estava amarrando o tênis, eu havia notado isso, porém após terminar de amarrar o cadarço ela não tinha voltado.

Continuamos a mediação falando sobre respeito, e questionei os times sobre esse Pilar, ao que os meninos do time de Marcos disseram não ter havido.

Relembrei o ocorrido com Nick na saída da classe. E os dois times não pontuaram em respeito, sobre cooperação, indaguei a G.N.T., Vick e Manuela, ao que elas disseram ter participado bastante do jogo, realmente eu havia notado isso.

Quando perguntei a Julia, ela consentiu falando timidamente que interagiu bem no time, já Laura e Amanda reclamaram, ao que Marcos e Bruce disseram ter passado para Laura, porém ela estava conversando com Julia no momento do jogo, não percebendo que a bola ia na direção dela. Falei para os alunos verificarem, antes de passar a bola, se a pessoa estava olhando. Relembrei o caso ocorrido com Goege, quando passou a bola alta demais para Amanda, e perguntei para ele o que havia se passado naquele momento, se ele gostaria de falar um pouco sobre seu sentimento, pois em muitos momentos esse aluno sofre muita pressão dos demais.

Fomos para solidariedade, e todos concordaram unânimes ter ocorrido, lembrando sobre um lance do jogo em que os times invadiram os lados opostos da quadra, chegando a ter choques e quedas de alguns jogadores(as). Nesse momento do jogo, os quatro times param ver se estavam todos(as) bem, Marcos falou que ajudou Rafa a levantar-se, mesmo não sendo do time que jogava do lado que estava seu jogo.

Ouvimos o sinal para o intervalo e eu finalizei falando que hoje havia sido o time de Nicolas que havia vencido. Não me sinto confortável em colocar um vencedor, prefiro dar rendimento a mediação procurando levar as crianças a refletirem sobre os ocorridos no jogo, espero conseguir desenvolver mais essa ideia sobre a roda de conversa final e o ganho que temos em termos de coletividade, cooperação, companheirismo e solidariedade.

Diário XVI

12/09/2019

Participantes:

Julia, Mateus, Brena, Leo, Chocolate, Manuela, G.N.T., Amanda, Inemafoo, Marcos, Rafa, Gabriele, Thomas, Lara, Priscilla, Jack(2), E-Manoela, Vick, El Gato, Jادلisom, Munlock, Laura, Nick, Gabriela, Allan, Goege Lima, Bruce, Ágata, Davi, Sabrina.

Atividades:

- Vivência do Rugby touch;
- Aplicação da metodologia Callejera em seus 3 tempos.

Usar shampoo deixa o cabelo liso?

Ao chegar na classe fui recebido com o êêêêêêêêêê, cumprimentei as crianças e a professora, fui chamado pela professora que liberava um espaço na mesa dela para eu ocupar enquanto fizesse a chamada. Logo que comecei a chamar os nomes uma ex-aluna minha, que agora está no 9ºano apareceu na porta da classe e me perguntou se poderiam fazer uma ação referente ao Setembro amarelo, ao combate ao suicídio.

Falei eu poderia, ela explicou para a classe que dariam abraços em quem quisesse, então outros adolescentes da turma dela entraram na sala seguindo as fileiras de carteiras e começaram a distribuir abraços nas crianças.

Eu e outros/as alunos íamos nos reconhecendo, tendo em vista que já havíamos tido aulas juntos, fomos nos cumprimentando e abraçando também, logo entrou o professor que propôs e acompanhava os/as adolescentes que faziam ação.

Enquanto as crianças iam se abraçando o professor falava:

- Dá um abraço apertado, forte, gostoso, demorado!

Enquanto os abraços aconteciam ouvia-se a animação das crianças, tanto meninas quanto meninos comentavam sobre outros/as meninos e meninas que entravam na classe dizendo que eram bonitos/as.

Achei bem interessante a ação, os alunos/as interagiram e foi uma atividade que saiu do óbvio, onde seria conversado do assunto, lido algum texto ou assistido alguma palestra com um profissional da saúde, ações assim mobilizam mais

as crianças sobre temas tão sérios que estão tornando-se problemas de saúde pública.

Há medida que os/as alunos/as iam saindo as crianças vieram me contar sobre a intervenção que tinham acabado de sofrer. Goege Lima foi um deles que veio até mim contar que estava muito feliz, pois tinha recebido um abraço de uma menina que ele gostava.

Finalizei a chamada e pedi para que as crianças pegassem seus pertences que levariam para o intervalo e formassem as filas mistas começando pelas meninas. Alguns meninos tomaram a frente da fila mas as meninas, principalmente Brena, falava:

- Meniiiiinaas!!!

Referindo-se ao fato de eu ter pedido que as filas comessem por meninas.

Caminhávamos rumo a quadra e o assunto nas filas ainda eram sobre os abraços, Munlock comentou que nunca tinha dado tantos abraços assim na vida, E-Manoela e Amanda falaram que haviam cansado de abraçar, e comentavam sobre ter abraçado uma menina bem alta, onde tiveram que ficar na ponta dos pés mesmo com a menina tendo abaixado; outros/as falavam em ter ficado com vergonha de abraçar.

Chegando na quadra pedi que sentássemos formando um quadrado que estivesse em trechos das linhas brancas demarcatórias das linhas de 3 metros do Vôlei onde tivesse sombra. E fui mostrando onde era para sentar, achei necessária essa medida visto que estava muito quente.

Pedi que cada time ocupasse uma linha, cheguei perto de Marcos e pedi par quem fosse do time dele ocupasse aquela linha, Chocolate chamava os integrantes de seu time, olhei para outro lado e pedi para que Allan levasse os integrantes de seu time para aquela linha e por fim conferi uma linha onde estava Brena e perguntei se aquelas pessoas eram do time dela.

E-Manoela comentava sobre os abraços que tinham ocorrido momentos antes, que achava que seria apenas uma menina que daria os abraços e que outros/as começaram a entrar atrás dela e a fila de pessoas para abraçar não acabava mais.

O assunto voltou a ser sobre a atividade do abraço, Leo falou que tinham muitas meninas bonitas, Brena falou que também tinham meninos bonitos,

Gabriela discordou de Brena dizendo que não tinha nenhum menino bonito, já Vick disse que tinha um menino bonito apenas.

Perguntei para eles/as se queriam conversar mais sobre a atividade do abraço que tinha sido realizada ao que Leo pediu silêncio dizendo que não era hora de conversa que deveríamos começar a aula de Educação Física.

Tenho ressaltado a algum tempo que as conversas fazem parte da aula, tendo em vista que nesse momento tratamos de alguns conceitos e também aprendemos, no entanto muitos/as ainda veem a aula de Educação Física como sendo apenas a parte procedimental.

Então falei que começaríamos definindo as regras, perguntei se alguém tinha alguma para colocar, como disseram não, perguntei se queriam alterar alguma, novamente responderam não, e por fim perguntei se alguém queria acrescentar alguma regra e como disseram não novamente eu disse que queria acrescentar.

A regra seria a seguinte:

- As meninas só podem passar a bola para os meninos e os meninos só podem passar a bola para as meninas, a comemoração foi geral, e começou a conversa sobre o fato dos meninos passarem pouco a bola para as meninas.

Perguntei se alguém não queria jogar, ficar de fora assistindo o jogo e Leo soltou o comentário:

- Cê loco, hoje foi o dia que eu mais esperei para ter Educação Física!!!

Expliquei que estava perguntando isso pois queria alguém para me ajudar a olhar o jogo e posteriormente a mediação. Inemafoo se candidatou a ajudar, reforcei que não era para apitar o jogo e sim para observar os lances, cumprimento dos Pilares e atitudes das pessoas para levar para a discussão na mediação, além de auxiliar na contagem do placar final.

Dei um exemplo da observação citando um lance que havia me marcado ocorrido na aula anterior quando jogadores de times em lados diferentes da quadra chocaram-se, e o jogo parou em ambos os lados para verificarem se alguém tinha se machucado, completei falando que isso, ao meu ver era um ato de solidariedade, pois uns estavam preocupados em saber da condição dos outros.

Brena falou que o que mais havia marcado ela no jogo da aula passada foi que as pessoas estavam felizes. Achei muito interessante essa fala dela, pois externaliza a felicidade e animação apresentadas pelas crianças na hora do jogo que venho descrevendo em alguns diários anteriores.

Rafa, Julia, Gabriela também quiseram ajudar na observação, recaptulei rapidamente algumas regras, como: ponto das meninas valendo 6, ponto de menino vale 1, as meninas só devem passar a bola para os meninos e vice-versa.

Jack(2) queria fazer uma pergunta, ele questionou sobre o que deveria acontecer se um menino fosse pego e no intuito de dar continuidade rapidamente ao jogo lançasse a bola para outro menino, o que deveria acontecer?

Lancei a pergunta para a turma e alguns responderam que seria falta e a bola deveria ir para o outro time, perguntei se alguém era contra essa regra e que explicasse por quê achava que a regra não era boa. Como calaram-se, insisti perguntando se todos/as concordavam com isso, ao que disseram sim.

Também lembraram da regra que tinha que passar para pelo menos 3 pessoas antes de fazer o ponto, pedi para as pessoas que ajudariam na observação que ficassem fora da quadra para que eu pudesse visualizar os tamanhos dos times e arrumar os confrontos.

Leo me perguntou se eu lavava minha barba com shampoo, eu disse que sim, que a barba era como cabelo, só que mais dura, ele tocou levemente em minha barba e falou que era macia. Ele me perguntou se era sério que se usasse shampoo o cabelo ficaria liso, respondi que não e perguntei se ele não gostava do cabelo dele, e falei que o cabelo dele era bonito e que eu nem tinha cabelo.

Goege chegou e disse que não daria para jogar pois tinha saído duas meninas do seu time, interrompi a conversa com Leo e fui verificar a quantidade de integrantes de cada equipe. Com as saídas de integrantes para a observação um as equipes ficaram com os seguintes números de jogadores: 5, 6, 7 e 8; pedi para que vissem com as crianças que haviam saído se alguma poderia voltar para ajudar o time, no entanto nenhuma quis voltar.

Brena falava que o time de Goege estava bom, mesmo contendo 5 pessoas, pois Marcos e Bruce eram rápidos, Leo concordava, Munlock deu a sugestão de colocar o time com 5 jogando com o time que continha 6 pessoas, e o time com 7 com o de 8 pessoas.

As equipes que tinham mais integrantes concordaram sem pestanejar, no entanto eu disse que eram os times que continham menos pessoas que eram para falar, pois eles/as que poderiam julgar se era justo ou não, se eles/as achavam que daria para jogar ou não.

Bruce questionou Brena que tinha dito que ele era rápido dizendo que na aula anterior ele havia passado mal por conta de ter corrido, em cada aula Bruce vem contar sobre alguma coisa que possa impossibilitá-lo de participar da aula, então eu digo que ele pode ficar de fora e ele acaba participando normalmente das atividades.

Já perguntei para ele em outra ocasião se a mãe dele sabia desses mal-estar que ele sentia as vezes e se já tinha levado ele ao médico, ele disse que sim, a mãe sabia e já o tinha levado fazer exames, sem nada ter encontrado ou diagnosticado, penso que pode ser uma necessidade de receber atenção, pois sempre que falo que ele pode ficar de fora da aula ele participa sem ter nenhum problema.

Nick pediu para Inemafoo que estavam fora que voltassem para ajudar seu time, Gabriela falou que seria um jogo legal, pois os meninos iam passar a bola para as meninas que as pessoas deviam experimentar. Perguntei para eles/as se não poderiam ajudar os times deles/as, Inemafoo disse que seu joelho estava doendo, Julia se enrolou em dar uma desculpa e por fim disse que a perna dela doeu no dia anterior e Gabriela disse que não queria jogar.

Por fim coloquei os times com diferença de um participante a mais ou menos para jogarem juntos, pedi para definirem quem sairia com a bola e que poderiam começar a partida. Em vários momentos durante os jogos, tanto meninos quanto meninas ajudavam outros integrantes de suas equipes falando para quem era para passar a bola.

Como das outras vezes era possível notar o divertimento acontecendo durante a execução da atividade. Gabriela veio me contar sobre um lance que havia observado sobre um descumprimento de regra, pedi que ela continuasse observando e que lembrasse de colocar o acontecimento na hora da mediação.

Observei em um lado da quadra onde jogava o time de Munlock que ele monopolizava o jogo passando a bola para as meninas e pedindo de volta para atacar novamente. Do outro lado da quadra os times pararam de jogar para socorrer Bruce que havia parado no canto levando a mão na orelha.

Pedi para ele vir até mim para contar o que tinha acontecido, ele me disse que sentiu uma dor quando virou a cabeça para olhar do lado, perguntei para ele se ele queria parar de jogar e se queria pedir para uma inspetora ligar para a mãe dele vir buscá-lo. Bruce respondeu que não, que queria jogar e voltou para a atividade.

Antes que ele voltasse, pedi para pararem os jogos dizendo que era uma pausa para beberem água e respirarem um pouco.

Brena disse:

- liiii, já acabou a aula!

- Já acabou o jogo professor? Perguntou Munlock.

Conferi o horário e como já era tempo de terminar respondi que sim comentando que quando estamos jogando não percebemos o tempo e ele acaba passando rápido, chamando os/as outros/as Mediadores para sentarem no quadrado onde tinha sombra, chamei também aqueles/as que não haviam saído para beber água.

Munlock veio reclamar de um ponto que seu time havia feito contra dizendo que a menina não estava na linha, retomei com ele a regra dos dois passos para trás da linha da bola e que o ponto já tinha sido observado antes, pois o time dele teriam que formar a linha de defesa a dois passos para trás da linha bola ultrapassando a linha do try. Ele insistia em não ser ponto pois ele havia sofrido uma falta, alegando ter sido empurrado por Goege.

Gabriele disse ter visto e que após o ocorrido Goege saiu dando risada, Goege justificou-se dizendo não ter culpa de ser forte e começou a querer amedrontar Munlock dizendo repetidas vezes:

- Eu empurrei?

Deixei a discussão ocorrer até o ponto onde Goege disse que iria pegar Munlock no intervalo, quando eu perguntei o que ele tinha falado, ele se levantou e começou a sair. Pedi várias vezes para ele voltar para conversarmos. Goege deu algumas voltas e sentou-se, achei melhor não falar nada naquele momento e discutir o ocorrido na medição que começaria.

Marcos falava para um/a integrante de seu time que Munlock havia xingado ele, e Munlock falava sobre a diferença de trombada e empurrão, e Marcos falava que os dois haviam errado sem mencionar que havia sido xingado; as crianças que voltavam da água e do banheiro eram informadas que deveriam sentar perto das pessoas de sua equipe.

Jack(2) pedira para que eu começasse pelo time dele, que havia jogado com o time de Chocolate, perguntei sobre a pontuação e fui informado que havia sido 1 à 1, portanto um ponto para cada equipe na contagem final, perguntei do respeito as regras, disseram que sim; e sobre o respeito a outrem, disseram que houve.

Iniciei a verificação do Companheirismo/Cooperação perguntando de alguma menina achava que tinha recebido pouco a bola, responderam negativamente com a cabeça, então perguntei se algum menino achava que tinha recebido pouco a bola.

Goege falou que não tinha recebido, tanto os integrantes do time de Jack(2) quanto os integrantes do time de Chocolate perguntaram para Goege se ele era do time deles, indicando que a contagem do placar ainda não estava sendo verificada no jogo que ele havia participado.

Voltei me para os outros dois times e repeti a pergunta, nesse momento Goege não falou mais nada, perguntei para Thomas se ele havia gostado da participação dele, E-Manoela disse chamou Thomas para jogar pois ele estava em um canto da quadra. E ele disse que havia gostado.

Perguntei para Mateus se ele havia jogado, ao que disse sim, perguntei se ele gostaria de falar alguma coisa, ao que respondeu não com a cabeça.

Entrei na discussão sobre Solidariedade e as crianças começaram a contar sobre terem ido verificar os/as companheiros/as em vários momentos do jogo se precisavam de ajuda ou se estavam bem. Jack(2) falou sobre uma ajuda a Lara e Bruce também contou ajudou em outros momentos.

Fechei o placar final com empate dos times, pois ambos pontuaram em todos os quesitos.

Então voltei me para os outros dois grupos e comecei falando sobre a dificuldade de lidar com as emoções, e isso fica mais evidente, ou mais aflorado em alguns momentos como por exemplo o jogo, pois queremos ganhar e acontece de ficarmos tensos e nervosos, aí segui perguntando para Goege se ele achava que tinha sido injustiçado, que ele não tinha tido a intenção de empurrar Munlock e se realmente não tinha medido a força na hora do toque.

Ele respondeu que não havia empurrado. Então perguntei se ele gostaria de falar mais alguma coisa. Laura e E-Manoela disseram que ele não tinha empurrado forte, mas que Munlock havia caído.

Dei uma pausa nessa discussão e perguntei sobre o placar do jogo, o time de Marcos havia pontuado, Gabriele, seguida por Brena falavam que estavam em cima da linha quando receberam a bola, então eu perguntei sobre como era a regra da pontuação, Chocolate explicou especificamente falando sobre a questão de

estarem em cima da linha, aí entenderam porque tinha sido ponto, não sei se ficaram convencidas.

Gabiela começou a falar que notou o movimento de Munlock no jogo que trocava seus passes com Brena, eu disse que havia notado esse movimento e que era uma estratégia e inseri a questão do companheirismo na discussão perguntando para Leo se ele tinha ficado satisfeito com o número de vezes que havia recebido a bola durante o jogo.

Leo disse ter recebido pouco a bola e Jadlisom contou que recebeu apenas uma vez, continuei falando que a inclusão das meninas foi muito legal, porém ficamos com outro problema que foi excluir os meninos que devemos estar atentos a toda gente do time que a sensação de tentar participar, ajudar a equipe e não ser incluído e desmotivadora.

Eu notara que alguns alunos saíam para o intervalo, porém ainda não era hora, ainda tínhamos mais coisas para conversar, no entanto o número de alunos para fora aumentou consideravelmente e achei melhor terminar a aula dizendo para aqueles times que não havia conseguido finalizar a contagem do placar final.

As crianças foram saindo e dessa vez fui acompanhado por Marcos que me contava sobre sua canela que estava roxa por causa de um chute que levou no dia anterior no treino de Futsal. Bruce também estava conosco, perguntei para ele sobre o pescoço, ele disse que estava melhor pois tinha feito uma massagem que a mãe dele havia ensinado, Goege veio pedir desculpas sobre o que tinha acontecido, eu disse que não precisava se preocupar, que eu entendia que no calor do momento tomamos algumas atitudes que não são adequadas e depois mais calmos vemos que erramos, por isso eu tinha deixado passar um tempo na aula e retomei o assunto somente mais tarde, e pedi para que ele falasse o que tinha sentido para que as outras pessoas pudessem entender o porquê daquele comportamento anterior dele e que também havia reconhecido que excedeu no ato de defender-se.

Estávamos entrando no prédio e nos despedimos.

APÊNDICE F - PRODUTO EDUCACIONAL - UNIDADE DIDÁTICA EM JOGOS DE INVASÃO

Este produto educacional intitulado “JOGOS DE INVASÃO, METODOLOGIA CALLEJERA E CONHECIMENTOS ATITUDINAIS: DIÁLOGOS EM UMA UNIDADE DIDÁTICA” objetivou investigar a emergência de saberes na dimensão atitudinal dos conhecimentos. O intuito da produção desse material didático é colaborar com os/as professores/as no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, permitindo ampliar e dar subsídios aos processos de pesquisa, elaboração e planejamento de suas aulas.

Segue abaixo link de acesso:

<https://www.proef.ufscar.br/arquivos/bancas-e-eventos/produto-educacional-fabio-2.pdf>

ANEXO

ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

OSMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR
Professor Adjunto - DEFMH/UFSCar

E-mail: osmar@ufscar.br Ramal: 3306-6759



São Carlos, 14 de Fevereiro de 2019

Prezado(a) senhor(a),

Venho através deste, apresentar o aluno Fabio de Moraes, regularmente matriculado no curso de Mestrado Profissional em Educação Física, com polo na Universidade Federal de São Carlos e solicitar a valiosa contribuição desta respeitada instituição, no sentido de permitir que o referido aluno realize sua pesquisa sob o título "Processos Educativos emergentes da Metodologia Callejera na Educação Física escolar".

A pesquisa será realizada por meio de uma intervenção com um número de aulas e de rodas de conversa a ser acordado, realizada pelo pesquisador em aulas de Educação Física com turmas do Ensino Fundamental. O estudo terá como objetivo analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais, decorrentes da Metodologia Callejera nas aulas de Educação Física.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários e desde já agradeço atenção dispensada.

Contato do pesquisador: osmar@ufscar.br (19) 99677-1581

Atenciosamente,

Osmar Moreira de Souza Júnior
Professor Adjunto
DEFMH/UFSCar

Ilmo(a). Sr(a).

Prof(a). _____

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Processos educativos emergentes da Metodologia Callejera na Educação Física escolar

Pesquisador: Osmar Moreira de Souza Júnior

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 08625919.2.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.245.111

Apresentação do Projeto:

Considerando a emergência do Futebol Callejero como ferramenta da educação popular em especial em países da América Latina, o presente estudo pretende, por meio dos pressupostos da pesquisa-ação, analisar os processos educativos emergentes da adoção da Metodologia Callejera na Educação Física escolar, em especial no que tange aos saberes atitudinais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os processos educativos decorrentes da utilização da Metodologia Callejera nas aulas de Educação Física Escolar.

Objetivo Secundário:

Investigar os processos educativos decorrentes da utilização da Metodologia Callejera em outros tempos e espaços escolares além das aulas de Educação Física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos são os mesmos das aulas de Educação Física (quedas, escoriações) e também por haver roda de conversa, os participantes estão sujeitos a algum tipo de constrangimento, que serão minimizados pelos pesquisadores que farão a mediação das rodas de conversa.

Benefícios:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.245.111

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 04 de Abril de 2019

**Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador(a))**

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP **Município:** SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br